



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ (PUCPR)

ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA (PPGT)

RENATO BARBOSA DOS SANTOS

FAMÍLIA E RELAÇÕES FAMILIARES À LUZ DA PATRÍSTICA

CURITIBA

2020

RENATO BARBOSA DOS SANTOS

FAMÍLIA E RELAÇÕES FAMILIARES À LUZ DA PATRÍSTICA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, como requisito obrigatório para obtenção do título de Doutor em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Mário Antônio Sanches

CURITIBA

2020

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Pamela Travassos de Freitas – CRB 9/1960

Santos, Renato Barbosa dos
S237f Família e relações familiares à luz da patrística / orientador: Mário Antônio
2020 Sanches. – 2020.
173 f. : il. ; 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba,
2020
Bibliografia: f. 158-165

1. Teologia. 2. Amor. 3. Aborto. 4. Famílias – Relações. 5. Família - Igreja
Católica. 6. Padres da Igreja. 7. Parentalidade. 8. Planejamento familiar.
9. Sexo. I. Sanches, Mário Antônio. II. Pontifícia Universidade Católica do
Paraná. Pós-Graduação em Teologia. III. Título

CDD 20. ed. – 230

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE TESE Nº.002.2020
DEFESA PÚBLICA DE TESE DE DOUTORADO DE TEOLOGIA**

Renato Barbosa dos Santos

Aos dezenove de fevereiro de dois mil e vinte, às quatorze horas reuniu-se na sala defesa da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a banca examinadora constituída pelos professores: Mário Antônio Sanches, Luiz Fernando de Lima, Mário Antonio Betiato, Luiz José Dietrich, César Leandro Ribeiro para examinar a Tese do candidato Renato Barbosa dos Santos ingressante no Programa de Pós-graduação em Teologia - Doutorado, em dois mil e dezesseis. Área de concentração: Teologia Ético - Social- Linha de Pesquisa: Teologia e Sociedade. O doutorando apresentou a Tese intitulada: Família e Relações Familiares à Luz da Patrística. O Candidato fez uma exposição sumária da Tese, em seguida procedeu-se à arguição pelos Membros da Banca e, após a defesa, o candidato foi APROVADO pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 16 h 40 min. Para constar, lavrou-se presente Ata, que vai assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

Observações: INCORPORAR NA TESE AS SUGESTÕES DA BANCA.

Prof. Dr. Mário Antônio Sanches
Presidente/Orientador

[Assinatura]

Prof. Dr. Luiz José Dietrich
Convidado Interno

[Assinatura]

Prof. Dr. César Leandro Ribeiro
Convidado Interno

[Assinatura]

Prof. Dr. Luiz Fernando de Lima
Convidado Externo

Luiz Fernando de Lima.

Prof. Dr. Mário Antonio Betiato
Convidado Externo

[Assinatura]

[Assinatura]



Prof. Dr. Rudolf von Sinner

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia - *Stricto Sensu*

Olhamos para as coisas a partir de um sentido e na busca de sentido, ao mesmo tempo que articulamos uma mudança da realidade com criatividade. (Sanches)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, criador de tudo e de todos, que por sua graça permite que nEle sejamos e existamos. Por seus dons caminhamos nesta pequena fagulha de existência, onde, aos poucos e misericordiosamente, Ele se revela com paciência diante de nossa precariedade.

Agradeço a meu falecido pai e a minha mãe, por terem me gerado e, cuidando de mim, favoreceram a possibilidade deste momento. O que me deram não é mensurável. Contudo, de nada esquecerei.

Agradeço a minha amada esposa Cláudia, que sempre me estimulou a perseverar nos estudos. Sem seu apoio, nada disso seria possível. Tenho a consciência que mesmo que quisesse, não teria como retribuir o que tem feito por mim nesses longos anos de estudo.

Agradeço a meus filhos: Guilherme, Mariana e Gustavo, por serem permanente fonte de inspiração e estímulo. Pela paciência com que trataram meus momentos de dificuldade que se manifestavam muitas vezes diante do cansaço, bem como pelo apoio e colaboração a que se dispuseram.

Agradeço a todos os professores que passaram por minha vida e que, de diversas maneiras, me ensinaram lições que contribuíram para meu crescimento e amadurecimento acadêmico.

Agradeço a meu orientador, Professor Doutor Mario Antônio Sanches, por ter me aceitado como seu orientando desde a iniciação científica, depois no mestrado e agora neste doutorado. Seu exemplo, suas expressões, seu modo respeitoso de orientar e seu caráter, estarão sempre entre os principais referenciais em minha carreira profissional e minha vida.

RESUMO

O inquietante tema da família e as discussões que a envolvem, nos convocam a refletir de maneira sistematizada a respeito da diversidade cultural que hodiernamente se revela causando mudanças conceituais que desafiam sobremaneira o assim chamado modelo tradicional de família.

Tendo em vista a necessidade de informações e diante da diversidade que abarca as discussões, desenvolvemos a pesquisa em diálogo com a bioética de maneira que, a partir da história da Igreja, especificamente o período da Patrística, que se estende do século I até o século VIII, onde os Padres (pais da Igreja), diante das questões que envolviam seu contexto, propuseram-se a dar respostas e defender o cristianismo então institucionalizado, ou oficial, daquilo que consideravam distorções e equívocos que, em muitos casos, naquele tempo eram classificados como heresias. A pesquisa bibliográfica desenvolveu-se de maneira que o foco foi o tema da família e das relações que a envolvem. Lançando mão dos resultados da pesquisa de campo efetuada pelo Grupo de Pesquisa Teologia e Bioética que se referem ao tema aqui tratado, ou seja, a respeito da família e suas relações. Deste modo, a partir da pesquisa bibliográfica, buscamos elaborar uma reflexão teológica sobre a família, levando em consideração a dinâmica teológica atenta à Tradição com os olhos voltados à realidade atual. Após um registro histórico sobre os períodos da Patrística e de seus protagonistas, o trabalho foi organizado em cinco temas, sendo eles: 1) agentes de pastoral e planejamento familiar; 2) a relação sexualidade e amor; 3) o filho como benção; 4) relação entre ato sexual e matrimônio e 5) aborto e abandono de crianças. Em cada tema, a partir da análise dos resultados da pesquisa de campo, recorreremos aos autores da Patrística que, em seu tempo, já enfrentavam situações análogas à atualidade, o que deu à pesquisa a possibilidade de verificar se há ou não consonância com o que diz a Igreja a respeito da família e de suas relações a partir da Tradição, com relação ao que a pesquisa de campo revelou. Embora a pesquisa bibliográfica ter obtido um volume considerável de informações, foi necessário fazer o devido recorte de forma que para cada tema fossem selecionados principalmente aqueles autores que tratam de maneira mais objetiva daquilo que aqui nos propomos. Com isso parece-nos evidente que o debate a respeito da família não se encerra, pois diante dos desafios que cada período histórico oferece, revela-se a necessidade perene de uma reflexão livre de determinismos e que possa estar atenta à realidade que cerca aqueles que são diretamente responsáveis pelas decisões que afetarão a vida toda de todos os envolvidos.

PALAVRAS-CHAVE: Família, Patrística, Amor, Sexualidade, Aborto, Parentalidade

ABSTRACT

The astonishing theme of the family and the discussions that involve it, call on us to reflect in a systematized way about the cultural diversity that today proves to cause conceptual changes that greatly challenges the so called traditional family model. In view of the need for information and in view of the diversity that encompasses the discussions, we develop research in dialogue with bioethics in a way that, from the history of the Church, specifically the period of Patristics, which extends from the 1st century to the 8th century, where the Fathers, in the face of the questions surrounding their context, proposed to give answers and defend Christianity from the distortions and misconceptions that, in many cases, at that time resulted in heresies. Bibliographic research developed in a way that the focus was on the theme of the family and the relationships that involve it. Using the results of field research carried out by the Theology and Bioethics Research Group that refer to the theme treated here, it means, about family and its relations. Then, from bibliographic research, we seek to elaborate a theological reflection on the family, leading in consideration the theological dynamics attentive to tradition with eyes focused on the present reality. After a historical record about the periods of Patristics and its protagonists, the work was divided into five themes: 1) pastoral agents and family planning; 2) the relationship sexuality and love; 3) the son as a blessing; 4) relationship between sexual act and marriage and 5) abortion and abandonment of children. In each theme, from the analysis of the results of field research, we turned to the authors of Patristic who, in their time, already faced situations analogous to the present day, which gave the research the possibility to verify whether or not there is consonance with what the Church says about the family and their relationships from tradition, in relation to what field research revealed. Although the bibliographic research obtained a considerable volume of information, it was necessary to make the proper clipping so that for each theme were selected mainly those authors who deal more objectively than here in the Propose. With this it seems clear to us that the debate about the family is not closed, because in the face of the challenges that each historical period offers, it is revealed the perennial need for a reflection free of determinism and that it may be attentive to the reality that surrounds those that are directly responsible for decisions that will affect the whole lives of all involved.

KEYWORDS: Family, Patristic, Love, Sexuality, Abortion, Parenthood

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

At	Livro dos Atos dos Apóstolos
B.A.C.	Biblioteca de Autores Cristianos
CAN	Canon
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
Ef	Carta de Paulo aos Efésios
GS	Constituição Pastoral Gaudium et Spes
Gn	Livro do Gênesis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Lc	Evangelho segundo Lucas
Mt	Evangelho segundo Mateus
OMS	Organização Mundial da Saúde
SPSS	Statistical Package for Social Science
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
2 Tm	Segunda Carta de Paulo a Timóteo

LISTA DE TABELAS

TABELA	TEMA	PÁGINA
1	Idade atual dos entrevistados.....	74
2	Atuação na Igreja nos seguintes setores.....	74
3	A religião influenciou na escolha do método contraceptivo.....	75
4	Como você se posiciona se o/a catequista falar que "a sexualidade é uma parte importante e valorizada na vida crista"..	86
5	Como você se posiciona se o/a catequista falar que "O amor é a força central da vida".....	87
6	Como você se posiciona se o/a catequista falar que "O amor é a condição básica para o ato sexual".....	88
7	Relação entre casamento e ter filhos.....	98
8	Cruzamento de dados: 'Estado civil na gravidez do primeiro filho' com 'Relação entre casamento e ter filhos'.....	99
9	Compreende os filhos como.....	127
10	Cruzamento de dados: 'A religião influenciou na escolha do método contraceptivo' com 'Compreende os filhos como'.....	129
11	Chegou a desejar, em algum momento, o aborto do primeiro filho'.....	140
12	Compreende os filhos como.....	141
13	Cruzamento de dados: 'Compreende os filhos como' com 'Chegou a desejar, em algum momento, o aborto do primeiro filho'.....	141
14	Por identificação de gênero/desejo de abortar o primeiro filho.....	142
15	Com relação à chefia da família/desejo de abortar o primeiro filho.....	143

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
1.1	PROBLEMATIZAÇÃO.....	13
1.2	HIPÓTESE.....	14
1.3	OBJETIVOS.....	14
1.3.1	Objetivo geral.....	14
1.3.2	Objetivos específicos.....	14
2	JUSTIFICATIVA.....	15
2.1	A PARENTALIDADE NA TRADIÇÃO BÍBLICA.....	15
2.2	O PROJETO PARENTALIDADE.....	17
2.3	JUSTIFICATIVAS TEÓRICAS.....	18
2.4	OBJETIVO PRINCIPAL DA TEOLOGIA.....	22
3	METODOLOGIA.....	23
3.1	A PESQUISA NA PATRÍSTICA.....	24
3.2	O PROJETO PARENTALIDADE.....	25
3.3	BASE DE DADOS DO PROJETO PARENTALIDADE.....	26
3.4	BASE DE DADOS DO PROJETO EDUCAÇÃO SEXUAL.....	27
4	CARACTERIZAÇÃO DA PATRÍSTICA.....	28
4.1	PRIMEIRO PERÍODO – SÉC, I A III.....	37
4.1.1	Padres Apostólicos.....	38
4.1.2	Padres Apologistas.....	44
4.2	SEGUNDO PERÍODO – SÉC. III A V.....	55
4.3	TERCEIRO PERÍODO – SÉC. V A VIII.....	67
4.4	RELAÇÕES FAMILIARES: A ATUALIDADE À LUZ DA PATRÍSTICA	71
5	AGENTES DE PASTORAL E PLANEJAMENTO FAMILIAR.....	72
5.1	RESULTADOS DA PESQUISA.....	73
5.2	ANÁLISE DOS DADOS A PARTIR DO CONTEXTO SÓCIOECONOMICO ATUAL.....	76
5.3	REFLEXÃO A PARTIR DOS DOCUMENTOS ECLESIAIS.....	77
5.4	CONSIDERAÇÕES.....	83
6	VÍNCULO ENTRE SEXUALIDADE E AMOR.....	85
6.1	RESULTADOS.....	86
6.2	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS À LUZ DA PATRÍSTICA.....	88
6.3	CONSIDERAÇÕES.....	96
7	RELAÇÃO ENTRE ATO SEXUAL E MATRIMÔNIO.....	97

7.1	RESULTADOS.....	98
7.2	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS À LUZ DA PATRÍSTICA.....	99
7.3	CONSIDERAÇÕES.....	126
8	A CRIAÇÃO É BOA: O FILHO É UMA BENÇÃO.....	126
8.1	RESULTADOS.....	127
8.2	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS À LUZ DA PATRÍSTICA.....	129
8.3	CONSIDERAÇÕES.....	136
9	ABORTO / ABANDONO DOS FILHOS.....	138
9.1	RESULTADOS.....	139
9.2	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS À LUZ DA PATRÍSTICA.....	143
9.3	CONSIDERAÇÕES.....	150
10	CONSIDERAÇÕES FINAIS DA TESE.....	152
11	REFERÊNCIAS.....	158
	ANEXO A – INSTRUMENTO DE PESQUISA – PLANEJAMENTO DA PARENTALIDADE NO CONTEXTO DA BIOÉTICA.....	166
	ANEXO B – PROJETO: PROPOSTA DE EDUCAÇÃO SEXUAL E REPRODUTIVA PARTICIPATIVA.....	171

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUCPR assume a perspectiva de fortalecer no Programa o Estudo das Questões Sociais no Estado do Paraná, visando aprofundar a pesquisa relacionada com o projeto 'Planejamento da Parentalidade'.

A discussão a respeito da família tem tomado grande vulto, pois diante da diversidade que a globalização tem oferecido à humanidade, o choque cultural se torna inevitável. Percebe-se de um lado uma ferrenha defesa do modelo nuclear de família por parte de alguns grupos mais conservadores, e de outro lado uma acentuada relativização de valores e costumes trazidos durante muito tempo por parte da cultura que antes ditava a maneira de ser da sociedade, e atualmente se vê questionada tendo seu ponto de vista relativizado pelas mudanças culturais em que a humanidade se insere na atualidade. De todos os lados são verificados extremismos e relativismos que carecem de adequada reflexão.

Contudo, diante do peso do senso comum e da ideia de liberdade, nem sempre amadurecida, faz-se necessária a busca de esclarecimentos estabelecidos de maneira criteriosa, de maneira que se possa verificar dentro da diversidade, a importância da família e, principalmente para esta pesquisa, a importância do planejamento da parentalidade. No âmbito da Igreja Católica, diante das questões inquietantes que surgem, dada a grande diversidade que se manifesta em nossos tempos, o Papa Francisco lançou a Exortação Apostólica Pós-Sinodal "*Amoris Laetitia*", publicada em 19 de março de 2016.

A originalidade e complexidade deste trabalho está em buscar relações entre a realidade atual, analisando dados de pesquisa de campo, com a teologia presente nos Padres da Igreja e suas manifestações a respeito do tema da família, tendo em mente a grande diversidade que sempre se fez e se faz presente no cristianismo. Deste modo, esta pesquisa quer fazer um mergulho na Patrística, na busca de dados que permitam verificar de que maneira o que os Padres disseram, relaciona-se com o resultado da pesquisa de campo que revela a postura das famílias na atualidade.

Apesar da absoluta consciência de que na atualidade pode-se verificar uma evolução no pensamento da Igreja no que diz respeito à família, ao relacionamento do casal e em diversos temas que envolvem as questões abordadas neste trabalho, não ocorrerá aqui uma análise dos novos documentos, ainda que alguns possam ser citados de maneira breve. Tamanha empreitada necessitaria de outra tese que possa fazer tal relação. Em virtude disso, este trabalho manterá seu foco em buscar na Patrística dados que possam se confrontar com os resultados da pesquisa de campo.

1.1. PROBLEMATIZAÇÃO

A Patrística é o “período dos Padres e Mães da Igreja primitiva” (BOGAZ, COUTO, HANSEN, 2008, p. 25), que, tendo como base a interpretação das Sagradas Escrituras, foi responsável pela elaboração de valores e normas do agir cristão (BOGAZ, COUTO, HANSEN, 2008). Mais precisamente na Segunda Época, também conhecida como Época de Ouro, considerada como período de maior densidade da Tradição Patrística, situada historicamente entre 325, a partir do Concílio de Nicéia até o Concílio de Calcedônia, em 451, onde foram discutidas as questões nucleares da Patrística “como o símbolo apostólico, organização eclesiástica, rituais e dogmas canônicos são elaborados e aprovados pelos pastores da Igreja, e, muito especialmente pelos Concílios Ecumênicos” (BOGAZ, COUTO, HANSEN, 2008, p. 28-29). Contudo pode-se perceber nesse período uma influência maior de conceitos da cultura greco-romana do que das Sagradas Escrituras.

Naquele momento histórico, a Patrística buscou definir rumos que ajustassem universalmente a conduta dos fiéis a partir de um novo jeito de ser e existir proposto por Jesus Cristo e interpretado por seus apóstolos. O Cristianismo, que sempre se expressou de diversas formas e por isso o ideal será compreender que se fala na verdade de Cristianismos, teve por parte dos Padres da Igreja uma condução para uma formatação de linha de pensamento, o que, conforme ainda hoje se percebe, não logrou êxito. Entretanto, estando inserido no mundo romano, precisou ajustar-se à realidade que se lhe impunha, de maneira a mostrar-se como caminho de verdade e vida segundo as palavras do Cristo, e, dentro de um contexto diverso do mundo judaico e com muitas divisões internas devido às diferenças sempre presentes,

situar-se no mundo romano, onde, a partir de duros debates, foram traçados os dogmas, normas e caminhos a serem seguidos pelos fiéis.

Contudo, na atualidade, o cenário que se impõe às famílias se revela sobremaneira diverso e, em muitos casos, contraditório ao que a Tradição da Igreja revela como norma de conduta a seus fiéis. Membros ativos da Igreja em atividades pastorais como catequese, liturgia e outros, assumem uma postura autônoma diante de questões que envolvem diretamente sua responsabilidade no que diz respeito à geração e criação de filhos, bem como na intimidade do casal.

Envoltos em questões diretamente ligadas à sobrevivência, à qualidade de vida e à necessidade de preparar seus filhos para os desafios impostos pelo capitalismo, as famílias acabam percebendo-se diante de uma realidade inquietante, onde seguem sua religião, mas precisam relativizar alguns conceitos em virtude da realidade que os cerca. Entretanto, não abrem mão de sua fé. Para esta pesquisa interessa verificar como as definições da Patrística estão presentes na família nas relações familiares na atualidade.

1.2. HIPÓTESE

A Teologia da família na Patrística apresenta uma relação complexa com a família e as relações familiares nos nossos dias. Esta complexa relação será em alguns momentos de consonância e outros de ruptura.

1.3. OBJETIVOS

1.3.1. Objetivo geral

Elaborar uma reflexão teológica sobre a família que considere a dinâmica teológica de atenção à Tradição e abertura à realidade atual, mapeando a visão da Patrística sobre o tema da família e relações familiares, estabelecendo conexões com a atualidade.

1.3.2. Objetivos específicos

Os objetivos específicos do trabalho são:

- a) Identificar temas relacionados com a família e relações familiares construídas no período da Patrística, tais como: a relação sexualidade e

amor, o filho como benção, relação entre ato sexual e matrimônio e o aborto e abandono de crianças.

- b) Identificar o modo como estes temas são abordados em comunidades cristãs da atualidade.
- c) Explicitar a relação entre as questões familiares da atualidade e a reflexão teológica na Patrística.

2. JUSTIFICATIVA

2.1. A PARENTALIDADE NA TRADIÇÃO BÍBLICA.

Como resultado de pesquisa para qualificação de mestrado em teologia, foi possível verificar o impacto da Tradição bíblica no planejamento da parentalidade. Ou seja, o quanto a religião influencia a maneira como o ser humano em seu contexto cultural e conseqüentemente religioso, pensa e vive a experiência da parentalidade. Em outras palavras, a experiência de ser pai e de ser mãe diante de sua perspectiva a respeito dos desígnios divinos.

O foco da pesquisa bibliográfica da Dissertação de mestrado deu-se a partir dos livros sagrados do Judaísmo, Cristianismo e Islamismo, em virtude dessas três religiões terem uma origem comum, Abraão, e uma base comum que conhecemos como o Antigo Testamento da Bíblia. Obviamente foi necessária uma busca em muitas outras obras bibliográficas referentes ao tema.

Para o Cristianismo, soma-se ao Antigo Testamento, que inclui a Torá, que para o Judaísmo é seu livro sagrado, o Novo Testamento, que contém os relatos que ocorreram a partir da experiência pós-pascal das pessoas que conviveram com Jesus de Nazaré, bem como das comunidades que seguiram seus ensinamentos.

Para o Islamismo, após as experiências vividas pelo Profeta Maomé, que anunciou oralmente os ensinamentos adquiridos através dessas experiências às pessoas com quem conviveu e que posteriormente compilaram seus ensinamentos no livro chamado Corão.

Foi possível verificar nesse trabalho, a profunda influência da cultura sobre a religião, assim como as consequências dessa relação sobremaneira intrincada, pois cada povo, segundo sua cultura, foi ao longo de sua história reconhecendo e construindo sua imagem de Deus e sua relação com Ele.

O antigo Israel, após a experiência do Exílio da Babilônia, no século VI a.C., passou a ser reconhecido como o Povo Judeu e a partir daquela triste experiência, verificou a necessidade de rever toda sua história reconstruir sua relação com Deus, reconhecendo que deveria assumir uma postura voltada para uma centralização de sua cultura, não mais permitindo que outras culturas interferissem na maneira com que viviam sua fé.

Os cristãos, nome dado aos seguidores de Jesus Cristo por volta do ano 45 d.C. em Antioquia, tiveram o início de sua história a partir dos ensinamentos de Jesus de Nazaré, Messias em hebraico e Cristo para os gregos, o qual apresentou a face de Deus amoroso e misericordioso, combatendo incisivamente o legalismo assumido pelo judaísmo. Tudo o que Jesus fez e disse, o fez como judeu. Seu Evangelho, que foi registrado de maneira escrita por seus seguidores depois de sua páscoa, se torna a mensagem de salvação.

Os islâmicos, a partir do Corão, obra compilada pelos seguidores do Profeta Maomé, compreendem sua religião como aquela que corrige os equívocos do judaísmo e do Cristianismo, segundo as reflexões de seu grande profeta. É interessante observar que todas as reflexões aqui mencionadas ocorrem num período histórico de aproximadamente 1.100 anos, os quais mudaram culturalmente a religiosidade de parte considerável da humanidade (SANTOS in SANCHES, 2015).

Tal trabalho despertou a atenção para a necessidade de verificar as consequências desse impacto na história da Igreja no período referente ao período da Patrística, e suas consequências na atualidade, de maneira a verificar como os Padres da Igreja, dentro de um contexto tão diverso, num mundo ambigualmente influenciado pelas culturas grega e latina (Roma e Constantinopla), se relacionaram e construíram uma Teologia da Família a partir das Sagradas Escrituras, bem como de seus pressupostos certamente influenciados pelo contexto que lhes cercava.

Em sua origem, os conhecidos como Padres apostólicos tiveram contato imediato com os apóstolos e puderam testemunhar muitos acontecimentos que marcaram o início do Cristianismo. Porém, com o tempo as distâncias e a ausência das testemunhas oculares, surgem os apologistas que seguem em sua defesa dos cristãos contra as acusações providas, tanto por parte dos judeus quanto por parte dos romanos que os acusavam de deslealdade ao imperador, assim como de outros crimes.

Quando a cultura greco-romana inseriu-se no mundo cristão, por conta da aceitação do cristianismo pelos romanos, as discussões a respeito do Cristo tomam um rumo diverso daquele que tinha em sua origem. Devido às acentuadas diferenças entre a cultura trazida pelos cristãos e o mundo greco-romano, tal diversidade exige por parte dos protagonistas uma espécie de ajuste, onde os conceitos cristãos necessitam receber a devida hermenêutica para que possam ser absorvidos pela cultura greco-romana.

Com a influência da filosofia, o debate torna-se mais conceitual, o que traz em si grande importância para o desenvolvimento tanto da fé quanto dos dogmas que contribuíram para um alinhamento do discurso da Igreja. Neste contexto, insere-se o tema da família que abarca o matrimônio, a geração dos filhos, o que é o tema central de nosso trabalho.

2.2. O PROJETO PARENTALIDADE.

Esta tese está inserida no contexto de crescimento e fortalecimento do Grupo de Pesquisa Teologia e Bioética, formado em 2002, hoje vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Teologia e ao Programa de Pós-Graduação em Bioética da PUCPR. O Grupo de Pesquisa acolheu dezenas de bolsas de Iniciação Científica, várias dissertações de mestrado em Teologia e em Bioética e teses de doutorado em Teologia como estudos relacionados com os temas família, relações familiares e planejamento familiar.

Quando o Grupo de Pesquisa se aproximou do estudo do planejamento familiar, temática bastante ampla, focou na busca de compreender as causas de presença ou ausência de 'projeto de parentalidade', planejando realizar uma pesquisa quantitativa em diferentes contextos. No entanto, o pressuposto para que

uma pesquisa deste tipo tenha sucesso e seja relevante, é a existência de um instrumento de pesquisa adequado, bem elaborado. Neste momento se percebeu uma falta de instrumentos adequados para uma análise ampla destas relações, por causa da complexidade das questões envolvidas. Neste contexto surgiu o projeto de pesquisa que elaborou e validou - de 2010 a julho de 2013 – o instrumento de pesquisa *Planejamento da Parentalidade no Contexto da Bioética*. Este instrumento busca também identificar as causas da ausência ou presença de ‘projeto de parentalidade’ em pessoas que já tiveram filhos. As causas podem apontar para fatores diversos, por isso o projeto busca investigar a questão relacionando parentalidade com a) sexualidade, b) modelos de família, c) questões sociais, d) e religião. O resultado deste projeto inicial foi publicado no livro: *Planejamento da Parentalidade no Contexto da Bioética: busca de uma nova abordagem para pesquisa*.¹

A atual Tese se situa, portanto, na continuidade deste Projeto Parentalidade, por isso lançará mão de banco de dados construído pelo projeto e busca estabelecer elementos que são trazidos à tona pela pesquisa com elementos da Tradição teológica, no caso com a reflexão realizada no período da Patrística.

2.3. JUSTIFICATIVAS TEÓRICAS ATUAIS

O desenrolar da história humana tem favorecido a verificação de mudanças de crenças e costumes, das mais diversas perspectivas que se possa verificar. Em muitos aspectos, o ser humano permanece o mesmo há muito tempo. Segundo Franz Boas “há 15.000 ou 20.000 anos as atividades culturais gerais do ser humano não eram diferentes das encontradas hoje.” (2010 p. 143). Para Lévi - Strauss

a cultura não pode ser considerada nem simplesmente justaposta nem simplesmente superposta à vida. Em certo sentido substitui-se à vida, e em outro sentido utiliza-a e a transforma para realizar uma síntese de nova ordem. (2012, p. 40)

Se em muitos aspectos o ser humano permanece o mesmo, também caminha em constante transformação e, o que se pode esperar desse humano com relação

¹ SANCHES, M. A. et al. Planejamento da parentalidade no contexto da bioética: busca de uma nova abordagem para pesquisa. 1. ed. Curitiba: PUCPRess, 2015. v. 1. Disponível em: <<http://www.editorachampagnat.pucpr.br/ebook/>>. Acesso em: 12 jul. 2015.

às suas relações com o outro e com o sagrado? Esse processo dialético tem favorecido a revisão de muitos pontos de vista que no passado se manifestavam como elementares, como fundamentais para o bom êxito da existência humana, contudo, no desenrolar da história demonstraram-se insuficientes como respostas às novas perguntas que as novas situações ofereceram ao ser humano. Afinal de contas, como afirma Lévi-Strauss “a sociedade só proíbe aquilo que suscita” (2012, p. 56).

Falar de cultura antes de falar dos aspectos religiosos tem uma justificativa antropológica importante, pois “cultura é onde a religião acontece; religião está localizada dentro da cultura”, como afirma Hefner (2000, p. 91).

A fé – que vem de Deus – nasce sempre da história e na história. Desenvolvendo-se sempre com a história e com as civilizações que encontra em seu caminho. E o próprio Evangelho viverá essa mesma aventura.

As profundas mudanças que ocorrem no desenrolar da História vão dando à humanidade uma nova perspectiva existencial que tem por base outros valores diferentes daqueles que eram tão defendidos em seus diversos contextos. Tais aspectos lançam imensos desafios à Igreja que, em 11 de outubro de 1962, abre o Concílio Vaticano II que em sua Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, reflete justamente esta preocupação com as mudanças ocorridas ao longo da história e seus efeitos no existir humano.

O gênero humano encontra-se hoje em uma fase nova de sua história, na qual, mudanças profundas e rápidas estendem-se progressivamente ao universo inteiro. Elas são provocadas pela inteligência do homem e por sua atividade criadora e atingem o próprio homem, seus juízos, seus desejos individuais e coletivos, seu modo de pensar e agir tanto em relação às coisas quanto em relação aos homens. Já podemos falar então de uma verdadeira transformação social e cultural, que repercute na própria vida religiosa. (GS, 206)

A convocação do Concílio lança o desafio de buscar luzes para tantas dúvidas sombrias que afetam diretamente a relação entre o humano e o sagrado no que diz respeito ao seu encontro ou distanciamento, pois tendo em vista as mudanças ocorridas ao longo da existência humana, percebe-se a eminente necessidade de uma reflexão que evite a superficialidade dos determinismos, para que se possa buscar com perseverança e inspiração, novas perspectivas que colaborem com o bom discernimento da realidade que afeta a humanidade e,

consequentemente, toda a criação divina, sabendo-se que o ser humano possui incisiva influência em seu meio, principalmente no que diz respeito ao seu próximo, especificamente aqui referido como família.

Contudo, o processo sócio evolutivo decorrente de tantas mudanças traz em seu rastro o risco do descaso a respeito da responsabilidade das decisões e atos, de maneira que a falsa ideia de liberdade absoluta pode redundar em total relaxamento no que diz respeito à relação de cuidado e respeito com valores que apesar do tempo, não devem ser desconsiderados em nossas reflexões. Apesar de o relativismo permitir a releitura da realidade de acordo com seu devido contexto, as situações que causam sofrimento para o ser humano parecem não mudar muito em seu conteúdo, ainda que tenham ocorrido mudanças circunstanciais, como afirma Frei Antônio Moser (1996, p.23):

Ora revestido com os traços de “tabu”, “mancha”, “desordem”, “transgressão”, ora com os traços mais de “culpabilidade”, o pecado sempre marcou sua presença ao longo da história da humanidade. Esta presença, contudo, se reveste de tonalidades diferentes, de acordo com as respectivas culturas e os tempos. Há períodos e contextos culturais em que ele se apresenta como realidade premente e atemorizadora. Em outros ele mal se faz percebido. Mas, com certeza, pode-se afirmar que ele nunca esteve tão desacreditado como em nossos dias.

Dado que as relações humanas sofrem forte influência de mudanças de paradigmas sociais e, consequentemente, econômicos, a maneira de se relacionar com as questões religiosas acaba também sendo influenciada por esses fatores, pois tudo acaba gerando custos que nem sempre estão ao alcance de todos, de maneira que, no que diz respeito à família, ainda mais se faz necessária uma anterior reflexão para posterior decisão, tendo em mente as reais possibilidades de sustento e manutenção da prole.

Cabe aqui uma breve reflexão sobre os custos de se cumprir e manter, por exemplo, o conceito de matrimônio segundo o direito canônico, visto que devido às dificuldades enfrentadas pela maioria da população, até a oficialização de um casamento tanto na esfera civil quanto na religiosa, acaba sendo uma possibilidade de poucos. E, se abrindo mão do sacramento do matrimônio, provavelmente a relação com os outros sacramentos também poderá ser afetada.

Em recente pesquisa elaborada pelo grupo de pesquisa supracitado, em seus estudos a respeito do Planejamento da Parentalidade, foi possível verificar que as decisões tomadas pelo casal a respeito da maneira com que administram seu relacionamento e, por consequência, sua sexualidade, não encontram, na maior parte dos casos, justificativas no pensamento e nas normas da Igreja, e sim com base em sua realidade imediata. As condições de vida têm se mostrado desfavoráveis ao que propõe o conceito de matrimônio de acordo com o Código de Direito Canônico, a saber:

Can.1055 - § 1. O pacto matrimonial, pelo qual o homem e a mulher, constituem entre si o consórcio de toda a vida, por sua índole natural ordenado ao bem dos cônjuges e à geração e educação da prole, entre batizados foi por Cristo Senhor elevado à dignidade de sacramento.

Um dos fatores que mais implicam na relativização desse conceito, se dá na questão do custo de vida que assola a realidade das famílias na contemporaneidade. Num contexto capitalista, um casal que intenciona unir-se em matrimônio, e planeja alegremente como será seu futuro, bem como quantos filhos pretendem conceber e criar, acaba necessariamente tendo que lançar mão da calculadora, uma ferramenta que normalmente é usada por economistas, matemáticos e outros profissionais da área das ciências exatas, apesar de se tratar da mais humana das relações. Como afirma Krum, trata-se de um momento de altíssima responsabilidade pois:

Quanto às condições físicas, econômicas, psicológicas e sociais, vive-se a parentalidade responsável com a decisão equilibrada e generosa de se ter uma família numerosa ou, por motivos justos, e, considerando a lei moral, evitar temporariamente, ou por tempo indeterminado, um novo nascimento, ou ainda uma família mais reduzida, com um ou dois filhos apenas. (VVAA, 2015, p.36)

Gerar um filho implica em responsabilidade e plena consciência das consequências de tal ato.

No contexto de uma sociedade secular, os projetos de parentalidade podem ter diferentes conteúdos e métodos, mas necessariamente demonstram um padrão ético diferenciado, pois exigem uma tomada de consciência dos processos que envolvem a reprodução humana, o que significa a superação do “ter filhos sem pensar no assunto”. Assim, independentemente de seu conteúdo, estamos propondo que há um grande avanço para a sociedade quando as pessoas passam a explicitar a parentalidade como projeto, uma vez que a transmissão da vida requer uma decisão pessoal e responsável e porque “cada menino ou menina tem o indiscutível direito de ser desejado antes de ser concebido” (BEÑERAF, 2006, p. 58, in SANCHES et al, 2015, p. 28)

Essa sociedade secular, ou seja, desligada das preocupações espirituais e que busca sua realização na materialidade, grita pelo sentido existencial de suas atividades, pois mesmo na secularização das relações sociais, a humanidade permanece religiosa. Em artigo publicado pela revista *Ciência & Saúde Coletiva* vol.5 no.1 Rio de Janeiro 2000, por Marcelo Pio de Almeida Fleck do Departamento de Psiquiatria e Medicina Legal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)², afirma-se que a espiritualidade, religiosidade e crenças pessoais, fazem parte dos bens necessários à qualidade de vida para o ser humano, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS). Sendo assim, é possível perceber que a secularização somente se dá em parte na vida humana, por imposição circunstancial, contudo, ela acaba influenciando de maneira marcante a vida em sociedade.

2.4. OBJETIVO PRINCIPAL DA TEOLOGIA

Dizer algo sobre Deus, entre outras tantas possibilidades que a Teologia tem a oferecer para o crescimento das comunidades de fé em vários sentidos, traz em seu percurso histórico a responsabilidade de tratar as questões que lhe competem tanto com o respeito ao Sagrado, como com o cuidado acadêmico para que o objeto da pesquisa não se confunda com mera materialidade empírica, mas que possa buscar com ciência esclarecer o que lhe compete. Santo Anselmo (†1109) afirma: “Com efeito, não busco compreender para crer, mas creio para compreender. Efetivamente creio, porque, se não cresse, não conseguiria compreender.” (1973, p. 107), assim como Agostinho afirmou: “eu te procurei e desejei ver pelo entendimento o que creio” (1995, p.556). A Teologia pode então refletir sobre a fé a partir das mais diversas perspectivas que se possam alcançar, pois, diante do mistério do Sagrado, diante do silêncio que se inclina perante o Absoluto, se faz necessária a devida reflexão.

Sendo a Palavra de Deus e a Tradição Apostólica as duas fontes que definem e sustenta a fé católica, é possível verificar que de fato a precariedade da condição humana, sua pequenez e sua busca revelam o rosto dos pequeninos filhos que por serem tão limitados diante da tamanha imensidão de Deus, recebem dele sua misericórdia e paciência. O tempo do ser humano na criação revela-se como um

² Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-123200000100004

tempo de incertezas, buscas e esperança. Contudo, é imenso o peso que pende sobre os ombros da Igreja que, tendo assumido tal responsabilidade, se compreende Mãe e Mestra da humanidade, como afirma o Papa João XXIII em sua Carta Encíclica *Mater et Magistra* (n.1):

Mãe e mestra de todos os povos, a Igreja universal foi fundada por Jesus Cristo, a fim de que, no seu seio e no seu amor, todos os homens, através dos séculos, encontrem plenitude de vida mais elevada e seguro penhor de salvação. A esta Igreja coluna e fundamento da verdade, confiou o seu Fundador santíssimo uma dupla missão: de gerar filhos, e de os educar e dirigir, orientando, com solicitude materna, a vida dos indivíduos e dos povos, cuja alta dignidade ela sempre desveladamente respeitou e defendeu.

Cabe então à teologia essa “busca de compreender” (RATZINGER, 2008, p. 16) para que possa colaborar com o esclarecimento e desenvolvimento do pensamento da Igreja diante da imensidão que aguarda a humanidade em sua existência como criatura divina. Para tanto, esta tese de doutorado em teologia, buscará através da Patrística, verificar como as culturas e as perspectivas existentes dentro delas, reveladas pelo pensamento dos Padres da Igreja, influenciaram e influenciam até hoje o conceito de família. Isso se dará no sentido de conhecer as motivações e justificativas que levaram essas personagens históricas a se manifestar com tamanha importância a respeito deste tema.

3. METODOLOGIA

Esta tese, também do ponto de vista metodológico, é impactada pelo contexto onde é construída: teologia em diálogo com a bioética. Situa-se assim perante o desafio de se desenvolver uma tese com abordagem interdisciplinar. Pautamos nossa visão de interdisciplinaridade a partir do modo como a CAPES a define, no documento da sua Área Interdisciplinar:

A interdisciplinaridade, por sua vez, pressupõe uma forma de produção do conhecimento que implica trocas teóricas e metodológicas, geração de novos conceitos e metodologias e graus crescentes de intersubjetividade, visando a atender a natureza múltipla de fenômenos complexos. Entende-se por Interdisciplinaridade a convergência de duas ou mais áreas do conhecimento, não pertencentes à mesma classe, que contribua para o avanço das fronteiras da ciência e tecnologia, transfira métodos de uma área para outra, gerando novos conhecimentos ou disciplinas e faça surgir um novo

profissional com um perfil distinto dos existentes, com formação básica sólida e integradora.³

Assume-se a consciência que ali ocorrem grandes embates epistemológicos, teóricos e metodológicos, de modo que pesquisas interdisciplinares devem estabelecer relações entre saberes e efetuar trocas metodológicas. A relevância da interdisciplinaridade é anunciada aos quatro ventos, o desafio é sempre ‘como realizar isto?’ Deste modo, esta tese se colocou frente a esta tarefa, onde, num momento a pesquisa ocorreu sobre os textos e documentos da Patrística, em outro, na análise de dados de pesquisa de campo, buscando fazer estes dois referenciais de pesquisa dialogarem. Abaixo situamos brevemente a pesquisa que foi realizada na Patrística e depois apresentamos os dois projetos que deram origem a banco de dados.

3.1. A PESQUISA NA PATRÍSTICA.

A Pesquisa que resultou na construção de nossa dissertação de mestrado provocou o surgimento de novas questões que nos inquietaram, e com isso surge a ideia de uma pesquisa para a tese de doutorado que buscaria verificar as causas ou motivações para a atual realidade das famílias, suas estruturas, seus problemas, seus anseios, dúvidas e dificuldades, pois ao verificar na pesquisa do mestrado a realidade das famílias no período ali estudado, ficou claro que muito da realidade daquele contexto reteve-se em seu meio.

Evidenciou-se então, que seria interessante buscar compreender o que havia ocorrido após aquele período que poderia ter favorecido tais mudanças. Foi a partir disso que surgiu a decisão de buscar no período histórico que vai do final do século I até o século VIII, conhecido na história da Igreja como período da Patrística, onde os Padres (pais) da Igreja ajudaram a construir as bases do que chega a nós hoje, desde a formatação do Canon Bíblico até os conceitos e dogmas da Igreja Católica, bem como do Cristianismo de maneira geral.

A pesquisa bibliográfica lançou mão de publicações nacionais e internacionais tanto da Patrística como também da História e da Filosofia. Nas publicações nacionais, o grande referencial da Patrística foi a coleção Patrística da editora

³ Disponível em:

https://www.capes.gov.br/images/Documento_de_%C3%A1rea_2019/INTERDISCIPLINAR.pdf

Paulus que atualmente conta com mais de quarenta volumes, quase todos lidos para este trabalho, além de outras publicações nacionais de menor volume, porém não menos importantes. As publicações internacionais que colaboraram em muito com nosso trabalho vieram da grande coleção da *Biblioteca de Autores Cristianos*, conhecida como B.A.C., bem como a coleção *La Bíblia Comentada por Los Padres de La Iglesia*, com também a coleção *Biblioteca de Patrística* da editora Ciudad Nueva.

Também foi necessário lançar mão dos grandes dicionários de Patrística, de Filosofia e de Teologia, que ajudaram a direcionar a busca de dados com maior profundidade, além de colaborar diretamente com a pesquisa bibliográfica na disponibilização de dados. Foram mais de quatro anos de envolvimento nesta pesquisa que, a bem da verdade, iniciou-se antes de estarmos oficialmente inseridos no doutorado, quando começamos a nos interessar pela continuidade de nossas pesquisas.

Trata-se de um trabalho intenso, da leitura de textos densos e profundamente inquietantes, que provocam a mergulhar cada vez mais fundo nas palavras de cada autor que relata seu ponto de vista e sua realidade através de suas palavras. Os Padres da Igreja foram pessoas que assumiram seu protagonismo na construção de sua obra, e isso foi um fator de muita comoção e estímulo durante a pesquisa.

Uma grande dificuldade foi ter que deixar de lado tantos temas importantíssimos que poderiam ser discutidos. Contudo, a necessidade do devido recorte e objetividade da pesquisa exige que seja assim. Entretanto, fica o anseio de que o que foi possível alcançar neste trabalho possa contribuir com a construção e manutenção de conceitos que poderão colaborar com o desenvolvimento da teologia na sua missão dentro da Igreja e do mundo.

3.2. O PROJETO PARENTALIDADE

O Projeto Parentalidade construiu um banco de dados baseado em pesquisa exploratório-descritiva com abordagem quantitativa. Este estudo é parte de um projeto maior, por isso utiliza, parcialmente, um banco de dados fruto de pesquisa de campo efetivada a partir da aplicação do Instrumento de Pesquisa *Planejamento da Parentalidade no Contexto da Bioética* (SANCHES, 2015).

Este instrumento de pesquisa foi elaborado e validado pelo Grupo de Pesquisa e consta de 56 questões relacionadas ao planejamento familiar e viabiliza identificar, entre outros elementos, as questões do acolhimento dos filhos e a questão do aborto, pontos estudados neste trabalho.

Os dados sistematizados com uso de programa de análise estatística serão comparados com dados encontrados na literatura. Quanto ao perfil de gênero dos participantes da pesquisa, os dados são oriundos de uma maioria (74,9%) feminina na amostra, mas o número de homens participante da pesquisa também é grande, 371, ou seja, 24,3%. Outros aspectos do perfil da amostra não se fizeram relevantes para as questões estudadas.

3.3. BASE DE DADOS DO PROJETO PARENTALIDADE

Como fora indicado acima, esta tese lança mão de um banco de dados gerado pelo Projeto Parentalidade que contou também com a participação – na aplicação dos questionários e digitalização no Programa SPSS - de outros membros do Grupo de Pesquisa. Deste modo a metodologia desta parte da pesquisa pode ser assim sumariamente definida:

A pesquisa de campo no Projeto Parentalidade como um todo foi efetivada a partir da aplicação do Instrumento de Pesquisa *Planejamento da Parentalidade no Contexto da Bioética*, aprovada por Comitê de Ética em Pesquisa com parecer: 770.977, de 27/08/2014. Os questionários foram aplicados em várias localidades do Estado do Paraná situadas em Apucarana, Campo Mourão, Curitiba, Jacarezinho, Londrina, Paranaíba, São José dos Pinhás e Toledo.

A pesquisa fora realizada em encontros organizados por instituições religiosas, educacionais e sociais entre 2014 e 2018 sendo 45% em encontros no âmbito religioso, 35% em encontros com pais de alunos em escolas e 20% em espaços sociais, como clubes de mães e associações de moradores. No total foram respondidos 2194 questionários válidos relacionados à gravidez do primeiro filho e 1533 relacionados à gravidez do primeiro e último filho.

Deve-se ressaltar que, quando a pesquisa fora realizada no âmbito de comunidades religiosas, o questionário permitia uma leitura mais detalhada do

envolvimento dos entrevistados em setores da pastoral. Deste modo é possível em algum momento ter um recorte do banco de dados que explora mais claramente o perfil dos agentes de pastoral, como no item 1. Evidentemente que, neste caso a base de dados é menor.

3.4. BASE DE DADOS DO PROJETO EDUCAÇÃO SEXUAL

Para alcançar os objetivos da pesquisa, foi necessário recorrer também a outro projeto do Grupo de Pesquisa que trata do tema da Educação Sexual. Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa-ação, por ser um caminho que interliga conhecimento e ação. Participaram da pesquisa 225 pais de crianças e adolescentes que participam da catequese, da Paróquia Nossa Senhora da Luz de Pinhais, Paraná. Os dados coletados foram armazenados e analisados com o apoio de software utilizado para análise de dados (estatística), já disponível nos sistemas de pesquisa da PUCPR: o SPSS, criado pela IBM. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUCPR - n. do parecer: 2.348.501, de 25 de outubro de 2017. A abordagem dos participantes da pesquisa ocorreu do seguinte modo: o instrumento foi entregue aos participantes da pesquisa da seguinte forma: explicou-se os objetivos e método da pesquisa; distribuiu-se separadamente o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) e o Questionário da Pesquisa; disponibilizou-se duas urnas: uma para os participantes depositarem o TCLE (preenchido ou não) e a outra para depositarem o questionário (preenchido ou não). Deste modo, as pessoas que não desejaram participar da pesquisa ficaram livres para devolverem o TCLE e questionário sem preenchimento.

Cabe ainda ressaltar aqui o que foi proposto no projeto de pesquisa que deu início a este trabalho, no que diz respeito à pesquisa de campo na região conhecida como Vale do Ribeira, trouxe resultados que foram absorvidos pelo todo dos dois projetos do grupo de pesquisa acima referido, colaborando de maneira integrada com a construção dos dados. A realidade revelada na pesquisa de campo favorece o diálogo com a pesquisa bibliográfica referente à Patrística, como veremos a seguir.

4. CARACTERIZAÇÃO DA PATRÍSTICA

No tempo dos apóstolos (Séc. I), a adaptação a outras culturas foi de fundamental importância na expansão da mensagem de Jesus de Nazaré nas suas diversas expressões. Para os primeiros cristãos apesar do empenho pessoal de cada fiel ao Senhor, a geografia e a cultura trouxeram aos primeiros cristãos vários obstáculos para a divulgação do Evangelho. Isso ocorreu primeiramente em consequência das perseguições ocorridas desde o início da fé cristã separada do Judaísmo, que posteriormente foi reconhecido pelo Império Romano como sua religião oficial (Séc. IV), o que favoreceu sua expansão tanto no oriente como no ocidente. Não obstante às questões sócio-políticas que cercaram tal expansão, a mensagem cristã acaba sendo levada para muito além do que as primeiras comunidades talvez pudessem imaginar.

Contudo, o caminho percorrido pelos cristãos até seu reconhecimento oficial, foi marcado pelo sangue dos mártires que foram denunciados ao Império, primeiramente pelos judeus (Cf. Atos dos Apóstolos) que não os viam com bons olhos, e depois por conta das acusações dos romanos que, por sua vez, exigiam o culto ao imperador, coisa que a comunidade cristã repudiava em virtude da crença em um único Deus. Desde o início, a identidade missionária é imposta aos apóstolos devido às circunstâncias e às perseguições que acabavam servindo como mola propulsora para que o Evangelho fosse levado ao mundo (At 28,28). Mas, no que se refere à cultura greco-romana, a densidade da mensagem deixada por Jesus Cristo, exige reflexões de imensa profundidade para que estes pudessem compreender o que, através da simplicidade de suas palavras, o Evangelho quer revelar.

Essa tarefa ultrapassa em muito a humilde compreensão das primeiras comunidades acostumadas com a pureza do testemunho apostólico, que pessoalmente relatava suas experiências com o Senhor. Em meio à necessidade de esconder-se para fazer memória aos ensinamentos de Jesus Cristo, a união e a cumplicidade de toda a comunidade parecia ser o único caminho para sobreviver ao que estava à sua espera. O martírio ganhou status de purificação e de motivação para perseverar na fé. Morrer por confessar a fé em Jesus Cristo, permitia ao fiel a chance de se aproximar do exemplo do próprio Senhor que se entregou por todos. A esperança de merecer estar eternamente na presença de Deus, sustentou as

primeiras comunidades e o sangue dos que morriam defendendo sua fé, regou e fortaleceu a fé de muitos outros⁴.

Essa entrega chamou a atenção de muitos que, em meio a tantas crenças e descrenças, vislumbraram seguimento de Jesus uma possibilidade de dar sentido à sua existência. A maneira com que o martírio era aceito surpreendia aqueles que normalmente viam o desespero dos vitimados pelas feras nas arenas romanas, enquanto que os cristãos acolhiam a morte com orações e louvores a Deus.

Com o passar do tempo, novas questões foram tomando conta das preocupações das comunidades de fé que se viam inseridas em meio à diversidade cultural, o que lhes exigia uniformidade na fé (Séc. I a III), como afirmam Bogaz, Couto e Hansen: “Neste período a comunidade dá seus primeiros passos, edifica seus rituais, organiza sua vida eclesial, define suas verdades doutrinárias e descobre seu caminho ético de santificação” (2008, p.24).

Trata-se de olhar à sua volta, reconhecer as expectativas diante do Evangelho e definir-se como comunidade de fé. Diante das frustrações decorrentes da maneira que Jesus Cristo foi tratado pelas autoridades judaicas e romanas, assim como por muitos dos seus seguidores que esperavam um messias ao modo do Rei Davi, e após a queda de Jerusalém no ano setenta (LOPES, 2014, p. 12), se evidencia a necessidade de elaborar uma estrutura que ofereça estabilidade aos membros da comunidade nascente, de maneira a buscar o verdadeiro sentido da missão e identidade do Senhor, e a partir disso construir uma identidade comum.

A fidelidade aos princípios cristãos está no coração dos fiéis, mas tudo está para ser elaborado. A comunidade deve encontrar meios rituais para celebrar seus sacramentos e suas festas. Deve encontrar conceitos e expressões para codificar seus dogmas. Os líderes espirituais e os fiéis devem traçar os seus valores e determinar as normas de seu agir. Mesmo o governo, os líderes e os ministérios devem ser definidos e ordenados para o sustento, o crescimento e a expansão dos convertidos. Todos estes bens devem ser coerentes com a proposta original da pregação apostólica, bem como adequada aos novos tempos, lugares e culturas por onde a mão da Providência vai semeando a fé cristã. (BOGAZ, COUTO, HANSEN, 2008,p.24)

⁴ Para melhores detalhes ver História da Igreja Católica (LENZENWEGER *et al*) Edições Loyola 2006.

Adequar-se a novos tempos e lugares, foi uma necessidade que acabou tornando-se parte da identidade da Igreja nascente. Foi assim que o Cristianismo logrou êxito em sua expansão e inseriu-se no mundo como portador de sentido existencial. E para isso, necessitou de meios que permitissem sua inculturação na diversidade em que se inseriu. Com o distanciamento temporal e cultural do período apostólico (Séc. I), sem a presença das testemunhas oculares dos fatos acontecidos, das palavras proferidas pelo Senhor, o apelo para a fé torna-se evidente. O discurso a ser usado exige melhor reflexão para sua elaboração, assim como o público a ser atingido exige muito mais dos pregadores.

Com a progressiva evangelização da sociedade greco-romana, verifica-se, em paralelo, uma acentuada helenização da religião cristã; e, conseqüentemente, deu-se a apropriação por parte do Cristianismo não só das formas literárias pagãs, mas também dos instrumentos culturais próprios da filosofia grega, em todos os seus níveis. Bem cedo, precisamente logo a seguir aos primeiros contatos mais profundos entre as duas formas de cultura e de civilização, a judaica e cristã, de uma parte, e a greco-romana, de outra, observamos o surgimento da filosofia cristã, primeiro em formas mais superficiais, depois cada vez mais elaboradas. (MORESCHINI, 2013, p. 11)

Inicialmente reconhecido como ameaça ao Estado, assim como mera superstição (LENZENWEGER et all, 2006) o Cristianismo, a partir dos Padres apologistas (segunda metade do Sec. II), buscou novas formas de existir no sentido de lançar mão de argumentos racionais que permitiriam um debate à altura da filosofia contemporânea tão estimada pelos romanos. Gerando a necessidade de maior espaço para discussões voltadas mais a conceitos. Isso ocorre junto com a necessidade de inculturação⁵, que exige uma linguagem compreensível ao novo público, e o “voltar-se à filosofia não era senão a consequência da inserção do Cristianismo na cultura de seu tempo” (MORESCHINI, 2013, p.70).

Clemente e Inácio pensam naturalmente em grego. Empréstam do helenismo a forma literária, as imagens, as comparações, as categorias filosóficas e até o ideal moral, no qual no qual eles exprimem a partir dali a mensagem cristã. (LOPES, 2014, p.30)

Acostumados a mitos e grandes heróis, os novos adeptos são surpreendidos com a existência da simplicidade de Jesus de Nazaré que por força da nova realidade, recebe, no decorrer do tempo, em sua imagem, características bem

⁵ Em sua Carta Encíclica *Slavorum Apostoli*, de 1985, o Papa João Paulo II refere-se à inculturação como: “a encarnação do Evangelho nas culturas autóctones e, ao mesmo tempo, a introdução dessas culturas na vida da Igreja”.

diversas de sua originalidade e a figura do Logos é assumida como referência (QUASTEN, 2004, p. 188).

Passar a mensagem bíblica da experiência hebraica para uma mentalidade de cunho greco-romana, orientada para o logos, exigia uma transposição do *querigma* para as categorias racionais e filosóficas. Os apologistas empreenderam isso com espírito muito aberto. Nesse esforço, a morte na cruz, no Gólgota, perdeu o lugar de primeiro plano para especulações cosmológicas e a fé num Deus que age ficou coarctada ao conhecimento racional de um Ser Supremo. (LENZENWEGER et al, 2006, p.27)

Em meio a tudo isso nasce a Patrística, termo que tem sua origem a partir dos Padres da Igreja, nome dado aos “escritores cristãos da primeira antiguidade” (LOPES, 2014, p. 23). Seu trabalho “consiste na elaboração doutrinal das crenças religiosas do Cristianismo e na sua defesa contra os ataques dos pagãos e contra as heresias” (ABBAGNANO, 2014, p. 868). Quem deu o título de Padre aos escritores cristãos da primeira antiguidade foi J. Gerhard (1637) (LOPES, 2014, p. 23; QUASTEN, 2004, p. 01).

Os fiéis cristãos são seus filhos na fé e no conhecimento das verdades reveladas e transmitidas, de maneira a educar-se através da tradição da Igreja. Originários de várias regiões e diferenciadas culturas, esforçaram-se na missão de refletir em meio ao seu tempo, cultura e língua, a respeito da mensagem deixada pelos apóstolos. Segundo Lopes (2014, p.17), as línguas normalmente utilizadas pelos Padres para transmitir seus textos são “a grega, a latina, a siríaca, a copta e a armênia”. Ainda, conforme Di Bernardino, Fedalto e Simonetti:

A Patrologia, a Patrística e a literatura cristã antiga são disciplinas que estudam a vida, as obras, o pensamento dos autores da antiguidade cristã e que representam uma importante fonte para melhor compreender não só a existência interna das comunidades cristãs, mas também o mundo externo com que aquelas mesmas comunidades entram em contato e nas quais se inserem gradualmente. (2010, p.1344)

Há, porém, características específicas para que alguém receba o título de Padre da Igreja de acordo com a religião oficial. São elas “a doutrina ortodoxa, a santidade de vida, a aprovação eclesiástica e a antiguidade” (LOPES, 2014, p.24; BOGAZ, COUTO, HANSEN, 2008, p.27). Entretanto, alguns Padres receberam um título diferenciado, e devido à eminência da sua sabedoria e da sua obra foram chamados de “*egregii doctores Ecclesiae*, conforme o desejo de Bonifácio VIII (1298)” (LOPES, 2014, p.24). Do Ocidente foram assim intitulados: Ambrósio,

Jerônimo, Agostinho e Gregório Magno. Foram estes também reconhecidos como grandes Padres da Igreja. Os Padres do Oriente intitulados com tal honraria são: Basílio o Grande, Gregório de Nazianzo, João Crisóstomo e Atanásio (LOPES, 2014, p.24-25).

Contudo, “a ideia de uma história da literatura cristã na qual predomina o ponto de vista teológico é antiga. Começa com Eusébio” (QUASTEN, 2004, p. 01). Em seu livro primeiro, capítulo 1, número 1, Eusébio de Cesaréia afirma:

1. A sucessão dos santos Apóstolos, assim como o intervalo de tempo entre o salvador e nós; a enumeração de tantos e tão importantes eventos no curso da História Eclesiástica; quantos nela mencionados presidiram e governaram com destaque as dioceses mais ilustres; em cada geração, quantos foram deputados para ministrar a palavra divina oralmente ou por escrito; quantos e quando os que, arrastados a erros extremos pela atração de novidades, anunciaram e introduziram uma falsa ciência (1Tim 6,20), e semelhantes a lobos rapaces (At 20,29) cruelmente dizimaram o rebanho de Cristo. (EUSÉBIO, 265-340)

Eusébio mostra neste pequeno trecho de sua obra, a grande preocupação dos Padres com suas comunidades de fé, bem como os riscos que afetavam o desenvolvimento do Cristianismo a partir de novidades, ou novas ideias vindas de interpretações equivocadas a respeito de Cristo. Por isso a importância dos Padres da Igreja se manifesta de maneira tão intensa, em sua vontade de manter a fé da Igreja em coerência com o Evangelho, segundo seu ponto de vista. Com o tempo, foram revelando-se novos desafios e necessidades que acabaram desenhando um quadro de desenvolvimento de períodos da Patrística que acaba sendo dividida em três períodos, sendo que o primeiro período se estende do final do I até o III século, o segundo período vai do III ao IV século e, por fim, o terceiro período vai do IV ao VIII século.

Cada fase teve suas peculiaridades, de maneira a ter que lidar com questões imediatas que a princípio denunciavam injustamente os membros das primeiras comunidades e posteriormente afetavam a ortodoxia, sendo que em cada momento os Padres tinham que intervir de acordo com os problemas que surgiam. Segundo Nicola Abbagnano (2014, p.868), as três fases se desenvolvem da seguinte maneira:

A Patrística costuma ser dividida em três períodos. O primeiro, que vai mais ou menos até o século III, é dedicado à defesa do Cristianismo contra seus adversários pagãos e gnósticos (...). O segundo período, que vai do século III até aproximadamente a metade do século IV, é caracterizado pela formulação doutrinal das crenças cristãs; é o período dos primeiros grandes

sistemas de filosofia cristã (...). O terceiro período, que vai da metade do século IV até o fim do século VIII, é caracterizado pela reelaboração e pela sistematização das doutrinas já formuladas, bem como pela ausência de formulações originais (...).

Para Bogaz, Couto e Hansen (2008, p. 28), as fases tiveram “divisões didáticas, elaboradas posteriormente em vista de estudos e comparações. Os períodos são denominados épocas”. Os autores então dividem e nominam as épocas da Patrística da seguinte maneira:

1ª Época: DAS ORIGENS

Consideram-se os escritos que vão da passagem da Revelação à Tradição, terminando com o Concílio de Niceia (325). São textos com grande originalidade que trazem assistematicamente os ensinamentos da Tradição.

2ª Época: DE OURO

É o período mais fecundo e denso da Tradição Patrística. Compreende o período desde o Concílio de Niceia até o Concílio de Calcedônia (451). Neste período, as discussões tocam os tratados e temas nucleares da Tradição. Seu conteúdo, como o símbolo apostólico, organização eclesiástica, rituais e dogmas canônicos são elaborados e aprovados pelos padres da Igreja, e, muito especialmente, pelos Concílios Ecumênicos.

3ª Época: DO DECLÍNIO

Engloba o período entre o Concílio de Calcedônia e o final da Patrística, com Isidoro de Sevilha (636) ou Gregório Magno (604), no Ocidente, e João Damasceno (730), no Oriente. Este período trata de questões secundárias da Tradição, como a disputa iconoclasta e questões políticas, entre a sociedade civil e a comunidade eclesiástica. (BOGAS, COUTO, HANSEN, 2008, p.28-29)

Apesar da diversidade de linhas de pensamento filosófico nos períodos, três delas foram muito marcantes para a Patrística. São elas o platonismo, o neoplatonismo e conseqüentemente o maniqueísmo e o dualismo, bem como do estoicismo. Tais referências influenciam diretamente a maneira de ser cristão em meio ao mundo greco-romano, interferindo em postura, comportamento, reflexão existencial e crença. É a linguagem e o modo de ser das pessoas mais abastadas do império. Se isso alcança também o povo humilde, não podemos ter certeza. Contudo é possível afirmar que o que ocorre é uma conversão de um grupo do Cristianismo ao Império Romano. Entretanto, essa mudança vai definindo o modo de ser cristão a partir do momento em que é assumido pela sociedade imperial.

A filosofia dos Padres é eclética, tocando muitas vertentes das culturas do Oriente médio. No entanto, por influência acadêmica, valorizam o platonismo e o neoplatonismo. Por esta incursão filosófica, favorecem o maniqueísmo e o dualismo. Pela influência do pensamento grego, a

cosmovisão dos Padres é primordialmente antropológica. Esta visão “insere” a vida cristã – conversão e vivência – na pessoa, seus sentimentos, seu espírito e sua vida pessoal. As verdades de fé tocam o espírito humano, centralizando sua extensão à pessoa, o que limitou a percepção das implicações sociais, cosmológicas e ideológicas da revelação. (BOGAS, COUTO, HANSEN, 2008, p. 34)

As consequências dessa mudança de visão de mundo, da personalização da fé e, conseqüentemente, a uma alienação do outro, trouxe até a atualidade suas marcas e consequências para o Cristianismo que, em sua origem é comunidade de fé. Com respeito a isso, Lopes (2014, p.21) afirma:

A cosmovisão dos Padres é antropológica. Eles centram na conversão do coração, o que abre caminho para um verdadeiro personalismo limitado. Eles não articulam a vida cristã com a exigência da transformação das estruturas objetivas da sociedade. Os Padres não possuíam total consciência das implicações cosmológicas, sociais e ideológicas da revelação.

Segundo Boehner e Gilson (2009, p.13), isso encontra justificação justamente na origem e função da filosofia que, por sua vez, parte do ser humano, de seu intelecto, de questões naturais, buscando uma interpretação racional do mundo e de tudo que empiricamente lhe é acessível, de maneira a torná-lo sábio como afirmam a filosofia de Platão e Plotino, o que acaba favorecendo o surgimento de muitas especulações a respeito do que disse Jesus e principalmente a respeito de sua pessoa. Entretanto, é sabido que Justino, apesar de sua origem e profundos estudos filosóficos, em certo momento acaba desiludindo-se da filosofia grega (BOEHNER, GILSON, 2009, p.27). Conforme afirma Lenzenweger (et all):

O monoteísmo de Israel supunha uma visão do mundo bem distante da do politeísmo; além disso, era necessário levar em conta que a inteligência dos ouvintes pagãos, diferente do pensamento hebraico, orientava-se por conceitos filosóficos e ontológicos; assim entrou-se num processo que inevitavelmente levaria a uma helenização e uma romanização do Cristianismo. (2006, p.12)

Dos estoicos, que tiveram por base os filósofos cínicos, a teologia Patrística herdou o método alegórico, assim como o conceito existencial de “vida contemplativa acima das ocupações, das preocupações e das emoções da vida comum. Seu ideal, portanto é a *ataraxia* ou *apatia*” (ABBAGNANO, 2014, p.437). Ou seja, “a indiferença em relação a todas as emoções, o desprezo por elas: indiferença e desprezo alcançados mediante o exercício da virtude” (ABBAGNANO, 2014, p.437).

A helenização do Cristianismo abriu caminho para diversas controvérsias das quais muitas se tornaram heresias. A filosofia abre caminho para relativizações e elaborações de conceitos que entram em choque com a ortodoxia. A pessoa de Jesus Cristo, sua humanidade e divindade, tornam-se questões de debates que acabam levando muitos a exílios e outras consequências mais sérias. Contudo, se faz necessário lembrar que disputas e divisões sempre estiveram presentes na história do Cristianismo desde sua origem. Com respeito a isso, Frangiotti afirma em sua História das Heresias:

Em primeiro lugar, é preciso observar que não havia, propriamente, uma “Igreja” no sentido que se dá hoje a este termo. Segundo, sempre existiram, desde os tempos da vida de Jesus com seus discípulos, controvérsias e desentendimentos tanto em nível doutrinário quanto em nível disciplinar. Não é verdade, portanto, o que dizia Egesipo, pelos meados do século II, a respeito da pureza e da perfeição da “Igreja apostólica”. (FRANGIOTTI, 1995, p. 7)⁶

Com isso nosso pensamento deve se abrir à dura realidade vivida pelos agentes deste período tão conturbado e ao mesmo tempo tão rico, onde a divisão por conta da diversidade de opiniões gerou debates extremamente tensos, pondo em risco a vida de muitos dos envolvidos, e onde o grupo dominante exerceu sua hegemonia de maneira assumir e defender seu ponto de vista com respeito à fé e à ortodoxia, de forma que o que aquilo que não condizia com sua perspectiva, corria sério risco de ser considerado como heresia.

O grande limite é epocal. Os Padres são filhos de sua época. Dependeram para pensar e se exprimir de uma cultura que foi superada pela natural evolução da história. Em razão das ferramentas utilizadas, sua teologia, tantas vezes, tornava-se frágil em seus argumentos e a sua linguagem, nem sempre, precisa e científica. O sentido de história é limitado, dependendo de uma exegese bíblica muito particular. (LOPES, 2014, p.20)

Se não levarmos em conta o contexto de cada um deles, não será possível reconhecer o que motivava sua perspectiva. A história lhes deposita todas as honras e o título de Padres da Igreja. Diante do novo e do antigo, em seu tempo, posicionaram-se diante dos apelos trazidos pelas disputas e dificuldades encontradas no percurso por eles percorrido na busca da elaboração de um caminho a ser percorrido pela Igreja a partir do que acreditavam e defendiam. Tais debates

⁶ Conforme nota de rodapé, Frangiotti afirma que: “Egesipo foi um escritor do século II de origem provavelmente judaica que esteve em Roma por um longo período, com o fim de verificar a Tradição sem erro da pregação apostólica. (...) é uma das fontes do historiador eclesiástico Eusébio de Cesaréia”.

revelaram quem tinha mais força ou argumentos que delinearam a Tradição da Igreja.

Os escritos dos Padres estão próximos das fontes do Evangelho. Baseados em sua fé de cristãos, eles fazem uma nova interpretação da existência humana. Tornam-se, pois, fontes no sentido *kairológico*, isto é, de iluminação, e no sentido pragmático, ou seja, normativo. O ensino unânime dos Padres é regra infalível da verdade de fé e faz parte da genuína Tradição da Igreja. (LOPES, 2014, p. 20)

A história nos dá indicações claras de como ocorreram as disputas no mundo da Patrística. Debates acirrados por construir definições que fossem assumidas como definitivas na elaboração do conceito de fé a partir do que fosse definido, dando aos vencedores a honra de sua autoria. Por outro lado, o povo, sempre carente de esclarecimentos, continuava na sua luta pela sobrevivência em meio a um mundo confuso e decadente diante da degradação do Império Romano. Entretanto, há que se reconhecer que apesar de toda dura realidade que marca esse período, a Igreja se desenvolveu e seguiu seu caminho.

De maneira bem marcada, cada período da Patrística e seus protagonistas, tiveram que lidar com seus problemas imediatos, de maneira que, se podemos hoje reconhecer de forma clara, é a partir do reconhecimento da natureza dos escritos em cada fase, assim como a intenção dos escritores a partir de sua demanda, que permite tais divisões e nomenclaturas.

A riqueza de testemunhos e a imensa quantidade de material escrito deixada por muitos escritores desse período nos permite hoje mergulhar em meio à esta grande variedade de escritos na busca de respostas aos questionamentos da sociedade contemporânea. Com seu modo de vida e pensamento baseados em um mundo e cultura muito diferentes do que viveram os Padres, a humanidade atual, carente de sentido existencial, pode lançar mão do que disseram estes sábios comprometidos com a humanidade de seu tempo, na busca de referências históricas que possibilitem uma revisão e atualização de conceitos que permitam uma busca adequada de sentido.

Com relação à Igreja da atualidade, a importância de reconhecer nos Padres da Igreja o exemplo a ser seguido, no que se refere ao reconhecimento de que, em novos tempos e novas culturas necessitamos de novas reflexões e novas respostas.

Isto, sem perder de vista a pessoa de Jesus Cristo, que teve como característica marcante a inclusão de todos, conforme Marcos 16, 15 que diz: “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura”, para assim estar cumprindo com o dever missionário e inclusivo outorgado pelo próprio Jesus Cristo a fim de que seu reino se estenda sobre toda a terra.

Apesar de citado anteriormente de forma breve, os períodos da Patrística, faz-se necessário retomar aqui o tema de maneira mais aprofundada. Isto dará clareza para a objetividade desta pesquisa, assim como quais períodos da Patrística tem mais a ver com o tema de esta pesquisa. Para tanto, serão utilizadas algumas informações supracitadas, porém, com maior riqueza de detalhes.

É muito importante ter em mente que tais períodos, também chamados de épocas, não foram planejados imediatamente pelos Padres. A divisão somente ocorre a partir das pesquisas posteriores, conforme Bogaz, Couto e Hansen (2008, p. 28). Cada fase, posteriormente identificada, revela a realidade imediata encontrada pelos Padres e as questões com que eles tiveram que lidar. Trata-se uma época em que “tudo está para ser elaborado” (BOGAS, COUTO, HANSEN, 2008, p.24), onde as dúvidas surgem com maior velocidade do que as respostas e as especulações acabam gerando distorções e conseqüentemente discussões acaloradas. Em meio a tudo isso, revela-se também a face da sociedade em que se inseriam os Padres.

Entretanto, ocorre uma mudança de status sombria. De uma comunidade perseguida e maltratada, o Cristianismo institucionalizado torna-se uma instituição perseguidora daqueles que não concordam com o pensamento do grupo dominante, que com o passar do tempo, conforma a Igreja ganha poder, vai se agravando sobremaneira. Ainda que tenhamos grandes santos e santas nesta história, temos também a face sombria de um poder político que apesar de terreno recebe o status de divino, porém idealizado para manutenção desse mesmo poder.

4.1. PRIMEIRO PERÍODO – SÉC. I a III

No primeiro período os Padres dedicam-se à defesa do Cristianismo, tanto dos judeus, quanto dos gnósticos (ABBAGNANO, 2014, p. 868). Destacam-se duas categorias de Padres: os Padres Apostólicos e os Padres Apologistas. Encontram-se

textos que se estendem desde a revelação até ao que é conhecido como Tradição da Igreja, terminando com o Concílio de Nicéia. Este período nos traz a originalidade dos textos que, ainda que de maneira assistemática, revelam o início dos ensinamentos da Tradição.

4.1.1. Padres Apostólicos

São aqueles que conviveram com os Apóstolos de Jesus Cristo, tornando-se discípulos dos Apóstolos. Trazem em sua experiência o que se tem de mais próximo com as testemunhas oculares dos fatos que revelam Jesus Cristo, bem como da elaboração dos Evangelhos, das Cartas Apostólicas, ou seja, da construção literária do Novo Testamento. Também nesse momento, começam a serem elaborados os rituais, a compreensão da hierarquia, as comunidades de fé e o mais doloroso, porém de fundamental importância no nascimento da Igreja, o convívio com o martírio.

São chamados Padres Apostólicos os escritores cristãos do século I e começo do século II, cujos ensinamentos podem considerar-se como eco bastante direto da pregação dos Apóstolos, a quem conheceram pessoalmente ou através das instruções de seus discípulos. (...)

Os escritos dos Padres Apostólicos são de caráter pastoral. Por seu conteúdo e estilo estão estreitamente relacionados com os escritos do Novo Testamento, em particular com as epístolas. Pode-se considerá-los, por conseguinte, como ligações entre a época da revelação à da Tradição e como testemunhas de máxima importância para a fé cristã. Os Padres Apostólicos pertencem a regiões muito distintas do Império romano: Ásia Menor, Síria, Roma. Escrevem obedecendo a circunstâncias particulares. Prestam, porém, um conjunto uniforme de ideias, que nos proporciona uma imagem clara da doutrina cristã do final do século I.

Nota típica de todos os escritos é seu caráter escatológico. A segunda vinda de Cristo é considerada como iminente. Por outro lado, a lembrança da pessoa de Cristo segue sendo coisa viva, devido às relações diretas destes autores com os Apóstolos. Daí que os escritos dos Padres Apostólicos mostrem uma profunda nostalgia a respeito de Cristo, o Salvador que já se foi e que é ansiosamente esperado. Frequentemente este desejo de Cristo é revestido de uma forma mística, como em Santo Inácio de Antioquia. Os Padres Apostólicos não pretendem dar uma exposição científica da fé cristã. Suas obras, mais que definições doutrinárias, contêm afirmações circunstanciais. Não obstante, apresentam, em geral, uma doutrina cristológica uniforme. Jesus Cristo é, para eles, o Filho de Deus preexistente ao mundo, e que participou da obra da criação. (QUASTEM, 2004, p. 50-51)⁷

Tendo como referencial direto o testemunho dos apóstolos, preocupam-se com o desenvolvimento das primeiras comunidades, dando-lhes direcionamento ético a partir dos ensinamentos de Jesus Cristo, bem como as bases da

⁷ Tradução nossa.

espiritualidade e dos ritos, assim como sua organização. Devido à experiência martirial que viviam o conteúdo de seus textos é repleto da escatologia cristã (BOGAZ, COUTO, HANSEN, 2008; QUASTEN, 2004; ABBAGNANO, 2014; DI BERNARDINO, FEDALTO, SIMONETTI, 2010; MORESCHINI, 2013; BOEHNNER, GILSON, 2009; LENZENWEGER ET ALL, 2006).

Para a angústia do leitor, o que se revela anteriormente alerta para o quanto daquilo que foi dito pelo Senhor ficou somente na lembrança dos Apóstolos, ao mesmo tempo em que se pode desfrutar do riquíssimo material deixado pelos Padres apostólicos que testemunharam tamanha riqueza. Daí a importância de reconhecer, ainda que superficialmente, o ambiente concreto em que se desenvolve esse período tão precioso para a história do Cristianismo.

(...) interessa aqui analisar os meios culturais onde viveram as comunidades dos primórdios. Eles são de três extratos diversos.

O primeiro é de origem judeu-cristão. Está próximo da literatura bíblica e judaica. A literatura cristã que nele nasce é anônima ou apócrifa, em sua grande parte. Tal é o caso da Didaquê, da carta de Barnabé, do Pastor de Hermas.

O segundo provém de um meio pagão-cristão. É composto de pessoas sobejamente conhecidas na Igreja, tais como Clemente de Roma, Inácio, Policarpo, entre outros. Eles não deixaram escritos propriamente ditos, e sim cartas. Elas são textos mais funcionais. Falam mais da vida que da literatura. São os verdadeiros Padres Apostólicos.

Há um terceiro extrato e que constitui a literatura apócrifa. Os escritos são verdadeiros prolongamentos do Novo Testamento, dos evangelhos, dos Atos, do Apocalipse. São, ficticiamente, atribuídos a um Apóstolo: Pedro, Tiago, Paulo, André, Tomé ou a uma coletividade como os Hebreus ou os Nazarenos. (LOPES, 2014, p. 27)

O primeiro meio cultural, acima denominado judeu-cristão, é onde nasce o Cristianismo. Jesus de Nazaré é um judeu e tudo que faz e diz se dá em meio à sua cultura de origem, assim como seus discípulos também o são. Todos os elementos rituais e litúrgicos nesse momento são judaicos, ainda que refletidos a partir de Jesus Cristo. O Cristo ou Messias, para os seguidores de Jesus de Nazaré, é a realização das promessas feitas na antiga aliança.

Esta literatura cristã primitiva nos oferece a primeira expressão teológica do pensamento cristão, que ainda não tinha sofrido a influência grega. Ela nos permite medir a excepcional originalidade de uma doutrina cristã de cultura semítica.

Do conjunto dos primeiros escritos se pode perceber a fisionomia própria do Cristianismo judeu. A estrutura mental é oriental, mesmo se escrito em língua grega. (LOPES, 2014, p. 28)

O mundo dos discípulos de Jesus Cristo é judaico. Seus costumes, suas expressões, suas relações, a maneira como se organizam está inteiramente inserida no judaísmo. Como já comentado, o Messias é uma esperança judaica. Os discípulos de Jesus viam nele a realização das promessas feitas pelos antigos profetas conforme podemos verificar em Salmos 2,1; Isaías 7,14; 61,1; Daniel 9, 25-26.

Na lista dos Padres apostólicos encontra-se o registro de personalidades como: Clemente Romano, Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna, o Pastor de Hermas e Pápias de Hierápolis (FRANGIOTTI, 1995; QUASTEN,2004). Como já mencionado anteriormente, é importante levar em consideração que as coisas não aconteceram de maneira programada pelas pessoas envolvidas nesse contexto. Conforme surgiam as necessidades, aconteciam as ações para atendê-las.

A redação dos Evangelhos foi ocasional, não tinha a pretensão de ser completa, conforme afirma (...) João na clausura do seu Evangelho (cf. João 21,25). A redação de João é uma hipérbole para afirmar que o que está escrito fica muito aquém de tudo o que Jesus fez e ensinou (...). Enquanto estiveram vivos os Apóstolos, a sua palavra desfrutava de maior atração e autoridade. Pápias de Hierápolis, ao lado ou acima da Tradição escrita, colocava a Tradição oral daqueles que tinham convivido com os Apóstolos ou com os seus discípulos. Dizia ele: “Se encontrava com quem tinha familiaridade com os presbíteros (isto é, os anciãos, os Apóstolos ou seus imediatos discípulos), eu procurava conhecer as suas sentenças, o que tinham dito André e Pedro, ou Filipe ou Tiago, ou João ou Mateus, ou qualquer outro dos discípulos do Senhor. Eu pensava que o proveito tirado das leituras não podia ser confrontado com o que obtinha da palavra viva e sonante dos mesmos”. Estamos aqui diante da *praxe* vital da igreja dos primórdios. (LOPES, 2014, p. 26-27)

Faz-se importante neste momento, conhecer um pouco da identidade de cada padre apostólico citado na lista que nos chega através da história da Patrística. Para tanto, ocorrerá um breve relato da vida de cada um deles. Isso se mostra relevante, no sentido de compreender o contexto que os cerca e que motivou suas vidas dentro do Cristianismo nascente. Posteriormente será possível aproximar-se melhor do que eles referiram a respeito da família.

Clemente Romano, tem uma biografia com descrições diversas e algumas questionadas. Para alguns, se trata de um membro da família imperial dos Flávios. A partir de um romance siríaco, do início do século III, em uma longa viagem na qual buscava a verdade, Clemente perde-se e acaba encontrando o Apóstolo Pedro, do qual se torna discípulo. Outros autores como Orígenes, o indicam como seguidor de

Paulo, o que confirma Jerônimo. Para Irineu de Lião, ele teria sido o terceiro sucessor de Pedro em Roma. Já para Tertuliano, Clemente teria sido consagrado diretamente por Pedro.

Entretanto, há autores que consideram infundadas as afirmações a respeito de que Clemente seria colaborador de Paulo, assim como sua ligação com a família imperial (BERNARDINO, FEDALTO, SIMONETTI, 2010; FRANGIOTTI, 1995; QUASTEN, 2004; MORESCHINI, NORELLI, 2006). Contudo, ele é citado por muitos como autor de vários escritos de caráter canônico-litúrgico. O que parece claro em meio a tantas discrepâncias a respeito de quem foi Clemente Romano, se revela no fato de que sua preocupação era com a comunidade de fé, e não em deixar registros a respeito de sua história pessoal. Entretanto, um dado importante é que a cidade de Roma é o lugar de sua atividade principal.

Inácio de Antioquia, nascido em Antioquia, e posteriormente bispo em sua cidade. Há várias opiniões a respeito do período de seu episcopado; abraçou o martírio imposto por volta de 107-110, como forma de sustentar a fé das comunidades com as quais se comunicava durante o percurso que percorreu entre Antioquia e Roma. Entretanto não há confirmação de sua chegada a Roma, nem a respeito da confirmação de seu martírio (FRANGIOTTI, 1995).

Para Bernardino, Fedalto e Simonetti (2010), segundo Eusébio de Cesaréia, Inácio foi condenado e despedaçado pelas feras em Roma, e Jerônimo indica o ano de 107 como data de seu martírio. Escreveu sete cartas às comunidades da Ásia menor durante a viagem que o levou a seu martírio. Usou pela primeira vez a expressão “Igreja Católica”, defendeu a primazia da Igreja de Roma em relação às outras. Tem pensamento profundamente cristológico e defende o martírio como forma de imitar ao Cristo. Não há certeza a respeito de como se envolveu com Cristianismo, apesar de algumas especulações.

Inácio (nascido do fogo) (FRANGIOTTI, 1995, p.73), forjado pelas perseguições de seu tempo, dá admirável testemunho de perseverança na fé, apesar de tudo que possa se impor contra tal perseverança. Para ele, seu testemunho de martírio poderia se tornar fortalecimento para as comunidades que escreve, da seguinte maneira: “Sou o trigo de Deus e quero ser triturado pelos

dentos das feras para tornar-me puro pão de Cristo” (Carta aos Romanos 4, 1)⁸. (BERNARDINO, FEDALTO, SIMONETTI, 2010; FRANGIOTTI, 1995; QUASTEN, 2004; MORESCHINI, NORELLI, 2006).

Policarpo de Esmirna, membro da única comunidade elogiada pelo autor do Apocalipse, ordenado bispo pelo próprio apóstolo João, segundo Tertuliano, o que também confirma Irineu de Lião, que traz um importante relato sobre divergências a respeito da data da Páscoa, na qual o esmirniota se envolve sem sucesso, mas também sem prejuízos. Conforme relato de Eusébio de Cesaréia em sua História Eclesiástica⁹, apesar de ter se escondido fora da cidade, fora delatado por um de seus escravos e entregue para ser queimado vivo por confessar a fé cristã. (BERNARDINO, FEDALTO, SIMONETTI, 2010; FRANGIOTTI, 1995; QUASTEN, 2004; MORESCHINI, NORELLI, 2006).

O Pastor de Hermas, que na verdade é o título da obra escrita por Hermas ao qual Paulo teria mencionado em Rm 16,14. Chegou-se a acreditar que a obra teria sido escrita por três autores distintos, o que foi refutado e atualmente a tese aceita é de que seja somente Hermas o autor da obra que se divide em três partes.

Segundo o Canon Muratori¹⁰, um manuscrito do século VIII que contém uma lista dos livros do Novo Testamento que difere um pouco do atual Canon Bíblico, lê-se que “Hermas escreveu O Pastor, quando seu irmão Pio, o bispo, ocupava a cátedra de Roma”. O que se sabe a respeito de Hermas, é que era cristão e teria nascido escravo e vendido a uma mulher romana chamada Rode que, posteriormente o libertou. Hermas casa-se com uma mulher que chama de linguaruda, o que lhe causa muitos incômodos.

Após exercer atividade comercial pouco honesta e com filhos blasfemadores e desrespeitosos, conheceu a ruína. Hermas teria sido arrebatado por uma espécie de êxtase, no qual teve visões de onde retirou o conteúdo de seu texto, que para alguns autores, não se trata de biografia, mas de ficção que colabora na construção

⁸ Opcit in BERARDINO, FEDALTO, SIMONETTI, Dicionário de Literatura Patrística, Editora Ave Maria, 2010, p. 206.

⁹ Opcit in Padres Apostólicos, Paulus, 1995, p.132.

¹⁰ Opcit in Padres Apostólicos, Paulus, 1995, p. 164.

da ideia de necessidade de penitência, onde os personagens fazem parte de sua família.

Entretanto, as conclusões mais aceitas a respeito da pessoa do autor, são de que por volta dos meados do século II viveu em Roma, não possuía muita cultura, o que se observa pela pobreza de estilo e falta de teologia em seus escritos, e que tinha pensamento adocionista, ou seja, não acreditava na divindade de Jesus, que teria sido filho adotivo de Deus.

O que fica claro no texto, se dá no sentido de que os fiéis devem ser penitentes e que há a possibilidade de perdão após o batismo, que para Hermas era absolutamente necessário para a salvação, de maneira que afirmava terem os apóstolos e mestres, descido ao limbo para batizar aqueles justos que morreram antes de Cristo. Como exercícios fundamentais da penitência, Hermas indica o jejum, o celibato e o martírio. (BERNARDINO, FEDALTO, SIMONETTI, 2010; FRANGIOTTI, 1995; QUASTEN, 2004; MORESCHINI, NORELLI, 2006).

Pápias de Hierápolis, que segundo Eusébio¹¹ era pouco inteligente, o que se confirma pelo conteúdo dos fragmentos de seus textos. Sabe-se que viveu entre 70 e 140 d.C. e foi bispo de Hierápolis na região da Frigia. Contemporâneo de Inácio de Antioquia e de Policarpo de Esmirna, dos quais era amigo. Segundo Irineu de Lião, Pápias teria sido discípulo do Apóstolo João, o que será contestado por Eusébio em sua História Eclesiástica onde afirma que na verdade ele seria discípulo de outro João que era presbítero.

Apesar da fragilidade apontada por Eusébio, a importância de sua obra se dá no sentido de que aproxima o atual leitor do que diziam os apóstolos na oralidade de seus ensinamentos, além de oferecer as informações mais antigas a respeito de como foram escritos os evangelhos de Marcos e Mateus. É importante reconhecer que foi Pápias o primeiro a utilizar a palavra exegese para a interpretação dos textos evangélicos. Entretanto, Eusébio, provavelmente seu maior crítico, aponta o fato de que Pápias seria seguidor do milenarismo¹², fé que interpreta literalmente o livro do

¹¹ Autor da História Eclesiástica no século IV.

¹² A respeito do Milenarismo, para melhores esclarecimentos, ver Jean-Yves Lacoste, Dicionário Crítico de Teologia.

Apocalipse no capítulo 20, versículo quatro que, é de fato uma visão simbólica a respeito da fase terrestre do Reino de Deus, que revela-se como expectativa de muitos a respeito da possibilidade do próprio Deus constituir seu reino na Terra. (BERNARDINO, FEDALTO, SIMONETTI, 2010; FRANGIOTTI, 1995; QUASTEN, 2004; MORESCHINI, NORELLI, 2006).

Foi possível, apesar de brevidade necessária aqui, perceber um pouco do contexto de cada um dos Padres Apostólicos. Testemunhas vivas do nascimento da Igreja pela qual deram suas vidas através da perseguição e do martírio. Foi através de muitos deles que chegou a nós o que disseram os apóstolos. Eles são um precioso e fundamental elo que nos liga às origens do Cristianismo, revelando a diversidade que sempre fez parte da Igreja. Trataremos mais adiante com especificidade a respeito do que disseram eles sobre família. Seguiremos agora para a contextualização dos Padres Apologistas.

A partir do momento em que se iniciam as pregações no mundo pagão com o protagonismo de Paulo, o Cristianismo começa a sentir a necessidade de adaptar-se a um mundo maior. A linguagem carece de melhor reflexão e elaboração. Os conceitos básicos, mesmo que perenes, passam pela elucidação do pensamento grego e, diante das questões geradas pela inculturação, nasce uma nova figura na Igreja. Trata-se dos Padres Apologistas¹³, que como o próprio nome revela, são aqueles que fazem a apologia do pensamento cristão.

4.1.2. Padres Apologistas

Os Padres Apologistas, também nominados como Apologistas Gregos por Johanes Quasten (2004, p.187), assumiram a função de levar o pensamento cristão ao meio pagão, que exigiu dos autores conteúdo mais apologético diante da agressividade do paganismo que considerava o Cristianismo uma superstição fanática. O Estado considerava a adesão ao Cristianismo um crime gravíssimo que ofendia o culto oficial romano e desrespeitava a majestade do Imperador. Em meio a tudo isso, os Padres Apologistas, que não podiam permitir tantos ataques e insultos mentirosos, assumiram sua posição no debate a favor dos cristãos, que cada vez mais aumentava seu número de adeptos. A reação assumiu três objetivos:

¹³ A respeito deles, trataremos com mais especificidade logo adiante.

- 1) Se dedicaram a refutar as calúnias que se haviam difundido grandemente e puseram particular interesse em responder à acusação de que a Igreja poderia ser um perigo para o Estado. Chamavam a atenção sobre a maneira de viver séria, austera, casta e honrada de seus correligionários, e afirmavam com insistência que a fé era uma força de primeira ordem para a manutenção do bem estar do mundo e, portanto, necessária, não somente ao Imperador e ao Estado, mas também à civilização.
- 2) Expuseram o absurdo e o imoral do paganismo e dos mitos de suas divindades, demonstrando ao mesmo tempo que somente o Cristianismo tem uma ideia correta de Deus e do universo. Em consequência, defendiam os dogmas da unidade de Deus, o monoteísmo, a divindade de Cristo e a ressurreição do corpo.
- 3) Não se contentaram em refutar os argumentos dos filósofos, mas demonstraram que a mesma filosofia, por apoiar-se unicamente na razão humana, nunca alcançou a verdade, ou, se a havia alcançado, não era senão de maneira fragmentada e misturada com muitos erros, fruto dos demônios. O Cristianismo, ao contrário, diziam, possui a verdade absoluta, porque o Logos, que é a mesma Razão Divina, veio ao mundo por Cristo. Disto se segue necessariamente que o Cristianismo está incomensuravelmente acima da filosofia grega; mais ainda, que é uma filosofia divina. (QUASTEN, 2004, p. 187-188)¹⁴

Sendo pessoas inteiramente inseridas em seu contexto histórico, tornaram explícito em suas expressões, o mundo em que viviam. De maneira destemida enfrentaram e defenderam a fé dos cristãos das acusações e críticas. Assumiram posição marcada na história do Cristianismo afirmando categoricamente “a liberdade de consciência como raiz e fonte de toda religião verdadeira, como elemento indispensável para que a religião possa sobreviver” (QUASTEN, 2004, p. 189)¹⁵. As controvérsias com a filosofia grega não demoraram a ganhar espaço no processo de inculturação do Cristianismo que, através de seus representantes, inseriu-se de maneira destemida no debate filosófico vigente.

Na segunda metade do século II, quando os gnósticos criaram seus sistemas, alguns escritores cristãos percorreram um caminho diferente em sua aproximação da filosofia: eles afirmaram que justamente a mensagem cristã é que constituía a verdadeira filosofia e, portanto, enfrentaram conscientemente questões filosóficas, procurando demonstrar que suas doutrinas de fé, que aos olhos dos pagãos pareciam novas e, portanto, de pouco significado, eram na realidade mais antigas do que toda a sabedoria grega e bárbara e, portanto, ofereciam aquela verdade com a qual a Tradição clássica se afadigara sem chegar a resultados satisfatórios. (MORESCHINI, 2013, p.70)

Os Padres Apologistas tiveram, no decorrer do tempo, que ajustar seu discurso que começa com o objetivo de defender o Cristianismo das acusações que sofria, para num segundo momento debater temas filosóficos, que neste ponto já obtinha em suas frentes cidadãos de nível de conhecimento da filosofia mais

¹⁴ Tradução nossa.

¹⁵ Tradução nossa.

elevado e, posteriormente voltar-se à busca de analogias, de aproximações entre os dois lados, apesar de que na realidade, para os cristãos não havia nada em comum entre o paganismo e o Cristianismo. Paulo, considerado “Pai da Patrística” (BOGAZ, COUTO, HANSEN, 2008) enfrenta grandes dificuldades quando em Atenas tenta dialogar com os gregos a respeito da fé cristã (At 17,16-34).

A atividade dos Padres apologistas não se demonstrou como trabalho simples e de aceitação imediata, tendo em vista a necessidade de assumir temas e categorias comuns ao politeísmo pagão para, de maneira a fazer uso de analogias, poderem demonstrar que a figura de Jesus Cristo revela o que o ser humano buscou na sua necessidade de reconhecer o Logos divino.

Por mais que a contribuição dos apologistas fosse, todavia imperfeita do ponto de vista teológico, por mais que a importância de seus escritos estivesse destinada a passar com a mudança da situação do Cristianismo no império (o que explica em certo modo a escassez da Tradição manuscrita de suas obras), o que eles realizaram constituiu uma etapa irrenunciável na formação da autoconsciência cristã e da força que permitiu à nova religião nas condições aparentemente mais desfavoráveis. (MORESCHINI, NORELLI, 2006, p.223)¹⁶

O grupo dos Padres apologistas é composto por: Aristides de Atenas, Taciano o Sírio, Atenágoras de Atenas, Teófilo de Antioquia e Hémias o Filósofo (FRANGIOTTI, 1995). Quastem (2004)¹⁷ insere outros nomes na lista dos Padres que denomina como apologistas gregos. São eles: Quadrato, Ariston de Pella, Justino, Milcíades, Apolinário de Hierápolis e Militão de Sardes. A Carta a Diogneto é também citada como apologista, de fundamental importância no contexto histórico das apologias cristãs.

Apesar de somente Bogaz, Couto e Hansem incluírem Irineu de Lião entre os Padres Apologistas, seguiremos aqui a opção de incluí-lo na lista dos apologistas, devido a grande relevância de seu comentário a respeito do matrimônio. Considerado o primeiro teólogo da Igreja (BOGAZ, COUTO, JANSEN, 2008, p. 84) e que combateu o gnosticismo em seu tempo, nos traz importantes informações sobre os marcionitas e os encratitas.

Quadrato, o mais antigo dos apologistas, cidadão ateniense (FRANGIOTTI, 1995; QUASTEN, 2004; MORESCHINI, NORELLI, 2006; MORESCHINI, 2103),

¹⁶ Tradução nossa.

¹⁷ Conforme BAC nº 206

recebe por parte de Paul Andriessen, em 1946 o título de autor da Carta a Diogneto. Tal tese é aceita por Frangiotti (1995, p. 14), porém refutada por Quasten (2004, p.192), assim como por Moreschini e Norelli (2006, p. 225), também denominado como documento anônimo por Bernardino, Fedalto e Simonetti (2010, p. 183) que inclusive afirmam nada saber-se de preciso a respeito de Quadrato (p. 182) em seu Dicionário de Literatura Patrística. Segundo os questionadores da tese que liga Quadrato à Carta a Diogneto, não há evidências suficientes para sustentá-la.

Quanto à pessoa de Quadrato, o que se sabe a respeito, apesar de muito escasso, devemos a Eusébio que o cita em sua História Eclesiástica (4,3,1-2)¹⁸, onde comenta que Quadrato se dirige ao Imperador Adriano no século II, defendendo com sua apologia os cristãos que estavam sendo molestados por alguns malvados (QUASTEM, 2004) e também registra seu grande reconhecimento pela sua ortodoxia apostólica, como podemos ver no relato de Eusébio:

Essa obra ainda se encontra agora em poder de muitos de nossos irmãos e conosco. Nela se verificam as provas brilhantes da inteligência do autor e de sua exatidão apostólica. O autor manifesta sua antiguidade por aquilo que refere: “As obras de nosso salvador eram sempre evidentes, porque verdadeiras. Os que ele curou, os que ressuscitou dos mortos não foram vistos apenas no momento em que foram curados e ressuscitados, mas continuaram presentes. E isso, não apenas enquanto o salvador vivia na terra, mas ainda após a sua morte. Ficaram na terra durante longo tempo, de sorte que alguns deles chegaram até nossos dias”. (EUSÉBIO, 2000, p. 173).

Além de comovente, o relato de Eusébio, a respeito do testemunho de Quadrato, está em sintonia com o que diz o Evangelho segundo João em 20, 30: “Jesus fez ainda, diante de seus discípulos, muitos outros sinais, que não se acham escritos nesse livro”, assim como em João 21, 25: “Há, porém, muitas outras coisas que Jesus fez. Se fossem escritas uma por uma, creio que o mundo não poderia conter os livros que se escreveriam”. Ou seja, a vida dos que seguiram Jesus Cristo no tempo em que de sua manifestação histórica, foi repleta de sinais que revelavam sua identidade.

Para Quadrato, assim como para as testemunhas do período apostólico, a clareza a respeito do Salvador era inquestionável, o que pode nos dar certa noção do que os motivava no testemunho da fé, mesmo que isso lhes custasse a vida.

¹⁸ Opcit in Quastem 2004, p. 191.

Apesar da brevidade e da escassez de material deste apologista, o que temos é muito denso e revelador no que se refere à fé das primeiras comunidades. Isso é de fundamental importância, pois o material dos testemunhos trazidos desse período é o que nos liga diretamente ao Evangelho e sua origem.

Aristides de Atenas, juntamente com Quadrato é considerado um dos mais antigos apologistas. Cidadão ateniense profere sua apologia ao Cristianismo afirmando sua superioridade em relação aos pagãos, judeus e bárbaros no que se refere ao verdadeiro conceito de Deus. Segundo o ateniense, somente o Cristianismo tem o verdadeiro conhecimento a respeito de Deus referindo-se a Ele como “eterno, perfeito, imortal, onisciente, pai dos homens e autossuficiente” (FRANGIOTTI, 1995, p.35).

O que se sabe a respeito deste apologista, também depende em grande parte de Eusébio de Cesareia em sua História Eclesiástica. Sem nenhum detalhe a respeito de sua família ou de sua história pessoal, o que temos a seu respeito também parte dos críticos de sua obra que não o reconhecem como filósofo, baseando-se na simplicidade de seu texto.

Chega-se a afirmar que, pelo conteúdo encontrado, é bem provável que Aristides tenha somente lido alguns manuais de filosofia. Se bem que naquele período era comum chamar de filósofo alguém que tivesse origem ateniense. Entretanto, o conteúdo de sua apologia é repleto de conceitos platônicos, no que se refere à ordem cósmica, aristotélicos, no que diz respeito a referir-se a Deus como primeiro motor, assim como estoico, quando fala sobre a providência divina no mundo.

Como Quadrato, dirige-se ao Imperador Adriano em sua apologia e afirma ao imperador que o modo de ser dos cristãos colabora com a ordem e a estabilidade social por conta de sua fraternidade que diminui as necessidades, bem como a tensões que elas acabam gerando. Apesar de constituído com simplicidade, segundo seus críticos, Aristides revela a face daqueles que conheceram a fé cristã num contexto diverso à sua origem e reconheceram a plenitude de sua proposta em relação ao sentido existencial do ser humano, coisa que a filosofia, segundo os apologistas, não conseguia elucidar (FRANGIOTTI, 1995; QUASTEN, 2004;

MORESCHINI, NORELLI, 2006; MORESCHINI, 2103; BOGAZ, COUTO, HANSEN, 2008).

Taciano o Sírio, discípulo de Justino, provindo da Assíria (séc. II) e educado na cultura grega, tem sua apologia centrada na obra denominada Discurso aos Gregos, onde, mais que uma defesa ao Cristianismo, faz um ataque à cultura grega, pois, diferente de seu mestre despreza a filosofia. Argumenta que a sabedoria cristã é bem mais antiga do que a grega, que por sua vez teria derivado dela.

Após a morte de seu mestre, desvia-se da ortodoxia e em 172, ao retornar para o oriente, funda o grupo dos encratistas (abstinentes), pertencentes ao grupo dos gnósticos cristãos. Desprezavam o matrimônio por considerá-lo adultério, abandonaram o consumo de carnes em todas as formas, e substituíram o vinho pela água na Eucaristia, o que lhes rendeu o apelido de “aquáticos”.

Outra obra importante de Taciano é o *Diatéssaron*, onde funde os evangelhos e que se tornou o evangelho oficial da igreja siríaca até o século V, quando foi banido pela ortodoxia da Igreja que, neste momento por conta da fama de herege obtida por Taciano e pelos danos que sua heresia causou, destruiu mais de 200 cópias do texto. Taciano morreu em lugar desconhecido por volta de 180.

O que sua biografia revela é que resolveu assumir um radicalismo que o afastou da ortodoxia cristã de sua época, bem como a opção pela desconsideração de conceitos fundamentais a respeito da misericórdia divina revelada pelo Evangelho, bem como com a mundanização do corpo e a condenação do matrimônio, o que lhe rendeu severas críticas provindas de Irineu de Lião que veremos à frente. Haverá ecos de seu radicalismo em períodos posteriores na história da Igreja. (FRANGIOTTI, 1995; QUASTEN, 2004; MORESCHINI, NORELLI, 2006; MORESCHINI, 2103; BOGAZ, COUTO, HANSEN, 2008; LOPES, 2014; BERNARDINO, FEDALTO, SIMONETTI, 2010).

Atenágoras de Atenas, cidadão ateniense do século II, convertido ao Cristianismo, “pôde disputar com Justino a palma de verdadeiro filósofo cristão do século II” (MORESCHINI, 2013, p. 85). Seu pensamento é influenciado sobremaneira pelo estoicismo e pelo médio platonismo, cita, em defesa dos cristãos, como, injustamente, da mesma forma foram perseguidos importantes pensadores

como Pitágoras, Heráclito, Demócrito e Sócrates que em seu tempo antecipam como seriam perseguidos os cristãos, o que confirma seu grande conhecimento filosófico.

Em 177, escreve ao imperador Marco Aurélio e a seu filho Cômodo, sua súplica a respeito das injustiças cometidas contra os cristãos que, somente pelo título de cristãos sofriam perseguições e injustiças. Em seu texto denominado Petição em Favor dos Cristãos, combate três acusações comuns contra estes, sendo elas a de ateísmo, incesto e antropofagia. Outro escrito de sua autoria, denominado Sobre a Ressurreição dos Mortos, segundo Moreschini e Norelli, “não contém nenhum elemento especificamente cristão; se trata de justificar mediante categorias da filosofia grega (sobretudo aristotélicas) uma ideia tão indigesta para ela como a ressurreição dos corpos” (2006, p.237).

Apesar de ser contemporâneo de Taciano, seu estilo diverge muito dele, expressando-se de maneira sóbria, com clareza ordenada, sem agressividade e exageros, demonstrando sua evidente formação em retórica e a maneira refinada em expressar-se o destaca sobremaneira dos escritores cristãos que o antecederam. (FRANGIOTTI, 1995; QUASTEN, 2004; MORESCHINI, NORELLI, 2006; MORESCHINI, 2103; BOGAZ, COUTO, HANSEN, 2008; LOPES, 2014; BERNARDINO, FEDALTO, SIMONETTI, 2010).

Teófilo de Antioquia, nascido na região da Mesopotâmia, próximo aos rios Tigre e Eufrates, foi o último apologista do século II e dentre seus contemporâneos, o único elevado ao episcopado. Tem origem na cultura grega, tendo sua conversão ao Cristianismo ocorrida após a leitura dos profetas. Seus escritos se compõem das conhecidas obras como A Autólico, onde faz sua apologia nas obras Contra a Heresia de Hermógenes e Contra Marcião, havendo ainda outras obras a ele atribuídas, mas sem a possível confirmação.

Foi o primeiro a afirmar com veemência a doutrina da criação a partir do nada – *creatio ex nihilo* -, pois se a matéria, segundo Platão, também é inata com Deus, Ele seria somente algo comparado a um artífice humano que toma a matéria e faz dela algum objeto. Seu estilo literário é considerado pelos seus críticos, em comparação com seus antecessores, sem originalidade e medíocre. Entretanto, é o primeiro a referir-se a Deus como trindade.

Como os demais apologistas, Teófilo é um intelectual que usou todo seu saber em defesa do Cristianismo e do bem da Igreja. Este foi o grande escopo de sua obra *Ad Autholyicum*. Nesta obra, no segundo livro, é ele o primeiro a utilizar o termo – *Trias*, para se referir à unidade na distinção das três pessoas divinas. Dele são os dois termos *Logos Endiátetos* e *Logos Proforikós* que retirou dos estoicos. Destarte, ele afirma que tais termos possuíam valor análogo às antigas Escrituras. Doutrinariamente é de particular interesse a sua tentativa de exposição e explicação da doutrina trinitária. Ele foi, mesmo, o primeiro autor a apresentar a distinção na mesma Pessoa. Esta doutrina, que não é ainda hoje entendida e aceita entre muitas denominações cristãs de periferia, leva muitos a negar a plena divindade de Jesus Cristo. Ele é o “*Logos endiathetos*” – na sua linguagem – isto é, o “Logos imanente” ou “eterno”, que está em e com Deus Pai desde a eternidade. Ele é também o “*Logos proforikós*” – na sua linguagem – isto é, “Logos proferido” como matriz e instrumento da criação desde o começo dos tempos. (LOPES, 2014, p.124)

A apologia de Teófilo revela alguém que encontra nas escrituras seu sentido existencial a partir da vivência cristã. Nisto está, para ele, a verdadeira resposta às questões que a filosofia não deu conta, apesar de toda sua especulação. Tamanho foi seu apego com a fé que acabou dedicando sua vida a seu serviço. Este é o testemunho do Bispo de Antioquia nascido da Síria ou Assíria, entre os rios Tigre e Eufrates, endereço bíblico do paraíso. (FRANGIOTTI, 1995; QUASTEN, 2004; MORESCHINI, NORELLI, 2006; MORESCHINI, 2103; BOGAZ, COUTO, HANSEN, 2008; LOPES, 2014; BERARDINO, FEDALTO, SIMONETTI, 2010).

Hémias o Filósofo. A respeito deste apologista, sabe-se muito pouco, assim como situar a data de sua apologia traduz-se em matéria de comparação a textos que tem a mesma intenção, ou seja, questionar a validade da filosofia grega a respeito de suas afirmações sobre Deus. Somente este detalhe permite considerar sua datação no século II, porém, também pode ter sido material produzido no VI século.

Apesar de receber o título de filósofo, segundo Quastem (2004, p. 250) “seria um erro imaginar que se trata de um filósofo de profissão. Seus conhecimentos de filosofia não foram adquiridos em um estudo profundo dos antigos filósofos, mas toma-os de manuais de filosofia”. Ou seja, seu conhecimento a respeito da filosofia demonstra-se superficial.

Hérmias escreve uma sátira aos filósofos, procurando mostrar suas contradições a respeito da essência de Deus, do mundo e da alma. Não há menção a respeito de sua obra em nenhuma parte da literatura cristã da antiguidade. A única

referência ao Cristianismo em seu material. Refere-se à Primeira Carta aos Coríntios, porém com falsa localização de Corinto, o que indica que o autor não vivia próximo desta cidade. Entretanto, apesar de tantas críticas a este apologista, o que se revela a partir de seus textos é o apego à fé, assim como a defesa do Cristianismo como verdadeiro caminho que leva ao encontro da verdade (FRANGIOTTI, 1995; QUASTEN, 2004; MORESCHINI, NORELLI, 2006; BOGAZ, COUTO, HANSEN, 2008; BERARDINO, FEDALTO, SIMONETTI, 2010).

Ariston de Pella. A respeito deste apologista, temos pouco conteúdo em nossa pesquisa dentro do material que dispomos. Somente Johanes Quastem (B.A.C. 206), traça um breve comentário a respeito de sua apologia. Segundo Quastem (2004, p.195-196), Ariston de Pella foi “o primeiro apologista cristão que defendeu por escrito o Cristianismo contra o judaísmo” em seu texto sobre uma discussão ocorrida entre um judeu cristão – Jasão – em um judeu de Alexandria – Papisco – que acaba sendo convencido por aquele e converte-se ao Cristianismo pedindo o batismo. Segundo detalhes a respeito da cidadania de Papisco, que seria de Alexandria, com também o uso da exegese alegórica, a obra foi data por volta de 140, tendo como localidade a cidade de Alexandria.

Justino de Roma, mais conhecido como São Justino Mártir, foi, segundo Quastem (2004, p. 196) “o apologista grego mais importante do século II e uma das personalidades mais nobres da literatura cristã primitiva”. Filho de pais pagãos nasceu na Síria Palestinense em Flávia Aneápolis, cidade construída sobre as ruínas da antiga Siquém, fundada por Vespasiano, hoje chamada Naplusa. Em sua busca existencial, frequentou várias escolas filosóficas onde não logrou êxito.

Ele mesmo nos refere (Diál. 2-8) que tentou primeiro a escola de um estoico, em seguida de um peripatético e, finalmente a de um pitagórico. Nenhum desses filósofos logrou convencê-lo nem satisfazer-lhe. O estoico fracassou porque não lhe deu explicação alguma sobre a essência de Deus. O peripatético exigiu muito inoportunamente a Justino que pagasse sua matrícula, e respondeu a esse deixando de assistir suas aulas. O pitagórico exigiu que estudasse primeiro música, astronomia e geometria; mas Justino não sentia a menor inclinação para estes estudos. (QUASTEM, 2004, p.196)

Entretanto, foi no platonismo, mais precisamente no medioplatonismo que Justino acabou se aproximando mais do que buscava. Contudo, conforme seu Diálogo com Trifão (3-8), ao isolar-se para poder refletir, encontra à beira mar um

ancião, e por ele teve conhecimento a respeito do Cristianismo ao qual se refere como “a única filosofia digna” (Diál. 3-8). Após isso se dedica à leitura das sagradas escrituras, mais precisamente dos profetas, onde afirma ter encontrado nestes textos a única filosofia fidedigna e salutífera que, através de um processo dialético, faz dele verdadeiramente um filósofo.

Outro fator fundamental de sua conversão foi a coragem com que os cristãos enfrentavam o martírio. Contudo, a conversão de Justino não o transforma um dissidente da filosofia. Ao invés de simplesmente combater sua antiga doutrina e seus mestres gregos, “Justino elabora sua doutrina da participação dos gregos no verbo, ou Cristo, tornando-se assim o fundador do humanismo cristão” (BOHENER, GILSON, 2009, p. 29).

Sem abandonar o *pallium*, o manto dos filósofos gregos, migrou para Roma onde fundou uma escola filosófica, infelizmente, avizinhado do filósofo cínico Crescente que “lhe provocou tais e tantas dificuldades que Justino o chamava de amante do barulho (*filópsosfos*) e da ostentação (*Filókompos*)” (LOPES, 2014, p.126). Justino comenta que Crescente acusava os cristãos de serem ímpios e ateus. Para o apologista ele sequer poderia ser considerado filósofo. Contudo, foi pela denúncia do próprio Crescente que Júnio Rústico, prefeito da Urbe, que o imperador Marco Aurélio decretou sua decapitação. Seu martírio data do ano de 165 segundo registro de atas autênticas.

Apesar de Eusébio citar em sua História Eclesiástica a existência de oito obras, só é possível ter certeza a respeito de três delas sendo as duas apologias e o Diálogo com Trifão. A primeira apologia é dirigida ao Imperador Antonino Pio, a seus filhos e ao Senado romano, em favor das doutrinas cristãs. A segunda apologia, em defesa da fé cristã, foi dirigida a Antonino Vero. Eusébio as cita da seguinte maneira: “Esse mesmo Justino fez excelente trabalho, destinado aos gregos. Elaborou outras obras que encerram uma apologia em defesa da fé, e dirigiu-a ao imperador Antonino, pois ele morava em Roma” (EUSÉBIO DE CESARÉIA, HE IV,12, 11-12).

Justino é o mais importante dos Padres apologistas do século II. Com sua vida e seu testemunho no martírio, ele realizou ao máximo o que significa ser “apologista”. Com sua doutrina, defendeu a fé das pesadas acusações dos pagãos e dos judeus. Ademais, expôs a fé dentro das categorias da cultura do seu tempo. Ainda foi também um “missionário”, expondo os

conteúdos da fé dentro de uma compreensão própria de seus contemporâneos (LOPES, 2014, p.124).

A grandeza de Justino merece ainda muita pesquisa e dedicação a respeito de sua obra e de seu testemunho. Sua elegância eleva a qualidade do discurso cristão, coisa extremamente necessária em seu contexto. Seu exemplo de conversão nos mostra que toda a história de uma vida colabora no testemunho e revela o caráter do convertido, assim como o efeito da graça divina em sua vida. Ou seja, para Justino a conversão deu luz à sua existência toda. (QUASTEN, 2004; MORESCHINI, NORELLI, 2006; MORESCHINI, 2103; BOGAZ, COUTO, HANSEN, 2008; LOPES, 2014; FEDALTO, SIMONETTI, 2010; EUSÉBIO DE CESARÉIA, 2000; JUSTINO DE ROMA, APOLOGIAS I E II, DIÁLOGO COM TRIFÃO, 1995; BOEHNER, GILSON, 2009).

Milcíades. A respeito deste apologista não existe muito material, limitando-se ao relato de Eusébio de Cesareia em sua História Eclesiástica também citada por Johannes Quasten em Patrologia 1 (B.A.C. 206). Trata-se de um contemporâneo de Taciano e provavelmente era discípulo de Justino. Segundo Quastem (2004, p.226): “Desgraçadamente todos os seus escritos foram perdidos”, e ainda:

Tertuliano (Adv. Valent. 5) e Hipólito (EUSÉBIO, Hist. Ecl. 5,28,4) atestara que defendeu o Cristianismo contra os pagãos e hereges. Segundo Eusébio (Hist. Ecl. 5,17, 5), escreveu uma Antropologia da filosofia cristã dirigida aos <<príncipes temporais>>. Estes <<príncipes>> eram provavelmente Marco Aurélio (161 – 180) e seu colega Lúcio Vero (161 -169). Suas outras obras: Contra os Gregos, em dois livros, e Contra os Judeus, também em dois livros, eram igualmente de caráter apologético (QUASTEM, 2004, p. 226).

Apolinário de Hierápolis, assim como Milcíades, tem escasso registro de sua atividade. Citado também por Eusébio, que afirma ter Apolinário muitos e grandemente difundidos escritos em seu tempo. Sabe-se que era bispo de Hierápolis no tempo de imperador Marco Aurélio (161-180). Entretanto nada restou de sua produção escrita. (QUASTEN, 2004, p.226-227)

Militão de Sardes, segundo Quastem (2004,p. 238) é uma das figuras mais veneráveis do século II, bispo de Sardes na Lídia. Tem como mérito ser o primeiro a sugerir solidariedade entre o Império e a Igreja, que segundo ele são irmãos de leite e que a religião cristã representaria para o Império uma benção e prosperidade. Também citado por Eusébio em sua História eclesiástica, que comenta a respeito de outros escritos dos quais se sabe da existência somente de pequenos fragmentos.

Irineu de Lião, nascido em Esmirna (atual Turquia), por volta do ano 140, foi discípulo de Policarpo que fora discípulo do apóstolo João. Conhecido como teólogo da ortodoxia por seu enfrentamento contra o gnosticismo. Trata-se do primeiro grande teólogo dogmático dos Padres. Sua importância para a ortodoxia da Igreja é tamanha que mereceria um capítulo deste trabalho para poder expor devidamente suas reflexões (RIBEIRO, IN CONTRA AS HERESIAS, IRINEU DE LIÃO, 1995).

4.2. SEGUNDO PERÍODO – SÉC. III a V.

O segundo período ou época, também conhecido como Época de Ouro, estende-se até o Concílio de Calcedônia (451), revela-se como o mais denso e frutífero da Tradição Patrística. Situado em um contexto diferente do primeiro período, tem seus interesses e objetivos voltados para o que podemos chamar de formatação dos temas principais da Tradição, no que diz respeito aos dogmas, à organização da Igreja, aos rituais e o símbolo apostólico¹⁹ (BOGAZ, COUTO, HANSEN, 2008). Entretanto, há que se dar atenção para o fato de que as coisas não acontecem na realidade como se fossem em um roteiro de um filme. Entre altos e baixos o Cristianismo vai se inserindo e se adaptando ao que é possível e combatendo o que é antagônico à sua fé.

Apesar de sua rápida difusão, os cristãos continuam sendo, ainda no começo do século IV, uma minoria na sociedade (talvez 12-15 %), em algumas regiões, entretanto, já perfazem agora quase metade de toda população. Até a guinada constantiniana as comunidades cristãs continuam sendo bizarro corpo estranho em seu contexto sócio cultural. Toda uma série de princípios e de sua prática de vida e de seu sistema de fé encontra-se em direta oposição aos princípios da sociedade helenista-romana: a abertura universal da comunidade para todos os que creem questiona fundamentalmente o caráter classista da sociedade. A pretensão absoluta de verdade da fé implica não só elevadas exigências morais, mas volta-se também contra a postura básica sincretista da cultura helenista-romana. Enquanto o meio é mais forte, as comunidades cristãs se encontram na situação de potencial ou efetiva rejeição e perseguição. (SCHNEIDER ET ALL, 2008, p.71)

Não se pode crer que o pensamento cristão foi aceito de forma unânime em sua originalidade, e, por isso, necessitou adaptar-se de muitas maneiras ao meio. Entretanto, a evolução trouxe consigo algumas questões que afetarão a sequência histórica da Igreja, como afirma Alberigo (1999, p. 16):

Entre os séculos IV e V, a Igreja cristã sofre modificações e não apenas quantitativas. O número de batizados e das comunidades cresce

¹⁹ A respeito do símbolo apostólico ver História da Igreja Católica, Lenzenweger et all (2006)

enormemente; os cristãos estão presentes em todas as camadas sociais e em todos os ambientes; o fim da luta contra o Cristianismo enfraquece a expectativa escatológica e a consciência de serem “estrangeiros” na sociedade. Todas essas modificações têm efeitos também dentro do povo de Deus (...). Outro fator importante é a consolidação de uma organização eclesiástica de notáveis proporções que constitui, sobretudo no Ocidente, um dos maiores centros de autoridade e poder, cujo controle tem uma clara relevância política e econômica. O conjunto de tais realidades se torna objeto de disputa entre quem o detém e aqueles que gostariam de controlá-lo; monta-se assim uma estrutura eclesiástica que, conforme o ponto de vista, se gostaria que fosse reservada aos “clérigos” ou aberta aos “leigos”.

A partir de 30 de abril de 311, o imperador Galério, que sucedeu a Diocleciano, promulgou o Edito de Tolerância que, no ocidente, basicamente acaba com as perseguições aos cristãos (LENZEWEGER et al, 1995, p.34-35). Perdendo muito de sua originalidade, o Cristianismo avançou para meios políticos envolvendo-se diretamente com os assuntos do Império desde que Constantino abre suas portas para o que se tornaria a religião oficial assumindo a função que anteriormente fora ocupada pelo politeísmo pagão comum na cultura greco-romana.

Constantino (312-337 d.C.) assume o império após uma batalha vencedora e sob a égide do símbolo cristão em suas insígnias, contra seu opositor Maxênico. Percebendo que o apoio de cristãos seria fundamental para o governo do império, Constantino, em 313, proclama o Edito de Milão, reconhecendo o Cristianismo e mesmo concedendo privilégios à religião cristã, com a construção de igrejas, dispensa dos impostos e prestação de serviços públicos, para os clérigos, equiparação dos bispos com os altos funcionários e doação de propriedades de terras. Constantino passa a intervir diretamente na organização cristã e na solução de controvérsias teológicas, como no Concílio em Arles (325 d.C.) e convoca o Concílio de Nicéia (325). Após Constantino, seus sucessores continuaram a política de aproximação. Teodósio (379-395 d.C.), em 380 d.C., pelo Edito *De Fide Catholica*, torna a fé cristã lei oficial do império. (BOGAZ, COUTO, HANSEN, 2008, p. 50)

A pessoa de Jesus Cristo ganha status de *Cristos Imperator*, e ainda do *Pantocrator* (LENZENWEGER et al, 1995), qualificação anteriormente dada a Zeus pelos gregos e a Júpiter pelos romanos (LACOSTE, 2004, p.1414), o que acaba desfigurando a pessoa de Jesus de Nazaré apresentada pelos evangelhos. No lugar da manjedoura, encontramos o trono, no lugar da expressão acolhedora, encontramos a postura imperial com a posição da mão que simboliza seu poder. O Cristo que vivia entre os pobres, agora se torna justificativa do poder imperial e, por isso, cercado da corte, onde os pobres não tem lugar, onde o próprio Jesus de Nazaré não quis estar em seu tempo.

A Igreja, no século IV, se afirma como uma organização em competição com o Estado, capaz de atrair cada vez mais pessoas cultas e influentes.

Esta competição ameaça de maneira diversa a realidade do Estado, principalmente insinuando a possibilidade de uma vida diferente, que se vivia na Igreja, bem como uma nova concepção política, uma nova realidade social. A nova realidade podia ser, por exemplo, a carreira eclesiástica; quem amava o poder descobria muito rápido a possibilidade de encontrar maiores oportunidades na Igreja do que no Estado. (MORESCHINI, NORELLI, 2017, p.4)

A mudança de status da Igreja muda também o motivo para que a pessoa possa querer fazer parte dela. Se no período apostólico a motivação estava em seguir os passos de Jesus de Nazaré, neste momento o que seduz é a possibilidade de adquirir grande poder social. Diante de um estado decadente, uma nova possibilidade de ascensão social. Parece que o objetivo de muitos que seguiam Jesus, querendo que ele fosse um novo Davi, alcança a partir desse momento suas expectativas. A Igreja torna-se símbolo de poder.

De maneira geral, a partir dos séculos IV-V, os cristãos vivem numa Igreja que se torna um dos fatores mais importantes da vida pública e exerce um papel cada vez mais influente na sociedade. Uma Igreja que toma consciência de suas responsabilidades sociais; o papel do episcopado, frequentemente como função supletiva do poder político deficiente, adquire dimensões novas, para além da vida interna das comunidades cristãs. A Igreja se integra mais profundamente no mundo; vai procurar esforçar-se por transformá-lo, enquanto é também mais marcada por ele. (SPANNEUT, 2002, p.24)

Para Michel Spanneut o que acontece com a Igreja nesse momento, pode ser reconhecido como uma grande inculturação desta com o mundo, onde sofre forte influência da cultura que a cerca, contudo, deixando também neste mundo sua marca. Diante da explícita decadência do império, sua ação ocorre de maneira a não deixar desamparado o povo que vê Roma ruir, e diante das bruscas mudanças que lhe acometem, a Igreja torna-se a grande protagonista na mudança sociopolítica que se inicia. Contudo, do ponto de vista social, acaba agindo de maneira assistencialista, não combatendo as raízes das desigualdades sociais.

O protagonismo cristão já não se revela pelo testemunho do martírio e da vida em comunidade conforme o modelo do livro dos Atos dos Apóstolos (2,42-47). Neste momento a força dos cristãos terá sua expressão mais marcante nos altos escalões da Igreja, a partir dos bispos que assumem funções sociopolíticas além do episcopado, contudo baseados nos valores cristãos agora refletidos a partir da filosofia grega.

As maiores personalidades do Cristianismo foram aqueles bispos que eram capazes de unir a teologia cristã com a filosofia pagã, com habilidade política baseada nos valores cristãos: pensamos em Ambrósio, e Agostinho, em Atanásio e Basílio. A Igreja atraía a muitos homens que no passado foram excelentes generais, governadores de províncias, conselheiros de imperadores. Os cristãos se sentiam mais cristãos do que cidadãos romanos, e estavam ligados nem tanto às instituições políticas tradicionais quanto à nova realidade social (Igrejas, monastérios, propriedades da Igreja). O equilíbrio social mudou em detrimento das antigas instituições do Império. O clero gozava de todo tipo de privilégios, incluindo o de ser julgado pelos próprios bispos e não pelas autoridades do Estado. (MORESCHINI, NORELLI, 2017, p.4)

Trata-se de um modelo diferente do Cristianismo nascente do período que engloba o primeiro e segundo séculos principalmente. Apesar das disputas por poder, sempre presentes nas relações entre seus membros e que são registradas já nos evangelhos, nos Atos dos Apóstolos, assim como nos outros livros do Novo Testamento, não havia ainda acontecido na Igreja tamanha configuração com base em poder político. Contudo, é neste período que temos o título de Época de Ouro pela grande produção de textos da Patrística.

Os bispos eram os inspiradores de grandes organizações voluntárias de caráter caritativo. Fundavam e controlavam instituições de caridade (Tal é o caso de Basílio), os sacerdotes defendiam os pobres contra os funcionários de um Estado ávido e vigilante (mas sempre um Estado) e, quando a situação militar do Império piorou, a Igreja organizou (por exemplo, com Gregório Magno) a defesa das cidades contra os bárbaros. Há que se admitir, portanto, que a prosperidade da Igreja foi ao mesmo tempo uma consequência e uma causa da decadência do Estado. (MORESCHINI, NORELLI, 2017, p.4)

O Cristianismo, anteriormente perseguido e desprezado como superstição e que posteriormente foi acolhido pelo Império, transformou-se em um poder superior ao Estado, a ponto de, mais que o Estado, organizar a defesa das cidades no período das invasões bárbaras. A força do Cristianismo manifestava-se de maneira evidente na defesa dos pobres contra um Estado que, por estar decadente, procurava tirar o que podia de seus súditos. Enquanto o Estado se limitava a ceder terras aos invasores pelo fato de não tê-los vencido no campo de batalha, a Igreja assumiu a função de civilizar os Bárbaros (MORESCHINI, NORELLI, 2007).

Neste período houve uma rica produção na elaboração da liturgia e da arte cristã. As grandes Basílicas começam a ser construídas e tornam-se como imagem da representação da Igreja neste momento. Fato importante se dá no culto dos mártires que sempre trarão à memória de todo cristão conhecedor da história da Igreja como eles, os primeiros cristãos lutaram pela fé dispondo da própria vida.

A fixação e a expansão das formas de liturgia andam juntas com a construção das grandes basílicas. Data dessa época o desenvolvimento das liturgias latinas (romana, ambrosiana, galicana, depois visigótica...) e das grandes liturgias orientais: gregas (ditas de S. Basílio, de S. João Crisóstomo...), siríaca etc. O calendário das festas cristãs se enriquece: Semana Santa, Epifania, Natal, Pentecostes e também Ascensão... Formas particulares de piedade se desenvolvem: o culto dos mártires e das relíquias, as peregrinações, sobretudo as peregrinações à Terra Santa, como a de Etéria (ou Egéria), fidalga da Espanha ou da Aquitânia, nos anos 381-384. (SPANNEUT, 2002, p. 24).

A grande riqueza religiosa produzida neste período deixou suas marcas até a atualidade. A beleza das artes e da liturgia deu novo sentido inclusive na formação catequética dos fiéis, assim como a celebração das festas religiosas que não somente adornam, mas também fortalecem a fé da Igreja. Tudo isso vai colaborar para o crescimento e o fortalecimento da Igreja que dá estabilidade ao povo enquanto o Estado decai. Entretanto, nem tudo resplandece glória. A massificação da fé no império dilui a intensidade da fé, gerando com o aumento do povo cristão alguns problemas pastorais, assim como o apego ao ritualismo.

A Igreja torna-se uma igreja de massa com uma frequência cada vez menor de fiéis fervorosos em comparação com os pouco praticantes e, quando se fala de conversões, elas ocorrem mais por interesses oportunistas diante do *status* da Igreja. A diferença entre religiosidade pagã e cristã não é muito demarcada e o adiamento do batismo na idade adulta permanece fortemente no século IV. Quanto à evangelização dos camponeses, esta não será tarefa fácil, devido às dificuldades geradas pelas as práticas dos pagãos convertidos. Aqui a diversidade torna-se fator de dificuldade para a ortodoxia.

Devido à multiplicação das Igrejas locais, começam a surgir problemas de organização. Em virtude disso, a Igreja, através dos Concílios de Nicéia (325) e Constantinopla (381), assume divisões parecidas com as divisões territoriais do Império onde bispado, província eclesiástica, patriarcado tem sua referência na cidade, província e diocese, o que deu origem aos patriarcados do oriente que acabaram gerando grandes problemas para as comunidades devido aos conflitos entre eles e envolvem personalidades como João Crisóstomo e Teófilo de Alexandria, Nestório e Cirilo de Alexandria. Para o Ocidente esta divisão civil territorial não tem tanto efeito, sendo que o bispo de Roma ganha cada vez mais

força como patriarca do Ocidente, fortalecendo a centralização e a unidade na Igreja latina.

Há, porém, um fato muito interessante neste período: trata-se do desenvolvimento do movimento monástico que deu à Igreja muitos bispos e também colaborou com o desenvolvimento da teologia que teve que lidar com as controvérsias doutrinárias como o Arianismo, as controvérsias cristológicas, bem como em torno dos sacramentos como é o caso do donatismo e com respeito à graça no caso do pelagianismo e suas consequências²⁰. As controvérsias acabaram colaborando para uma maior e melhor reflexão a respeito das doutrinas da Igreja, onde não somente os grandes protagonistas destes eventos, mas também o povo fortaleceu-se, como também a ascese ganha destaque neste período rico e conturbado que favoreceu o fortalecimento da Igreja. Foi nas crises que a Igreja buscou cada vez mais sua razão de ser (SPANNEUT, 2002).

Serão apresentadas agora as grandes personagens desse período e que o marcaram com seu protagonismo em meio a tamanhas transformações que os eventos históricos impuseram à Igreja e seus membros. Totalmente inseridos em seu contexto e envolvidos com suas comunidades de fé, cada um deles deixou sua marca e testemunho para toda a continuidade da Igreja.

Atanásio de Alexandria (295-373), conhecido como Santo Atanásio revela-se como figura polêmica na sua época e ainda hoje. Isto devido às discordâncias a respeito de detalhes de sua história. Quanto à data de seu nascimento, Besen (2012, p.52), Frangiotti (2002, p. 9) e Quasten (2004, p. 23), confirmam seu nascimento em 295. Contudo, Berardino, Fedalto e Simonetti (2010, p.276) afirmam que: “Nada é conhecido a respeito do lugar e da data do nascimento de Atanásio. A acusação que lhe foi movida por ter sido eleito bispo muito jovem em 328, antes dos treze anos, leva a pensar que tivesse nascido algum tempo antes do ano 300 d.C.” Contudo, a data de seu episcopado é confirmada por Frangiotti (2002, p.13), bem como por Quasten (2004, p.23).

²⁰ Com respeito a esses temas, ver Roque Frangiotti: História das Heresias. Paulus, 1995.

Exilado cinco vezes (FRANGIOTTI, 2002, p. 14-22), combateu fortemente o arianismo²¹, sendo considerado pelos arianos seu principal inimigo e, por conta disso, por eles severamente perseguido de maneira a tentar destruí-lo a qualquer modo (QUASTEM, 2004, p.23). Segundo Frangiotti (2002, p. 22-23): “Sua produção literária é ampla abrangendo os gêneros apologético, histórico, exegético, homilético e epistolar”. Isso, apesar de sua parca formação, por ele mesmo reconhecida (FRANGIOTTI, 2002, in SANTO ATANÁSIO p. 10).

Basílio de Cesaréia (330-379), nascido na chamada idade de ouro da Patrística, também conhecido como São Basílio Magno, pai do monaquismo, faz parte dos chamados Padres capadócijs, que, segundo Frangiotti (1998, p. 9) são as referências mais elevadas da “patrologia grega oriental”, junto com seu irmão Gregório de Nissa e Gregório de Nazianzo. Tendo sua origem na alta aristocracia, renunciaram aos confortos e dedicaram-se à vida religiosa e ao cuidado com os mais necessitados.

Àqueles que muito têm, cabe o reconhecimento da necessidade da caridade com os menos favorecidos. Ser criado à imagem de Deus deve significar que, como Deus não se descuida de nada de sua criação, a humanidade, da mesma forma, deveria cuidar daquilo que do Criador recebeu gratuitamente, de maneira a respeitar a vida, assim como, de maneira particular agir com fraternidade, não somente para com aqueles que podem fazer parte do círculo de seus banquetes onde o que mais se divide é a luxúria e a ganância. A caridade se revela a partir do pensamento de Basílio como o verdadeiro crescimento pessoal do ser humano, o que se evidencia na sua própria vida.

A caridade para Basílio, não está presa somente ao discurso moralista. Seu exemplo de vida nos mostra que o Evangelho deve ser seguido com atitude muito menos do que com discurso. Com toda sua formação intelectual e origem abastada, ele percebe-se inserido na verdadeira missão do pastor e instala-se com suas ovelhas no aprisco.

Basílio de Cesareia merece de nós muitas páginas a mais do que neste trabalho nos permite nosso objetivo. Contudo, o que se revela nas suas

²¹ A teoria de Ário afirmava que Jesus Cristo não teria nascido de Deus, sendo apenas a primeira criatura a partir do nada, acolhido por Deus como filho (BESEN, 2012).

preocupações com as famílias e suas dificuldades, bem como com o descuido dos ricos a respeito das virtudes cristãs, e sua atenção com a boa formação dos jovens, nos dá muitas luzes a respeito do tema da família e o que lhe afeta. A dor dos pais que não tem condições de criar seus filhos, os abusos das estruturas sociais injustas, a educação de qualidade onde a alienação não tem vez, fazem de Basílio um forte representante dentro das reflexões a que este trabalho se propõe, e que mais adiante colaborará diretamente no alcance de nosso objetivo. (QUASTEM, 2004; BASÍLIO, 1998; BOGAZ, COUTO, HANSEN, 2008; MORESCHINI, 2013; BERARDINO, FEDALTO, SIMONETTI, 2010; BOEHNER, GILSON, 2009; REALE, ANTISERI, 2003; LENZENWEGR ET ALL, 2006; BESEN, 2012; SPANNEUT, 2013; MORESCHINI, NORELLI, 2007)

Gregório de Nazianzo (329/339- 390), nascido em Arianzo, ou em Nazianzo, com informações conflitantes quanto à sua data de nascimento que variam do ano 300, 326 e 320 (SPANNEUT, 2013, p. 47; BERARDINO, FEDALTO, SIMONETTI, 2010, p. 879), vindo de uma família aristocrática. Seu pai, Gregório, era Bispo de Nazianzo, que o batizou. Seu pai lhe ordenou de maneira impositiva ao sacerdócio por volta de 362. Revoltado com a maneira que lhe fora imposto o ministério, recusou-se a assumir sua função de colaborar com seu pai e retirou-se e somente na Páscoa de 362 retorna e assume sua função.

Inconstante em assumir seus compromissos eclesiais, quando se percebia acuado, retirava-se para o deserto por um período e depois retornava. Com sua formação clássica, não era adepto às funções administrativas e nem a enfrentamentos, apesar de sua formação em retórica, o que se evidencia no Concílio de Constantinopla, onde, já como bispo, após ter sido nomeado presidente do concílio pelo Imperador Teodósio. Por não ter conseguido acordo entre os membros do concílio, apresentou sua demissão. Outras situações de desistência se acumulam em sua história, mostrando certa inconstância e desapego com os compromissos de um bispo.

Com fortes influências do cinismo, estoicismo, do platonismo e de Plotino, sua visão de mundo tende fortemente ao desprezo do corpo que considerava a prisão da alma. É pela ascese que a alma se aproxima de Deus, libertando-se das paixões e desejos. Segundo Moreschini:

A exigência da ascese, que é tão fortemente sentida por Gregório a ponto de caracterizar de modo personalíssimo todas as suas obras (basta pensar na frequência de termos que indicam a purificação) exprime-se em palavras de áspera condenação do corpo humano. Ela não remonta ao Novo Testamento, mas a uma bem definida Tradição cristã que se manifesta sobretudo nas tendências ascéticas e monásticas daqueles tempos. Frequentemente, o escritor se lamenta de estar “atrelado ao corpo”, identificando a si mesmo com a alma, evidentemente (cf. Oração 14, 6,865A; 18,3,988C; 21,2). Nessa expressão ecoa na mente do escritor a famosa imagem do *Fedro* platônico dos dois cavalos de raça diferente, que representam a parte irascível e a parte concupiscível da alma, dirigidos por um auriga, que significa a parte racional. (MORESCHINI, 2013, p. 562).

Em Gregório revela-se, como em outros, a real origem do pensamento que mundaniza a criação divina. Quando Paulo, em Coríntios 12, refere-se ao corpo para explicar a função dos carismas na comunidade de fé, não se refere à alma, obviamente por diferença de conceitos, mas também em virtude de compreender como judeu que a criação divina é perfeita. Como afirmam Bogaz, Couto e Jansen (2008, pp. 37-39), Paulo é o grande inspirador dos Padres. Entretanto, evidencia-se que as distâncias geográficas, temporais e culturais vão deixando suas marcas no percurso da história do Cristianismo que também vai se distanciando daquilo que é elementar em sua origem. Contudo, em outras situações, Gregório recorre ao Novo Testamento, para justificar sua tese ascética:

Gregório levanta também o problema do casamento e da virgindade. Evidentemente, ele celebra a infinita superioridade desta última, sobretudo por ter aparecido em Maria, “a casta Virgem mãe”: “Então finalmente, a virgindade brilhou aos olhos dos mortais, liberta deste mundo e libertando o mundo enfermo, indo além das núpcias e dos vínculos da vida tanto quanto vai a alma além da carne”. Ele não deixa de afirmar que o matrimônio é “a lei primitiva da terra, que é também a lei de Deus”. Chega a enaltecer esse “enobrecimento do eros”, “selo de uma amizade inquebrantável”, fonte de benefícios para o próprio casal e para o mundo. “O matrimônio não afasta de Deus, mas dele aproxima, quanto mais que é o próprio Deus que para ele nos impele”. Se Gregório nem sempre é tão compreensivo para com “a única bebida de uma fonte cercada que não provam aqueles que estão do lado de fora”, é certo que sua concepção da vida conjugal é menos pessimista que a de Basílio. (SPANNEUT, 2013, p. 53).

Contudo, também comenta a respeito da opção pelo celibato por causa do Reino de Deus (Mt 19,12), isso tudo sem desmerecer nenhuma das opções. Para Gregório, o celibato terá maior valor do que o matrimônio, mesmo que o compreenda como lei natural. Suas opções se dão a partir de sua formação humana e acadêmica. Em meio aos seus conflitos pessoais, construiu para si uma opção de vida que propôs à comunidade de fé como o melhor caminho. (BOGAZ, COUTO

HANSEN, 2008; MORESCHINI, 2013; BESEN, 2012; MORESCHINI, NORELLI, 2007; SPANNEUT, 2013; BERARDINO, FEDALTO, SIMONETTI, 2010).

Gregório de Nissa (335/340-394), já referido acima como irmão de Basílio, fecha o ciclo dos chamados Padres Capadóciolos. É considerado dentre os três, o maior filósofo. Sua biografia é escassa, o que impossibilita trazer com exatidão a data de seu nascimento que pode ter ocorrido por volta de 335 no Ponto em Neocesaréia. Foi inicialmente educado em família, com a evidente leitura dos clássicos gregos, assim como uma boa formação em medicina. É possível que tenha concluído seus estudos em Cesaréia que era conhecida como metrópole da eloquência. (GREGÓRIO DE NISSA, 2011, p. 12). Conforme Spanneut (2013, p. 67):

Ninguém entre seus contemporâneos, assimilou como ele Platão, Plotino, Porfírio, Fílon. Deixa transparecer traços precisos de Aristóteles e dos estóicos. Admira Libânio, o grande mestre Pagão de Antioquia. Leu Ireneu, Metódio de Olímpia, Atanásio, Marcelo de Ancira e sobretudo Orígenes. Discutia, indiferentemente, com os especialistas, medicina, geometria, astrologia. Experimentadíssimo nos recursos e artifícios da segunda sofística, conhecia suficientemente retórica e dialética.

Apesar da influência familiar à vida monástica, não faz esta opção. Atuou profissionalmente como retórico e leitor. Casou-se com Teosébia que falece em 385, mas apesar disso torna-se o maior teólogo da virgindade. Escreve o tratado *A Virgindade*, e afirma que a vida conjugal é um consolo da morte (SPANNEUT, 2013, p. 70). Sua visão com respeito ao pecado original revela sua percepção quanto ao conceito de desordem universal, com forte apelo platônico:

Fala do pecado cometido por Adão, mas sem insistir sobre o fato único. Ele fala tanto do pecado dos “primeiros homens” como do “primeiro homem”. Concebe, antes o pecado original como obra de toda a natureza humana, começada em Adão e continuada, com uma responsabilidade igual, nos pecados individuais. Essa falta, de todo modo, instaura uma “desordem universal” no lugar do estado idílico de realeza, de beleza, de domínio absoluto, de independência. Quando, por seu desprezo, a alma humana resvala para baixo, para o mal e o irracional, intervém uma segunda criação: o homem, agora homem e mulher, vestido das “túnicas de pele” da condição animal e da sexualidade, encontra-se dilacerado entre as paixões da sensibilidade dominante da aspiração e da aspiração amorosa de sua natureza primeva que continua – em vão – a tender para Deus. (SPANNEUT, 2002, p.75)

Entretanto, a visão do nisseno com respeito à dignidade do ser humano na obra da criação divina, revela sua visão de perfeição como imagem e semelhança de Deus, dando destaque ao momento em que o Criador, após preparar a chegada

do homem com a prévia criação universal, traz ao mundo sua mais especial criatura, como se pode ver em seu texto A Criação do Homem (III):

Assim, toda coisa em particular, o éter, os astros, o ar que está no meio, a terra, os animais, as plantas, todas estas coisas vêm à existência com uma só palavra. Na criação do homem, O Criador do universo avança com circunspeção: primeiramente, ele prepara a matéria necessária para a sua formação, torna semelhante a sua forma à beleza de um arquétipo; em seguida, segundo o fim pelo qual ele o criou, lhe compõe uma natureza acordada a ele mesmo em relação com as atividades humanas, segundo o plano que ele se propôs. (GREGÓRIO DE NISSA, 2011, p. 58).

Construiu em seu tempo, um pensamento que influenciou a mística do monaquismo (SPANNEUT, 2013, p. 70). Contudo, constrói para o matrimônio e conseqüentemente para a família humana, uma imagem pecaminosa que distancia seus membros da graça divina pelo fato de que pela carne se prolifera. Mesmo que tenha em mente o conceito aristotélico de justo meio, o nissenso não deixa de expressar seu desgosto com a vida matrimonial e seus frutos. Quando fala das desgraças causadas pelo matrimônio, têm em mente os conceitos do referido diálogo de Platão intitulado O Banquete, onde, as relações matrimoniais são referidas como fonte de adultério e com a única função de gerar filhos, dando lugar somente à promiscuidade e ao adultério, sem levar em consideração o amor conjugal.

Gregório de Nissa será sempre digno de respeito e admiração por ter sido um dos Padres que mais colaborou com a construção do pensamento cristão. Quanto a nós, neste trabalho, temos a obrigação de cumprir com nossos objetivos, ainda que para isto tenhamos que questionar reflexões inteiramente inseridas em seus contextos. (SPANNEUT, 2013; BERARDINO, FEDALTO, SIMONETTI, 2010; BOGAZ, COUTO, HANSEN, 2008; BESEN, 2012; MORESCHINI, 2013; MORESCINI, NORELLI, 2007).

João Crisóstomo (345/349/354-407), vindo de família abastada, nascido em Antioquia na Síria, filho de um funcionário da administração civil do governo militar da Síria que morrera pouco tempo depois de seu nascimento. Sua mãe, Antusa, mesmo ainda jovem, aos vinte anos de idade, não se casou novamente. Foi aluno do famoso retórico Libânio, foi também ouvinte do filósofo Andrágico. João Crisóstomo segue em suas homilias chamando a atenção para a pureza do

matrimônio e sua dignidade, certamente digno de muitas páginas a mais, o que não é possível aqui devido aos limites desta pesquisa.

O Boca de Ouro, como era chamado, mostrou através da preciosidade de suas palavras, como pode combater os hereges de seu tempo na defesa da família humana criada pela vontade e pela benção divina para que, mesmo entre os mais diversos problemas que possam cerca-la, revelar ao seu modo a face amorosa e criadora de Deus que, com amor absoluto dá ao ser humano um lugar especial para existir e frutificar. Esse lugar chama-se família. (BESEN, 2012; MORESCHINI, 2013; SPANNEUT, 2002; BERARDINI, FEDALTO, SIMONETTI, 2010; MORESCHINI, NORELLI, 2007; HEEN, KREY, ODEN, RODRIGUES, 2005; GORDAY, ODEN, RODRIGUES, 2000; BRAY, ODEN, RODRIGUES, 1998).

Santo Agostinho, ou Aurélio Agostinho, nascido em Tagaste, na região africana da Numídia, filho de Patrício, pequeno proprietário de terras. Agostinho, que era de origem pagã, só se converteu ao Cristianismo no fim de sua vida. Entretanto, sua mãe, Mônica era uma cristã fervorosa. Agostinho foi sempre apoiado por seu pai em sua formação intelectual, mas precisou da ajuda de um amigo de seu pai para dar sequência aos estudos.

Depois de ter frequentado as escolas em Tagaste e na vizinha Madaura, conseguiu ir para Cartago, graças à ajuda financeira de um amigo de seu pai, para realizar seus estudos de retórica (370/371). Sua formação cultural realizou-se inteiramente em língua latina e com base nos autores latinos (só superficialmente e não de muito bom grado ele se aproximou do grego). Para ele, Cícero manteve-se durante longo tempo como modelo e ponto de referência essencial. (REALE, ANTISERI, 2003, p. 81-82).

Assumiu a função de professor de retórica em Tagaste no ano de 374 e posteriormente na cidade de Cartago, entre os anos de 375 a 383. Por não suportar seus turbulentos alunos cartaginenses, no ano de 384 transfere-se para Roma e logo em seguida, no mesmo ano, muda para Milão para assumir oficialmente o cargo de professor de retórica daquela cidade, por influência dos maniqueus de quem durante algum tempo foi seguidor, até converter-se ao Cristianismo por influência de Ambrósio. (RAELI, ANTISERI, 2003).

A dramaticidade de sua busca e a sua conversão são o pano de fundo que sustenta seu pensamento e expressão negativa ao matrimônio, tão frequente em suas obras. Mas ao visitarmos o coração inquieto deste homem tão apaixonado por

Deus, poderemos compreender que na sua busca acaba representando a cada seguidor do Senhor, que apesar de tão imenso, quer estar com o ser humano tão intimamente, e de maneira tão suave e respeitosa, que em sua absurda limitação e precariedade não o percebe. Agostinho não só se apaixonou por Deus; ele corajosamente bradou para que todos soubessem que havia encontrado na sua fé o verdadeiro sentido de sua existência. Se Agostinho teve limites, estes são os de cada ser humano e de toda a humanidade.

A perspectiva humana a respeito de Deus será sempre estreita e confusa. Por mais que pela teologia pretendamos dizer alguma palavra sobre Deus, essa palavra será sempre humana e por isso precária e limitada pela busca constante em que, cada mulher e homem iniciam quando é concebido, ou seja, o encontro definitivo com o Criador. Para o Doutor da Igreja essa busca encontra êxito quando mergulha em si em suas Confissões.

Tarde te amei, ó beleza tão antiga e tão nova! Tarde demais eu te amei! Eis que habitavas dentro de mim e eu te procurava do lado de fora! Eu, disforme, lançava-me sobre as belas formas das tuas criaturas. Estavas comigo, mas eu não estava contigo. Retinham-me longe de ti as tuas criaturas, que não existiriam se em ti não estivessem. Tu me chamaste, e teu grito rompeu minha surdez. Fulguraste e brilhaste e tua luz afugentou a minha cegueira. Espargiste tua fragrância e, respingando-a, suspirei por ti. E te saboreei, e agora tenho fome e sede de ti. Tu me tocaste, e agora estou ardendo no desejo de tua paz. (AGOSTINHO, 1997, p.299).

Os limites deste trabalho não permitem que se possa aqui aprofundar o quanto seria necessário, a respeito de temas tão importantes tratados no segundo período da Patrística. Apesar de que nesta pesquisa encontra-se um vasto material, se faz necessário manter-se nos limites do que é possível.

4.3. TERCEIRO PERÍODO – SÉC. V a VIII

Por fim, o terceiro período, também denominado Época do Declínio, afasta-se dos debates centrais a respeito da fé com base nas Sagradas Escrituras e dos assuntos concernentes à Tradição, voltando-se mais para as disputas políticas, e disputas como, por exemplo, com os iconoclastas²². Trata-se do período que vai desde o Concílio de Calcedônia até o século VIII, com variações que indicam seu final com Isidoro de Sevilha (636), outra que cita Gregório Magno (604) no Ocidente, e ainda outra que cita João Damasceno (730) (BOGAZ, COUTO, HANSEN, 2008, p.

²² A respeito dos iconoclastas ver Dicionário Crítico de Teologia, Lacoste, 2004, pp. 1252 – 1255.

29), e testemunha a decadência do Império Romano que já vinha a algum tempo enfrentando dificuldades para manter sua unidade desde o século II (FRIGHETTO, 2012, p. 134)

O último período da Patrística encontra-se num momento histórico sobremaneira conturbado para o Império Romano. A Igreja, acolhida pelo Império, ganhou força e cresceu em importância e volume. A expansão do Cristianismo fortaleceu suas estruturas que tiveram por base a organização das estruturas estatais, como é o caso das divisões em patriarcados e dioceses, mas, ao contrário do Estado, manteve-se em pé. Para a construção de conceitos cristãos, esse período não colaborou, pois, diante do contexto que estava inserida, a Igreja preocupou-se com outras questões.

O Império Romano buscava de diversas maneiras, encontrar um caminho que o mantivesse forte e unido, objetivo tal que não logrou êxito. As alianças com povos estrangeiros ou Bárbaros, que num primeiro momento pareciam ser interessantes para a manutenção do Império com a soma de forças militares, por exemplo, acabaram por enfraquecer cada vez mais a autoridade romana, instalando reinos romano-bárbaros no ocidente do imperial. Trata-se de um processo evolutivo da história, que levou a uma involução do Império.

No ambiente ideológico observamos importantes desdobramentos entre os séculos VI e VIII que devem ser entendidos como decorrência dos importantes câmbios operados a partir da efetiva e definitiva divisão do mundo imperial romano, iniciada com os filhos de Teodósio. Ao vislumbrarmos o conjunto dos acontecimentos ocorridos ao longo do século V, podemos afirmar que a fratura política e institucional marcada com a deposição do último imperador romano ocidental, Rômulo Augustulo, pelo líder dos hérulos, Odoacro, no ano de 476, fazia parte de um processo histórico de enfraquecimento da autoridade imperial romana nos territórios ocidentais, bastante visíveis nas fontes históricas desde o decênio 410-420. Queremos dizer com isso que a tão difundida queda do Império Romano do Ocidente deveu-se, sobretudo, aos problemas internos existentes no mundo imperial romano nos territórios ocidentais desde os primórdios da quinta centúria acentuados, por certo, pela pressão política e militar exercida pelas populações bárbaras que já estavam instaladas no interior dos territórios imperiais ou em vias de fazê-lo. (...) Situação esta muito distinta da vislumbrada do Império Romano do Oriente, inicialmente menos afetado que o seu congêneres Ocidental que sofreu com várias ações tirânicas, sintoma evidente da força do regionalismo, potenciadas por movimentos sociopolíticos de grande vulto como foram as bagaudas que atingiram áreas da *Gália* de da *Hispania* na primeira metade do século V, sem esquecermos o considerável ingresso de efetivos bárbaros que provocaram certa desestabilização política interna. (FRIGHETTO, 2012, p. 135)

Em meio às mudanças forçadas pelos acontecimentos históricos causados por essa espécie de miscigenação de culturas, o Império Romano é forçado a aceitar diversas mudanças que afetarão sobremaneira suas estruturas sociopolíticas.

(...) a readequação do conceito de civilização (*ciuitas*) clássico-helenista, amparada na estrutura da *polis/ciuitas* pagã, ao da civilização cristã (*ciuitas crhristiana*), onde observamos a fusão de elementos comuns da Tradição clássico-helenística greco-latina com aquelas características da Tradição Patrística. Porém, devemos recordar que o conceito de civilização cristã foi, igualmente, sofrendo várias reformulações ao longo da Antiguidade Tardia até que alcançou a configuração de uma civilização cristã católica, diferenciada duma civilização cristã mais extensa e que incluía, também, uma ampla gama de concepções cristãs heréticas. (FRIGHETTO, 2012, p. 134)

Diante de tantas diversidades, ocorre o Quarto Concílio Ecumênico da Igreja, o Concílio de Calcedônia, que, como vimos acima, marca o início do terceiro período da Patrística. Após uma desastrosa tentativa de reunir um novo Concílio em Éfeso, que acabou logrando em violência e mortes, tanto que por suas consequências recebeu a alcunha de *latrocinium ephesinum*. Teodósio II, imperador que teve a iniciativa de reunir a Igreja nesse desastroso Concílio foi sucedido por sua irmã Pulquerina que por sua vez elimina seus opositores e convoca um Concílio Ecumênico inicialmente para Nicéia, mas que acabou ocorrendo em Calcedônia (FRIGHETTO, 2012).

Em Calcedônia, para o Quarto Concílio Ecumênico da História da Igreja, desembarcaram mais de cinquenta bispos, tornando essa reunião a mais concorrida e decisiva de toda a Antiguidade cristã. Os legados papais (os bispos Pascasino e Lucêncio e os presbíteros Basílio e Bonifácio) aparecem sempre por primeiro nas listas de assinaturas dos atos, precedendo inclusive os outros patriarcas e bispos; o legado Pascasino, em especial, assume a presidência do Concílio, ajudado na prática por dezoito comissários imperiais. O Concílio realiza dezesseis sessões, iniciando-se em 8 de outubro e terminando no dia 1º de novembro de 451. (PIERINI, 1998, p. 204-205)

O Concílio tratou de alguns temas como a confirmação da Cristologia que até então vinham sendo discutidos, problemas disciplinares dentro da Igreja e a confirmação de Constantinopla como a nova Roma que também recebeu direitos patriarcais (PIERINI, 1995). Percebe-se aí que o que toma conta dos debates eclesiais já não mais abarca os temas dos dois primeiros períodos, pois, a Igreja se vê na obrigação de assumir funções das quais o Império não consegue mais dar conta.

Um exemplo claro disso se dá na necessidade do papa Leão I ter que enfrentar os bárbaros por seus próprios meios, quando em 452 encontra-se com Átila e o convence a retirar-se; em 455, evita que Roma seja incendiada por Genserico, apesar de não conseguir evitar que este a saqueasse. As atividades de Leão I acabaram assumindo uma função de cobrar iniciativas imperiais e em muitos casos, assumir sua função quando percebia que o imperador não daria conta dos problemas (PIERINI, 1995).

A Igreja vai assumindo funções da esfera política diante da explícita impotência do Império diante dos problemas que o diluem em falta de atitudes e soluções que o estabilizem novamente. Outro fator importante deste período se dá no movimento monástico que não deixou de se manifestar em questões importantes, tanto que no Concílio de Calcedônia foram submetidos à autoridade dos bispos (PIERINI, 1995). Trata-se de um movimento que não pode ser contido, a ponto de absorver os intelectuais cristãos bem como os chefes de quase todas as comunidades eclesiais do Império Romano do Ocidente que se dilui num mar de problemas.

A “passagem para os bárbaros” acontece gradativamente (sem esquecer dos romanos) a partir do momento em que Santo Agostinho, em *A cidade de Deus*, distingue de uma vez por todas a causa de Roma da causa da Igreja, superando a teologia política imperial e filorromana de Eusébio de Cesaréia e do próprio Ambrósio. Na linha de Agostinho estão o padre ibérico Paulo Orósio, que na obra *História contra os pagãos* (417-418) exalta o Cristianismo como a nova e verdadeira cidadania ecumênica(...); Vicente de Lérins, que no *Commonitorio* (434) define a natureza da catolicidade independentemente dos condicionamentos políticos, mirando apenas aos conteúdos teológicos; Salviano de Marselha, que em *O divino governo do mundo* (440, aproximadamente) chega a propor os bárbaros como modelo a pagãos e cristãos; Próspero de Antioquia, que em *A vocação de todos os povos* esclarece o alcance da universal vontade salvífica de Deus, corrigindo o próprio Agostinho e contribuindo para a definição do agostinismo mitigado. (PIERINI, 1998, p. 206)

Desde então a Igreja expande suas fronteiras para cada vez mais longe do mundo romano, como é o caso da Irlanda, no Extremo Ocidente, que nunca havia tido contato com a civilização romana. Obviamente que tal expansão acaba gerando problemas com a ortodoxia da Igreja, que por sua vez, segue tratando de tais problemas conforme vão ocorrendo.

No que se refere aos objetivos deste trabalho, este terceiro período mereceu ser citado de maneira breve, ainda que não colabore com esta pesquisa, pois faz

parte do período conhecido como declínio da Patrística, tendo em vista que muitas de suas personagens, como é o caso de Agostinho, que foram protagonistas desse período tão conturbado do Império Romano, mais precisamente, de seu fim.

Haveria outros temas que poderiam ser citados dentro desses períodos, como é o caso da poesia cristã, dos vários referenciais do Ocidente Latino, da arte cristã²³ e outros tantos assuntos inseridos neste contexto. Contudo, esta tese se restringe ao devido recorte, que embora frustrante, é necessário.

A partir disso, tendo em vista as diversidades encontradas nos três períodos da Patrística, foi possível verificar que o Cristianismo nascente sofre severas modificações em troca de situar-se de maneira ativa no mundo greco-romano. Após este breve relato sobre a Patrística, o trabalho segue, a partir daqui, para uma verificação mais objetiva dos Padres que expressaram sua opinião a respeito do tema da família, defrontando seu pensamento com os resultados da pesquisa de campo.

4.4. RELAÇÕES FAMILIARES: A ATUALIDADE À LUZ DA PATRÍSTICA.

A importância do que disseram os Padres da Igreja é imensa. Seu pensamento permeou toda a formação no ocidente cristão e nos alcança até hoje. Mesmo que possamos afirmar que cada um deles tratou de problemas imediatos ao seu contexto existencial, reconhecemos o eco de suas palavras ainda hoje no que nos diz a Igreja. Os Padres da Igreja foram os responsáveis por perpetuar a doutrina e a prática religiosa desde seu tempo até a atualidade, por seu pensamento e pelo seu testemunho que é o que conhecemos como Tradição da Igreja, a qual se soma à Bíblia para compor e construir o pensamento cristão.

A Tradição da Igreja trouxe para os cristãos a direção a ser seguida para ser membro de uma comunidade de fé. Com preocupação paterna, procurou conduzir os fiéis dentro daquilo que corresponde à Bíblia e principalmente o Evangelho de Jesus Cristo, tendo como principal referencial interpretativo o Apóstolo Paulo, dando sentido existencial e fortalecendo as comunidades com sua presença cuidadosa. Este trabalho buscará refletir o que diz a Tradição da Igreja através das palavras dos

²³ Na obra dirigida por Angelo Berardino, publicada pela B.A.C. Patrologia IV (605) encontra-se uma imensa lista de tais temas e autores. Também na obra de Moreschini e Norelli também publicada pela B.A.C. (83) encontramos vasto material, bem como no número 86 da mesma coleção.

Padres e verificar se os problemas atuais que se referem à família encontram respostas nela.

Vivendo em condições culturais muito diferentes do período que se refere à Patrística, a humanidade na atualidade vem sofrendo mudanças socioculturais em uma velocidade absurda. No que diz respeito à situação da mulher, por exemplo, é possível verificar que esta tem muito mais obrigações e autonomia em comparação com as mulheres daquela época, e muitas delas são responsáveis pelo sustento e condução de suas famílias.

Cabe ainda aqui ressaltar novamente o que se refere aos atuais documentos da Igreja que tratam do tema da família. Apesar da consciência de que seu conteúdo trata de maneira inovadora de acordo com os novos tempos, este trabalho não irá se estender e aprofundar no que dizem os textos, mesmo que alguns possam ser brevemente citados. Isto devido ao entendimento de que tal ação daria direção à outra tese, diferente do que aqui se propõe, ou seja, o que dizem os Padres da Igreja a respeito da família e sua relação com a atualidade.

5. AGENTES DE PASTORAL E PLANEJAMENTO FAMILIAR

Apesar deste tema não dialogar diretamente com a Patrística, sua função neste trabalho é a de apresentar a realidade da qual partem as questões aqui propostas. Pois, os entrevistados nessa pesquisa são pessoas envolvidas com a Igreja em atividades pastorais, ou seja, pessoas que participam de atividades como catequese, grupos de jovens, atividades de arrecadação de fundos entre outros que serão observadas adiante. Estes agentes de pastoral são leigos e leigas, ou seja, não fazem parte do clero, e que se envolvem com tais atividades, prestando serviço de maneira vocacionada, sem vínculo empregatício com a instituição, e pretendem colaborar de alguma forma com o crescimento de sua comunidade de fé.

Ocasionalmente lhes são oferecidas formações para que possam executar suas funções de maneira mais adequada. A realidade das pessoas aqui observada não está alienada ao que diz a Igreja a respeito da família, bem como da geração dos filhos. Contudo, é possível verificar que são pessoas que compreendem com clareza o significado e a responsabilidade da parentalidade diante do contexto que as envolve.

Diante disso, pretende-se refletir neste tema, a questão do planejamento familiar a partir dos resultados da pesquisa feita com estas pessoas, que participam diretamente de atividades pastorais na Igreja Católica, sendo pais e mães de família que, mesmo tendo que dar conta do sustento de seus dependentes, se dispõem a trabalhar em tais atividades, apesar de todas as limitações que cada um traz, assim como com as que encontram nas atividades pastorais.

A pessoa inserida em uma comunidade de fé carrega em si as marcas desta pertença. É importante refletir que para além dos impulsos biológicos, culturalmente somos educados e impulsionados a dar continuidade à nossa geração. Somos estimulados a constituir família e, conseqüentemente, gerar filhos. Contudo, nem sempre somos preparados para sermos pais e mães. Um casal sem filhos, ainda pode ser visto com olhares descontentes, pois, a Igreja afirma que o matrimônio tem por função o amor mútuo do casal e a geração de filhos. Entretanto, a difícil realidade que cerca a maior parte das famílias entrevistadas exige que haja muita responsabilidade diante da possibilidade de gerar e criar filhos.

Sendo assim, de maneira a refletir tais questões dentro dos limites deste trabalho, na perspectiva da Teologia e da Bioética, este tema é trazido no sentido de propor e provocar olhares mais amplos no que diz respeito ao cuidado com a geração e criação dos filhos que, antes de serem concebidos, merecem ser amados e respeitados.

A reflexão ocorrerá de maneira que primeiramente serão revelados os dados da pesquisa através das tabelas geradas pelo software utilizado (SPSS), cruzando dados e possibilitando uma leitura mais clara dos resultados. Em seguida ocorrerá a reflexão a partir da perspectiva da teologia e da bioética.

5.1. RESULTADOS DA PESQUISA

Considerando a questão idade – Tabela n. 1 – pode-se observar que uma pequena parcela dos entrevistados está na faixa etária dos 18 a 25 anos. A maioria das pessoas que responderam ao questionário está entre 36 e 60 anos. Estes dados mostram que a maturidade das pessoas que responderam o questionário deve ser levada em consideração, uma vez que isto pode favorecer um grau elevado de percepção dos fatos passados já tendo sido analisados posteriormente por estas

pessoas, a visão que se tem na idade atual certamente torna-se também uma análise da história de sua vida pessoal.

Tabela 1 - Idade atual dos entrevistados

	Frequência	Porcentagem
Entre 18 e 25	18	1,6
Entre 26 e 35	121	11,1
Entre 36 e 45	358	32,7
Entre 46 e 60	426	38,9
Acima de 60	139	12,7
NR	33	3,0
Total	1095	100,0

Fonte: Os autores, 2020.

Nas tabelas deste tema temos um recorte que mostra um número de 1095 entrevistados envolvidos com atividades pastorais, e revela diferenças consideráveis com 2094 entrevistados das outras tabelas que abrangem pessoas não envolvidas com atividades pastorais.

A questão da idade atual dos entrevistados mostrou-se relevante, também quando se indaga a respeito do nascimento do primeiro filho, fato ocorrido em média há 20 anos para esta parcela dos entrevistados. Isto carrega uma ampla história de vida dentro de uma realidade que acaba exigindo o amadurecimento e o devido cuidado com questões existenciais. Apesar da beleza da proposta da geração de filhos, que tem um forte apelo religioso, estes pais e mães, em sua maturidade, assumem corajosamente a responsabilidade de se preocupar com a qualidade da vida que geram.

Tabela 2 - Atuação na Igreja nos seguintes setores

Setores	Frequência	Porcentagem
Bíblico-Catequético	349	31,9
Litúrgico	292	26,7
Dimensão Social	36	3,3
Família e vida	183	16,7
Juventude	36	3,3
Econômico	22	2,0
Movimentos Eclesiais	65	5,9
Outros	105	9,6
NR	7	,6
Total	1095	100,0

Fonte: Os autores, 2020.

Para analisar o perfil eclesial dos Agentes de Pastoral atuantes hoje nas paróquias, é apresentada a questão que identifica o setor de atuação pastoral dentro da Igreja – Tabela 3. Observa-se que mais da metade dos entrevistados estão envolvidos em dois setores de pastoral, sendo eles setores bíblico-catequético e litúrgico. Os setores de juventude e econômico são os menos representativos.

A tabela abaixo trata do tema da influência da Igreja na escolha do método contraceptivo. O resultado revela que os agentes que atribuíram notas de zero a dois chegam a 63,2%, ou seja, não leva em consideração a posição da Igreja com relação aos métodos contraceptivos.

Diante da necessidade de marido e esposa trabalhar para manter uma renda adequada às necessidades mínimas da família, gerar filhos traz uma série de implicações, pois, mesmo quando o casal está empregado, nem sempre o salário dos dois oferece condições de manter a estrutura adequada para o cuidado com os filhos.

Tabela 3 - A religião influenciou na escolha do método contraceptivo.

	Frequência	Porcentagem
zero	618	56,4
1	74	6,8
2	111	10,1
3	62	5,7
4	186	17,0
NR	44	4,0
Total	1095	100,0

Fonte: Os autores, 2020.

Pode parecer nada ortodoxo que um casal católico pense e aja desta maneira. Contudo, apesar da precariedade que atinge a maior parte da humanidade, o acesso à informação e até mesmo alguns programas de saúde pública acabam colaborando com o amadurecimento do senso crítico e de uma visão da realidade mais concreta que leva estas pessoas a refletir de maneira a observar com mais critério a sua realidade e, diante do cenário que se revela, agir com responsabilidade tanto social como com a vida a ser gerada.

5.2. ANÁLISE DOS DADOS A PARTIR DO CONTEXTO SOCIOECONÔMICO ATUAL

A carência de recursos, o custo de vida cada vez mais elevado, a precariedade do atendimento do Estado diante das necessidades básicas como saúde, educação e segurança, não permitem que as famílias conscientes gerem filhos sem a devida clareza das consequências diante de tais dificuldades.

Com a concentração de renda em condições cada vez mais crítica, bem como o custo de vida cada vez mais elevado, a responsabilidade pela continuidade da vida de um filho se torna cada vez mais exigente, pois, num mundo capitalista, não basta querer, tem que poder. Segundo o Site UOL Economia, os dados do IBGE revelam que 10% da população brasileira, concentram 43,3% da renda do país em 2017²⁴. Com quase 210.000.000 de habitantes, segundo o IBGE²⁵, as distâncias entre ricos e pobres se acentuam cada vez mais.

Quando se percebe que somente 10% da população brasileira é dona de quase metade da renda do país inteiro, não nos é permitido ficar alienados ao fato de que 90%, ou seja, 189 milhões de brasileiros precisam dividir entre si a outra metade. Para ser mais claro: a cada 10 pessoas, uma fica com 43% de tudo, enquanto as outras 9 dividem 57% que restaram. Isso passa despercebido principalmente para quem está na parcela de 90%, que são os mais pobres que, por diversos motivos, desconhecem essa informação. Em meados dos anos 70, Dom Hélder Câmara em sua incansável luta contra as desigualdades sociais, dizia claramente que “continuará o escândalo de os ricos se tornarem sempre mais ricos e os pobres sempre mais pobres” (1976, p. 66).

O achatamento salarial e a precariedade das condições e o custo de vida cada vez mais elevado, aumenta cada vez mais a distância entre pobres e ricos. Por falta da possibilidade de contato com a informação que revela essa realidade, tal distância acaba passando despercebida diante da necessária luta pelo pão de cada dia, realizada em jornadas de trabalho altamente desgastantes.

²⁴ Disponível em <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao>. Visualizado em 23/05/2018 às 11:20 h.

²⁵ Disponível em https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/box_popclock.php. Visualizado em 23/05/2018 às 11:23 H.

Obviamente que não se pode cair em utopias que pregam a igualdade absoluta. Pode-se considerar que isso seria demasiadamente difícil, tendo em conta diversos fatores, como por exemplo, a grande diversidade cultural a ser respeitada, e ainda cabe a pergunta a respeito de qual paradigma ocorreria tal igualdade. Parece mais adequado pensar em equidade no sentido do direito individual correspondente à necessidade específica de cada um, ou seja, a cada um conforme sua necessidade e de cada um conforme sua possibilidade.

Dom Helder Câmara ainda afirma que “o mal dos males é o egoísmo”, e que tal egoísmo não isenta ninguém, de maneira que alguém que não tinha boas condições, que era pobre, e por algum motivo consegue melhorar sua condição financeira, irá tratar com desprezo a pobreza do outro que deixou para trás (1976). Estas são constatações de alguém que esteve sempre em contato com comunidades pobres. Se tal realidade nos acomete, isso não será por permitirmos? Pois bem, como mudar tão dura realidade se esta tem a anuência da humanidade?

A grande discrepância entre o ideal e o real, provavelmente não será ajustada diante dos interesses que guiam o capitalismo com suas diversas facetas. A atitude madura dos agentes de pastorais aqui referidos, revela a clareza com que essas famílias tratam seus problemas, pagam suas contas e criam seus filhos. Afinal de contas, de quem é a conta senão deles mesmos? Obviamente não se trata da conta somente na perspectiva materialista, mas de toda uma existência que, em muitos aspectos não pode ser mensurada somente a partir de referenciais materialistas.

Na carência contraditória à fé, o povo que ainda canta o Salmo 22, conscientizado pela experiência da dor, da fome, do medo e da morte violenta, olha com olhar maduro na busca do significado de “nada me faltará”. As experiências que a vida propõe a cada família que vê e vive as dificuldades existenciais, despertaram uma nova consciência necessária para que o devido respeito à vida ligada no amor ao próximo, e neste caso muito próximo, tendo por base o sentido do cuidado pleno.

5.3. REFLEXÃO A PARTIR DE DOCUMENTOS ECLESIAIS

Para que se tenha clareza da interpretação aqui dada a respeito dos resultados da pesquisa, é interessante buscar nos documentos eclesiais respostas às questões que surgem a partir da pesquisa de campo. Não seria adequado considerar os

Agentes de Pastoral sectários por não seguirem as indicações da Igreja no que diz respeito à métodos contraceptivos, como demonstra a tabela 3. Pode-se considerar sim, que ocorre o devido cuidado por parte de cada casal, com a responsabilidade que lhe compete no momento de construir o futuro de seus filhos.

Cabe, portanto, para uma melhor verificação e reflexão, analisar alguns trechos de documentos eclesiais que ajudam a compreender melhor as questões aqui debatidas, a começar pelo documento da Congregação para a Doutrina da Fé, intitulado *Dignitas Personae*, o qual traz importantes reflexões a respeito do cuidado e da responsabilidade com a dignidade da vida humana desde o momento de sua concepção. Em seu número 16, encontra-se um trecho que chama atenção de maneira especial. Embora o tema tratado no documento refere-se a questões ligadas com métodos de inseminação artificial, na busca de soluções para a infertilidade, o que interessa é o pano de fundo deste comentário, ou seja, a responsabilidade com a vida gerada. Tal importância deverá ser dada também ao que se refere à possibilidade do devido cuidado com a continuidade da vida toda.

A Igreja reconhece a legitimidade do desejo de ter um filho e compreende os sofrimentos dos cônjuges angustiados com problemas de infertilidade. Tal desejo, porém, não pode antepor-se à dignidade de cada vida humana, a ponto de assumir o domínio sobre ela. O desejo de um filho não pode justificar a “produção”, assim como o desejo de não ter um filho já concebido não pode justificar o seu abandono ou destruição.²⁶

Uma Igreja Mãe e Mestra²⁷ não poderia aconselhar seus filhos a seguirem as possibilidades do acaso, ou que desconsiderassem a realidade contextual onde inserirão sua prole. Apesar de estimular uma prole numerosa, existe sempre o chamado de atenção com as reais possibilidades de dar as condições necessárias aos filhos para que possam crescer dignamente.

É importante lembrar que o Agente de Pastoral está inserido profundamente nas durezas da realidade deste mundo onde, a cada dia surgem novos desafios e dificuldades de ajuste a uma realidade construída, em grande parte, por interesses que quase sempre ignoram a dignidade da vida e da existência humana.

²⁶ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. Instrução **Dignitas Personae**. Sobre algumas questões de Bioética n16.

²⁷ Termo utilizado a partir do documento intitulado *Mater et Magistra* de Sua Santidade o Papa João XXIII sobre a evolução da questão social à luz da doutrina cristã.

Os cristãos de hoje, em sua maioria, analogamente em relação às primeiras comunidades de fé, enfrentam diversas dificuldades e precisam sobreviver a novos tipos de arenas onde, a cada dia, lutam para sobreviver. A Igreja, a partir do Concílio Vaticano II, atenta aos problemas que a humanidade passa a ter que lidar, refere-se com clareza ao cuidado com a criação dos filhos também na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* n.º 50, onde encontramos sinais muito claros a respeito do cuidado com a realidade enfrentada pelos fiéis, valorizando a geração dos filhos como ato de consciência do casal.

50. O matrimônio e o amor conjugal destinam-se por sua própria natureza à geração e educação da prole...Desempenhar-se-ão, portanto, desta missão com a sua responsabilidade humana e cristã; com um respeito cheio de docilidade para com Deus, de comum acordo e com esforço comum, formarão retamente a própria consciência, tendo em conta o seu bem próprio e o dos filhos já nascidos ou que preveem virão a nascer, sabendo ver as condições de tempo e da própria situação e tendo, finalmente, em consideração, o bem da comunidade familiar, da sociedade temporal e da própria Igreja. São os próprios esposos que, em última instância, devem diante de Deus, tomar esta decisão. (GS, 50)

Apesar de, na continuidade do texto, haver um estímulo a uma prole numerosa, o documento deixa claro que a decisão final a respeito da geração dos filhos é de direito absoluto do casal, que deverá avaliar as condições para assumir o compromisso da parentalidade. GS 50 não trata a geração de filhos de maneira alienada à realidade que cerca os fiéis. Na verdade, a parentalidade é aí referida como um ato de extrema responsabilidade por parte dos esposos que, a partir de sua consciência, poderão assumir ou não tal missão em determinado momento.

A responsabilidade com a geração de filhos se dá na consciência da responsabilidade do mandato de Gênesis (1,28-30), onde é depositado nas mãos da humanidade o cuidado com toda a vida, com toda a criação. Não se trata de uma espécie de propriedade ou de poder, mas, de estar a serviço e de cuidar daquilo que o Criador entrega à humanidade com um amor profundamente responsável.

A possibilidade de haver graça em uma prole numerosa desprovida das condições adequadas para sustento e educação, pode ser relativizada pela possível desgraça da precariedade imposta pelo sistema econômico altamente excludente em que se encontra a humanidade. Não é possível crer que possa haver felicidade plena na vida de uma família que vive na precariedade ou na miséria. É lógico que

no caso de uma família abastada, as possibilidades de muitos filhos são reais. Mas isso não é regra, é exceção.

Em uma realidade dominada pelo capitalismo, pode-se considerar uma irresponsabilidade e mais, uma imoralidade trazer à vida alguém que não poderá desfrutar de sua existência de maneira plena, pelo fato de estar, de certa maneira, encarcerado pelas circunstâncias de uma vida repleta de precariedades.

Em sua exortação apostólica *A Missão da Família Cristã no Mundo de Hoje*, n.º 14, o Papa João Paulo II afirma que: “Tornando-se pais, os esposos recebem de Deus o dom de uma nova responsabilidade. O seu amor paternal é chamado a tornar-se para os filhos o sinal visível do próprio amor de Deus”. A maneira de exercer a parentalidade revelará para os filhos uma imagem de Deus e, a partir disso, essa relação poderá facilmente colaborar em muito com a construção de uma fé distorcida, se não estiver sustentada pela perspectiva do cuidado com o ser gerado, assim como com uma terrível pobreza solitária ligada a ideologias e falsas utopias, como chama a atenção O Papa Bento XVI em sua Carta Encíclica *Caritas in Veritate* n.º 53, bem como em sua exortação apostólica *Familiaris Consortio*, n.º 26, João Paulo II nos diz:

O acolhimento, o amor, a estima, o serviço múltiplo e unitário - material, afetivo, educativo, espiritual - a cada criança que vem a este mundo deverão constituir sempre uma nota distintiva irrenunciável dos cristãos, em particular das famílias cristãs. Deste modo as crianças, ao poderem crescer «em sabedoria, idade e graça diante de Deus e dos homens», darão o seu precioso contributo à edificação da comunidade familiar e à santificação dos pais. (2012, p.46-47)

O cuidado pleno com os diversos aspectos que aparecem como demandas na existência de um ser humano, desde sua concepção, são fatores imprescindíveis e inalienáveis no processo de planejamento da parentalidade. Não pode haver descuido ou descaso com questões que podem comprometer toda uma existência. Esse serviço múltiplo e unitário revela toda a gama de cuidados com a geração e criação dos filhos que não podem ser vítimas de uma espécie de obediência cega a normas que no atual contexto necessitam de profunda reflexão e debate equilibrado.

O Criador deposita nas mãos da humanidade, principalmente, a responsabilidade pela criação, por isso, enquanto comunidade de fé, seria muito mais apropriado uma evolução no conceito de parentalidade não que não envolva

somente o casal, de maneira que esta comunidade se entenda também responsável pelo cuidado com os novos membros que chegarão a partir de decisões maduras.

O cuidado com a vida em seus mais diversos aspectos, sempre deverá merecer o mais atento dos olhares seguido das mais comprometidas atitudes. Como nos diz João Paulo II, não se pode renunciar a isso, o que seria análogo a renunciar a adequada edificação da comunidade familiar, bem como a santificação da mesma. A observação destaca causas e consequências possíveis de muitos problemas familiares da atualidade, como já alerta a *Gaudium et spes*:

A família é como uma escola de valorização humana. Para que esteja em condições de alcançar a plenitude de sua vida e missão exige, porém, a benévola comunhão de almas e comum acordo dos esposos, e a diligente cooperação dos pais na educação dos filhos. (GS, 52, 2007).

Educação essa que perpassa, na atualidade, pela necessidade de uma boa formação escolar, com tudo o que implica e que colaborará com melhores condições futuras na possibilidade de estar ajustado às necessidades do mercado de trabalho. Mesmo para as funções mais básicas, os candidatos necessitam de certo grau de escolaridade. O Papa Francisco ainda afirma em *Amoris Laetitia*:

Os debates do caminho sinodal mostraram a necessidade de desenvolver novos caminhos pastorais... As diferentes comunidades é que deverão elaborar propostas mais práticas e eficazes, que tenham em conta tanto a doutrina da Igreja como as necessidades e desafios locais. (2016, p. 199)

Em termos de desafios locais, seria possível tecer uma lista enorme, e ainda sem a certeza de contemplar a todos. A diversidade encontrada nas comunidades e revelada pelos dados da pesquisa acima, não permite que se trate de maneira generalizada quando se fala de desafios locais. Quanto à geração de filhos, o grau de responsabilidade envolvido nesta decisão merece ser tratado de maneira a respeitar as condições de cada família, como afirma o Pontifício Conselho para a Família, em seu *Lexicom*, no capítulo intitulado Paternidade Responsável:

Tomamos como pressuposto a demonstração de que somente um homem e uma mulher unidos em legítimo matrimônio têm o direito-dever de pôr as condições para a concepção de uma nova pessoa humana (...) A pessoa que será concebida exige ser introduzida na vida em um contexto no qual prudentemente se presume que possa ter acesso aos bens humanos fundamentais, em primeiro lugar, ao bem da educação. Com base nessa consideração ética genérica, deve-se considerar responsável a decisão de se gerar uma pessoa quando se presume, de maneira prudente, levando em conta todas as circunstâncias importantes, que pelo menos uma educação básica lhe será assegurada, bem como quando se presume,

prudentemente, que terá os meios necessários e suficientes para uma vida humana digna. Se essa previsão prudente faltar, a decisão de gerar uma pessoa deve ser considerada eticamente imprudente. (2014, p. 757-758)

A citação acima seria por si só, suficiente para o debate aqui proposto diante da objetividade com que trata a questão refletida, ou seja, o planejamento familiar.

Contudo, é importante referir aqui a posição de Santo Agostinho que, em seu tempo e diante das circunstâncias, propunha seu ponto de vista com relação à função do matrimônio, a qual influencia o pensamento da Igreja na atualidade. Entretanto, Agostinho fala a partir de sua realidade e responsabilidade, atrelada ao mundo romano onde havia favorecimento material dado pelo Império às famílias de prole numerosa, como comentam Roque Frangiotti e Nair de Assis Oliveira, na introdução da obra de Santo Agostinho Dos Bens do Matrimônio onde afirmam que:

O fato de Agostinho colocar a procriação dos filhos como primeiro bem do matrimônio não advém dos ensinamentos das Escrituras nem da doutrina da Igreja. Ele simplesmente segue e sacramenta a lei romana. Vivendo numa cultura pós-moderna, pressionado pela explosão demográfica, solicitado por tão numerosas instâncias ao controle de natalidade, o cristão tem, hoje, dificuldade em aceitar essa recomendação. O que hoje causa estranheza, naquele tempo era lei. De fato, a necessidade de cultivar campos, de manter um grande exército para sustentar a dominação, de ocupar os espaços cada vez maiores no império que se dilatava, obrigavam Augusto a criar leis matrimoniais e demográficas (...) Entre as novas medidas, encontra-se a dos privilégios para as famílias numerosas...(2000, p. 22)

Agostinho, profundamente envolvido com as questões de seu tempo, assume uma posição que traz a norma civil para dentro da Igreja que, naquele contexto, tinha profundo envolvimento político. Entretanto, se faz necessário lembrar que se tratava de uma realidade diferente da atual. Hoje, como afirmam os autores acima citados, as famílias com grande número de filhos não têm a mesma sorte daquelas famílias romanas onde um grande número de filhos certamente seria uma benção para Roma e também para as famílias que recebiam dinheiro para sustentar sua prole numerosa.

Atualmente, o que sobra na maior parte dos casos é dividir a miséria e a fome, assim como a grande possibilidade de ingresso na marginalidade. Sendo assim, quando um Agente de Pastoral com maturidade assume a responsabilidade de, a partir de suas possibilidades, construir um planejamento familiar equilibrado, revela que assumiu uma postura ética com a vida.

A partir dessa postura ética diante da dura realidade encontrada debaixo de muitas marquises, dos bolsões de pobreza, a possibilidade do abandono, da miséria ou do aborto, é substituída pelo cuidado com a vida. A consciência parental madura, jamais conceberá a possibilidade de ver um filho abandonado à sorte de uma existência miserável e invisível, como é a da maioria das crianças que sobrevivem nas ruas.

5.4. CONSIDERAÇÕES

Este tema trata de uma pesquisa feita entre Agentes de Pastoral, revelando apenas um recorte de um grande trabalho realizado pelo Grupo de Pesquisa Teologia e Bioética. Os resultados desta pesquisa podem levar a concluir que há um desalinhamento entre os Agentes de Pastoral e o pensamento da Igreja no que diz respeito ao planejamento familiar. Entretanto, ao se fazer uma leitura atenta dos documentos da Igreja, se perceberá o cuidado que existe neles, no sentido de chamar a atenção em verificar a existência das condições adequadas para se gerar uma família.

É necessário evidenciar o fato de que todas as perspectivas de uma existência merecem ser devidamente analisados quando se pretende constituir uma família e nela gerar filhos. O amor parental também se revela com o cuidado ético com todas as condições necessárias para que uma criança possa viver com dignidade, pois, um filho é o próximo mais próximo a ser amado. Nos filhos, a família revela sua identidade, a qual sofre forte influência de todo contexto sócio-econômico-cultural que a envolve. Tal realidade não permite que um casal possa gerar seus filhos sem levar em conta os diversos fatores que implicam no desenvolvimento da vida de uma pessoa.

Afirmar que o nascimento de uma criança, sem o mínimo necessário de cuidado, bem como das condições plenas de desenvolvimento, seria vontade divina, não coaduna com o que os textos sagrados e os documentos eclesiais aqui citados nos revelam. Gerar e criar uma criança revela a capacidade humana de colaborar com Deus em sua obra da criação, dando-lhe continuidade, porém com a devida responsabilidade.

Para tanto, a consciência madura dos fiéis aqui representados pelos Agentes de pastoral que colaboraram com esta pesquisa, poderá servir de exemplo a ser refletido quando da tomada de decisões tão importantes como a geração de uma vida. O que se pode verificar nos dados revelados, é que há uma sintonia entre o pensamento de nossa Igreja Mãe e Mestra e a dura realidade de seus filhos, que em sua maioria, ainda fazem parte daqueles excluídos das grandes possibilidades geradas pelas falsas promessas do mundo capitalista.

É necessário reconhecer ainda, que entre os fiéis da Igreja Católica existem muitos que possuem melhores condições de vida, e em virtude disso podem gerar uma prole mais numerosa sem o drama da precariedade de recursos. Estes não devem ser tomados como referência de comportamento do fiel católico, ou ser considerados melhores ou piores do que a grande maioria que não dispõe de tamanha fartura. Todos são filhos de Deus que não exclui ninguém. Contudo, sua caridade pode também se expressar no respeito aos limites de seus irmãos menos abastados. A comunidade não deveria tratar com indiferença e apatia tais diferenças como se elas fossem normais.

Por outro lado, àqueles que se encontram no grande grupo dos que tem sua realidade muito mais restringida pelas condições socioeconômicas, precisam ter a mesma compreensão da filiação divina. O sentido de fraternidade pode manifestar-se de várias maneiras. Esse sentido existencial poderá ser concebido com mais clareza quando compreendermos que para o Pai, nunca estará tudo bem quando poucos desfrutam de privilégios e muitos dividem a miséria.

Os Agentes de Pastoral mostram em suas respostas como lidam com a realidade que oferece mais precariedade do que facilidade. Sem prescindir da graça da parentalidade, agem de maneira madura e equilibrada, permanecendo fiéis à Igreja servindo-a nas diversas pastorais, e principalmente ao devido respeito e cuidado com a vida dos filhos que geram. É necessário também ter a devida clareza de que o planejamento da parentalidade não abarca a possibilidade de aborto ou de abandono de um filho diante da justificativa da precariedade de recursos. O planejamento da parentalidade preocupa-se com a continuidade da existência da vida a ser gerada no seio da família que a desejou e gerou.

Dentro dos limites estabelecidos neste tema, buscou-se uma perspectiva voltada com o respeito devido a cada mãe e pai, que mesmo restringidos por limites impostos por condições socioeconômicas precárias, não abrem mão de seus filhos. Cada família envolvida em tal realidade tem sua autonomia também limitada por tais condições. A decisão madura de respeitar a vida toda de um ser humano, seu filho, mostra que não há, por parte dos entrevistados, nenhum descuido com as questões mais importantes a serem observadas por um cristão.

6. VÍNCULO ENTRE SEXUALIDADE E AMOR

Neste tema buscar-se-á estudar como, no período da Patrística, ocorrem as relações familiares, no que diz respeito à relação entre o amor e sexualidade. Quando se fala de amor, normalmente podem ocorrer reducionismos e distorções que nada colaboram para a busca de sentido nas relações humanas consigo, com o outro e com Deus.

As dificuldades linguísticas podem ser um grande obstáculo na busca de significado quando minimizadas. Para a Teologia, conforme Clodovis Boff (1998), a analogia é a linguagem mais adequada para refletir a relação com Deus, sendo que os limites da precariedade da existência humana poderão alcançar os sinais da presença divina a partir dessa via. É relevante, portanto, destacar que a reflexão sobre o amor humano vem sendo na teologia - desde a Sagrada Escritura, passando pela Patrística e até os nossos dias - uma potente analogia para falar do divino.

Nesse sentido, refletir as relações entre Deus e o humano e vice-versa, passará necessariamente pelo caminho da analogia. Entretanto, temos consciência de que a analogia não será garantia de certeza de conceitos conclusivos a respeito de qualquer tema. Ela sempre nos dará aproximações. Contudo, parece o caminho mais apropriado no momento. Na Patrística, certamente, a reflexão sobre o amor traz esta dupla preocupação: o amor humano e divino.

Este tema buscará a partir das reflexões do Padre Tropa, bem como com o que revelou a pesquisa bibliográfica na Patrística, uma melhor compreensão do sentido da relação entre o sagrado e o humano no que tange ao amor. Amor esse que, do ponto de vista humano, revela-se de diversas maneiras tanto saudáveis

quanto doentias, inclusive nas relações entre o humano e o sagrado, mas que pela fé cristã revela-se como motivo da vontade criadora de Deus e de sua relação com a sua criação.

A reflexão ocorrerá aqui, a partir de dados ligados à sexualidade e ao amor como parte importante da vida cristã. O acesso aos dados da pesquisa de campo permitirá uma análise ligada à pesquisa bibliográfica, o que possibilitará verificar o que coincide ou não entre os resultados das pesquisas. Somam-se a isso, os resultados da pesquisa de campo, com o intuito de analisar o que, na realidade revelada pelos dados, coaduna com o pensamento da Patrística, defrontando os dados e analisando causas e consequências do passado na atualidade.

6.1. RESULTADOS

No Projeto sobre Educação Sexual e Parental – apresentado acima – indagou-se a respeito da importância do amor. A indagação se situa no contexto de investigar a reação dos pais dos catequizandos caso o/a catequista falasse sobre o assunto, iniciando com os dados das tabelas 3 e 4 ligados à valorização da sexualidade e ao amor como parte importante da vida cristã. O acesso aos dados da pesquisa de campo permitirá uma análise ligada à pesquisa bibliográfica, o que nos possibilitará verificar o que coincide ou não entre os resultados das pesquisas.

Tabela 4 - Como você se posiciona se o/a catequista falar que “a sexualidade é uma parte importante e valorizada na vida cristã”.

	Frequência	Porcentagem
Incentivo	84	37,3
Aceito	116	51,6
Tolero	11	4,9
Reprovo	10	4,4
NR	4	1,8
Total	225	100,0

Fonte: Os Autores, 2020.

Os dados que a tabela acima revela, indicam a aceitação da maioria dos entrevistados no que diz respeito ao tema da sexualidade ser tratado na catequese.

Dos 225 entrevistados, 200 se mostram favoráveis à possibilidade de o tema ser tratado nos encontros de catequese, mostrando também um reconhecimento de que a sexualidade humana passa pela religiosidade.

Contudo, não se pode deixar de lado o fato que quase 10% dos entrevistados não concordam com a questão, sendo que 4,9% toleram que o assunto seja tratado na catequese e 4,4% reprovam. Entretanto, a percepção de que a sexualidade é parte importante e valorizada na vida cristã, revela uma identidade relacional que se compreende humanizada e comprometida com suas consequências.

Tabela 5 – Como você se posiciona se o/a catequista falar que “o amor é a força central da vida”

	Frequência	Porcentagem
Incentivo	96	42,7
Aceito	91	40,4
Tolero	14	6,2
Reprovo	12	5,3
NR	12	5,3
Total	225	100,0

Fonte: Autores 2020.

Os dados que a tabela 5 revelam, dão uma ideia de como se manifesta o amor na vida dos entrevistados, onde a maioria incentiva e aceita o amor como força central da vida, assim como 6,2% toleram que este conceito seja abordado e, 5,3% reprovam. Contudo salta aos olhos verificar que 11,5% dos entrevistados tem séria dificuldade em permitir que os catequistas abordem o tema do amor como força central da vida com seus filhos. Talvez aqui se situe a dificuldade em traduzir a palavra “amor”, visto que esta não se revela como tarefa simples, assim como refletir a respeito do tema da sexualidade no âmbito da religião demanda clareza e cuidado.

Na tabela 6, quando se indaga a respeito do amor como condição para o ato sexual o quadro revela que 45,3% dos entrevistados incentiva que este tema seja

tratado durante a catequese, somando-se a 40% que aceitam. Percebe-se aqui uma consciência mais amadurecida da maioria que entende a necessidade de debater na catequese este tema.

Tabela 6 – Como você se posiciona se o/a catequista falar que “o amor é a condição básica para o ato sexual”

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida
VÁLIDO	Incentivo	102	45,3	45,3
	Aceito	90	40,0	40,0
	Tolero	10	4,4	4,4
	Reprovo	10	4,4	4,4
	NR	13	5,8	5,8
	Total	225	100,0	100,0

Fonte: Autores 2020.

Diante da realidade percebida por essa maioria, que compreende seus filhos inseridos na realidade e, conseqüentemente expostos a todo tipo de estímulo sexual, nasce então a necessidade de que se fale sobre sexualidade também na formação catequética, pois os catequizandos, durante seu processo formativo, vivenciam suas transformações físicas, mentais, emocionais, sexuais e sociais presentes na pré-adolescência e adolescência.

6.2. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS À LUZ DA PATRÍSTICA

O Cristianismo não nasceu pronto. Tudo o que se sabe e crê foi construído ao longo de séculos tendo como ponto de partida a Bíblia e, posteriormente, sua interpretação por parte dos Santos Padres da Igreja, em meio a um diversificado contexto sócio-histórico-cultural. Tais influências, vindas do mundo grego e romano, marcam profundamente o nascimento do Cristianismo, ainda que seu início seja dentro do judaísmo, que por sua vez estava mergulhado também neste diversificado contexto. Para Wayne A. Meeks:

A nos aproximarmos dos cristãos primitivos, esboçamos círculos concêntricos. No mundo da cultura grega do Mediterrâneo oriental, transformado pelo poder e ordem romanos, as comunidades judaicas da terra natal e da diáspora constituíam um caso especial. Dentro das múltiplas adaptações do judaísmo àquele mundo mais vasto, surgiu e difundiu-se o pequeno grupo dos seguidores de Jesus, tornando-se rapidamente também ele multiforme. O mundo de sentido em que estes primeiros cristãos viviam – o mundo que vivia em suas cabeças e o mundo que os cercava - era um mundo judaico. Mas o mundo judaico fazia parte do mundo greco-romano. Portanto, se buscarmos valores e crenças cristãos “puros”, não-mesclados com a cultura circundante, baldada será nossa busca. Descobriremos o que era cristão no *ethos* e na ética dessas primeiras comunidades cristãs não o abstraído, mas cotejando-o com o tipo de envolvimento que tiveram na cultura de seu tempo, e buscando traçar os novos modelos que fizeram de velhas formas e ouvir as novas canções que compuseram de velhas melodias. (MEEKS, 1996, p.88)

O que revela Meeks, aponta para uma verificação no sentido hermenêutico de conceitos enraizados no Cristianismo, que são trazidos do mundo greco-romano em que o judaísmo se situa. Tais influências culturais marcam não somente seu nascimento, mas seu desenvolvimento histórico ao longo de sua existência. A filosofia grega e o direito romano, vão esculpir o Cristianismo no desenrolar de sua história.

A partir do trabalho do Pe. Ulysses Roberto Lio Tropia, intitulado “A semântica de Eros no tempo patrístico (2006), será possível buscar dados a respeito dos significados da palavra amor, e com isto compreender melhor como a influência grega marca, durante o período da Patrística, as reflexões sobre a relação do ser humano com o outro e com Deus. Em seu trabalho, Tropia lança mão de seu conhecimento da língua grega e de escritos daquela época, trazendo por meio da semântica, um esclarecedor trabalho no sentido de compreender a palavra Eros (amor) na relação com Deus. Para Tropia

Várias palavras em grego querem expressar as diferentes dimensões do amor e que se completam numa perspectiva da unidade antropológica do homem. Elas são importantes porque marcam o que podemos chamar de “etapas” do amor. (TROPIA, 2006, p. 107)

Platão, em sua obra intitulada “O Banquete”, trata de maneira memorável uma importante reflexão a respeito de Eros. Entretanto, na perspectiva platônica, temos um ponto de vista relacional humano, onde as personagens demonstram seus pontos e opiniões a respeito desse sentimento, mostrando suas delícias, dificuldades e problemas que tal sentimento proporciona à humanidade (PLATÃO,1972).

Devido à distância, principalmente cultural, esse texto, mal interpretado na maioria das vezes, acabou denotando a palavra Eros um sentido ofuscado e de certa forma pejorativo do amor. A busca o significado de “erótico” no dicionário de língua portuguesa, veremos: “Sensual, lúbrico, lascivo.” (BUENO, 2007, p. 306). Como é possível observar no texto de Tropia, isso merece melhor cuidado. O autor esclarece que

Este artigo é uma tentativa de abordar os sentidos semânticos de Eros na tradição da mística Patrística, mostrando que o termo não era relegado a um plano secundário e pejorativo, embora o termo Ágape (...) fosse o mais usado para falar do amor, provavelmente no Cristianismo influenciado de forma bastante incisiva, não exclusiva, por São João Evangelista. (TROPIA, 2006, p. 107-108)

Tropia relaciona outras palavras de origem grega que traduzem os vários significados do amor em suas diversas formas. Aqui, muitos deles serão prescindidos devido à brevidade inerente a este trabalho. A pesquisa de Tropia mostra de maneira breve os sentidos de amor, em suas diversas perspectivas. A relevância dessa busca dos significados colabora muito na compreensão de um sentimento tão intenso e com uma amplitude de sensações que acabam dando muitas vezes razões aos desiludidos.

Para que se compreenda Eros na relação com Deus, se torna necessário reconhecer as diferenças de sentido, dando a cada um o devido respeito ao que quer significar. O desejo de Deus vai então se mostrar como algo que, pela analogia, pode revelar a pureza do desejar de Deus e como o desejo humano também deve ser purificado. Entretanto, o autor segue uma sequência reflexiva que permite uma evolução adequada da compreensão semântica de Eros.

Veremos nesta exposição num primeiro momento Eros como sinônimo de Ágape. Em segundo lugar, uma reflexão sobre definições e qualidades da palavra Eros no tempo patrístico. Sobre este item destacamos alguns elementos importantes de Eros como avaliação estética, como correspondente do amor de Deus, como contemplação do amor de Deus, como experiência pessoal do amor de Deus e como causa de todo o bem. Num terceiro momento, o tema aparece na relação de Eros do homem em relação a Deus, esta relação que se apresenta entre Deus e a divina beleza e em relação aos santos. Num último momento, o aspecto ético de Eros como amor à virtude. (TROPIA, 2006, p. 108)

Muitas das coisas com que o ser humano se depara, acabam mostrando-se de maneira infável, no caso, o amor, que mesmo com a possibilidade de tantas interpretações, ainda não permite uma tradução adequada diante da imensidão de

sentimentos causados por ele, e que mesmo com muito esforço é quase impossível verbalizar. Quanto mais a relação com Deus e, como já afirmou Blaise Pascal (1973, p. 111): “O coração tem suas razões, que a razão não conhece”.

Entretanto, temos a necessidade inerente de compreendê-lo, pois necessitamos falar dele, seja pela fé, pela poesia ou por todas as formas de expressão que até aqui dispomos. No campo da fé cristã, a relação de amor entre a criatura e seu criador mostra-se inspirada pela relação entre seu criador e ela. É Deus quem primeiro que ama.

No prefácio do comentário ao “Cântico dos cânticos”, uma das mais belas obras de Orígenes, encontramos uma referência sobre *ερωσ*, desenvolvendo a sua mística da Igreja, alma, enamorada do Esposo. O desejo da sabedoria não é alguma realidade baixa, da natureza humana, mas é a busca mais profunda que uma pessoa pode desejar. Esta sabedoria é divina e amá-la é digna de toda a realidade mais humana. É claro que o método usado por ele tem sua origem em Fílon de Alexandria. (TROPIA, 2006, p.109)

Quanto ao desejo, Aristóteles em sua obra *De anima* (II,3, 414 b 6 *opcit in* ABBAGNANO, 2012, p.282), diz que “é o apetite do que é agradável”. Para quem conhece a relação amorosa com Deus, a partir da perspectiva de Jesus de Nazaré, esse desejo acaba se tornando seu sentido existencial, pois o Deus que se torna criatura para estar entre suas criaturas, faz isso porque transborda de amor. Não se trata de um desejo possessivo no sentido de necessidade do outro para auto realização, pois Eros, enquanto desejo, não pode ser simplesmente condenado à imagem que na verdade pertence à pornéia, que segundo Tropa

quer referir-se “ao amor captativo”, “amor que consome”, é consumir “o outro para tornar-me eu mesmo” e que já expressa “uma forma de amor”. Outra palavra com seu significado é Pothos – (...), que vem a indicar “amor necessidade”, quando “temos necessidade de amar o outro para que ele nos complete. A outra palavra é Pathé (...), que tem o significado de “amor-doença”, o qual se manifesta quando “nos tornamos completamente dependentes do outro e o amor vem baseado somente em emoção”. “Esta íntima forma de amor”, o amor “possessão” se chama Mania. (TROPIA, 2006, p. 107)

Ao longo da história, as distâncias que o tempo e o espaço impuseram, a interpretação dos termos foi sincretizando-se e unificando-se a ponto de tornar-se do todo, um único confuso. O desejo em Eros, como revela Tropa, manifesta-se semanticamente com algo de elevado conceito. Esse desejo torna-se a busca de algo amado não como objeto de consumo ou satisfação de uma necessidade

momentânea causada por algum estímulo biológico volátil. Eros aqui, se dá no sentido de busca de completude perene. Isso difere muito daquilo que Aristófanes, personagem do Banquete, descreve como desejo de um ser pelo outro (PLATÃO, 1972), apesar de que ainda nesse texto, esse desejo, em parte seja para as personagens, honroso.

Segundo Tropaia “tanto Ágape quanto Eros tem o mesmo significado; na realidade é mais espiritual na Sagrada Escritura que coloca os termos no mesmo campo semântico” (2006, p. 110). O autor explica que Ágape “é o amor universal, ‘amor que transborda’, gratuito” (2006, p.107).

Inácio de Antioquia, terceiro bispo de Antioquia depois de Pedro e Evódio, escreveu sete cartas. Ele sofreu o martírio no ano (107/110?) no Coliseu em Roma. Escrevendo aos Romanos um tratado espiritual sobre o martírio nos diz:

Carta aos Romanos 7,2

[...] É vivo que eu vos escrevo, mas com anseio de morrer. Meu Amor foi crucificado, e não há mais em mim fogo para amar a matéria. Dentro de mim há uma água viva que murmura e diz: “Vem para o Pai”. (TROPIA, 2006, p. 110)

Inácio, ao referir-se a seu Amor, usa o termo Eros (desejo) como caminho de encontro com Deus, ao caminho de sua realização plena, da busca pela visão beatífica que consagrará seu martírio, que justificará sua maneira de viver a fé e de sua busca pela santidade. Para um descrente, provavelmente o martírio soaria como os gritos de dor e medo daquilo que se aproxima. Mas, para Santo Inácio, isso revela-se como um chamado de Deus que ele reconhece como Pai. Como criança ferida e acolhida no colo paterno, como o filho que volta à casa do pai e é recebido com o abraço do amor que deseja ser perene.

Esse Amor (desejo) em Eros se revela como algo que busca o outro não como satisfação egoísta, mas como desejo de cuidado do amado. Tropaia revela que “Gregório de Nissa na sua “Homilia” 13, no Cântico dos Cânticos, nos oferece a seguinte passagem onde o amor é concebido como “caridade intensa”:

Então, aquele que depôs o véu dos olhos, olha com olhos puros a inexprimível beleza do esposo e por este motivo é ferida do incorpóreo e o incandescente dardo do amor. Diz-se que o Amor seja uma caridade intensa. Ninguém se envergonha dele (do amor) para que golpe da sua flecha não venha na carne, mas um se gloria, de sua ferida, quando recebeu a ponta do desejo imaterial na profundidade de seu coração.

Também a esposa assim fez quando disse às jovens: eu fui ferida do amor [...]. (GREGÓRIO DE NISSA (*335 / +394) apud TROPIA, 2006, P.112)

A caridade intensa (ágape), o amor que transborda e é gratuito refletido por Gregório, quer revelar aos fiéis que quando buscam a Igreja, buscam a Cristo. Ele usa a analogia da relação entre a esposa e seu esposo, que para além da materialidade, busca a essência do ser amado. Essa busca revela que o desejo se completa na relação existencial onde um cuida do outro pelo desejo de conservar o ser e a relação com o outro.

Esse desejo não consome, ele conserva. Na relação de fé entre o fiel e a Igreja, em sua pertença à comunidade de fé, ele conserva a relação com o próprio Cristo, assim como na relação dos esposos, o desejo conserva e transborda com gratuidade a existência do amado e do amor.

O Amor (Eros) veio definido como uma caridade (Ágape) intensa que atinge o homem na sua realidade mais íntima e interior, a sua realidade incorpórea, que está para além de uma compreensão sensível. A busca do Esposo (Cristo) faz com que a alma enamorada só pense nele e só nele encontre seu repouso. A mesma realidade pode ser definida entre o Cristo e sua Igreja, figura da amada no “Cântico dos Cânticos”. (TROPIA, 2006, p.113)

Tropia revela que o Eros divino, por sua abundância transbordante, não poderia ser outra coisa, senão fértil. Sendo Ágape esse amor que transborda naturalmente fecundo e criador, revela como o Criador manifestou-se em sua criação.

Deus é a causa de todas as coisas, ele é a origem destas coisas, isto tudo vem do seu amor (Eros) para com todas as coisas criadas. Se ele é fonte, isto é, origem de todas as coisas, tudo foi criado pelo seu amor. Seu amor se expressa quando ele desce, refletindo aqui a sua providência, a fim de criar todas as coisas, motivado pelo amor. Em Deus, Eros preexiste, e é a razão pela qual ele criou todas as coisas. Somos chamados a observar as palavras e perceber que Deus age amando (Eros). Não perceber isto é não conhecer o que Deus é. O Amor-Eros de Deus é o desejo do outro, quando não sendo um Deus estéril desejou criar todas as coisas. (TROPIA, 2006, p. 114)

Quanto à semântica, é sempre bom lembrar que com ela são trazidas as marcas culturais que a constroem. Nesse caso, a cultura grega oferece uma riquíssima estrutura mitológica que busca explicar os significados e sentidos apropriados aos termos e aos mitos que os geraram. Para os gregos, a ideia de fertilidade, estava ligada à figura de Zeus, deus da fertilidade. Suas relações com divindade telúricas querem refletir a fertilização da terra pelo deus celeste, onde se

gera a vida e, cada relação gera algo peculiar. A fertilidade do amor relacional é refletida pelos gregos sempre com grande força de Eros, pois o desejo se mostra com a força geradora de vida, de maneira que gera e mantém relação, e uma relação com toda a criação gerada pelo desejo procriador pleno de fertilidade.

Zeus é, antes do mais, um deus da “fertilidade”, *ómbrios* e *hyétios*, é chuvoso. É deus dos fenômenos atmosféricos, como já se disse, por isso que dele depende a fecundidade da terra, enquanto *khthónios*. É protetor da família e da *pólis*, daí seu epíteto de *poliéus*. Essa característica primeira de Zeus explica várias de suas ligações com deusas de estrutura ctônica, como Europa, Sêmele, Deméter e outras. Trata-se de uniões que refletem claramente hierogamias de um deus, senhor dos fenômenos celestes, com divindades telúricas. De outro lado, é necessário levar em conta que a significação profunda de “tantos casamentos e aventuras amorosas” obedece antes do mais a um critério religioso (a fertilização da terra por um deus celeste, e, depois, a um sentido político: unindo-se a certas deusas locais pré-helênicas, Zeus consuma a unificação e o sincretismo que hão de fazer da religião grega um calidoscópio de crenças, cujo chefe e guardião é o próprio Zeus. (BRANDÃO, 2010, p. 363)

A despeito do conceito raso das relações entre Zeus e suas diversas esposas, o que a reflexão religiosa grega que mostra, se dá no sentido de mostrar que a presença do amor divino quer fertilizar a terra, dando-lhe vida e relação protetora. Tal relação de Zeus com a terra, acaba evoluindo para uma imagem de “Zeus como Providência única só atingiu seu ápice com os Estoicos, entre os séculos IV e III a.C., quando então o filho de Crono surge como símbolo de um “deus único”, encarnando o Cosmo” (BRANDÃO, 2010, p. 365). Como já sabido, o estoicismo acabou se tornando uma das mais influentes linhas de pensamento filosófico dentro do Cristianismo.

Tropia (2006, p.113), ao citar a reflexão a respeito da relação de Deus com sua criação, a partir do pensamento do Pseudo Dionísio Areopagita, possibilita uma analogia à imagem das relações da divindade grega com suas esposas.

Pseudo Dionísio Areopagita, um bispo dos fins do século V e início do século VI, teve uma grande importância na utilização do termo. Este autor dedica uma parte de seu livro Sobre os Nomes Divinos para falar do amor (Eros). Trata-se do “Amor divino” que por causa de sua providencial ação no mundo expressa seu amor aos homens, isto tudo quando reflete a “teologia positiva” ou “descendente”. (TROPIA, 2006, p. 113)

Algo que necessita ser evidenciado, tanto no relato que mostra e religiosidade grega, quanto o que mostra a reflexão cristã, é a busca de Deus pela relação com o outro, com suas criaturas. Deus deseja estar e relacionar-se com o ser humano. Sua presença, ainda que inevitavelmente sedutora, se expressa como convite à relação

com Ele que vem a nós. Se nos é possível conhecê-lo, isto ocorre pelo fato de que, de alguma maneira, Deus se revela a nós.

Ainda que não se saiba dizer do que se trata, a sensação dessa presença amorosa acaba se revelando muitas vezes de forma inefável, pois, a precariedade humana, cercada dos limites da materialidade, pode experimentar sensações que nem sempre são possíveis de traduzir ou verbalizar, sendo que, o que vem de Deus, é tão imenso como o próprio Deus. E, como afirma Lacoste:

Se o amor tem um sentido universal e divino (...), que vale tanto para o amor físico como para o amor do pensamento, é porque, nascido da diferença entre o mesmo e o outro, ele é criativo, fonte de imprevisível novidade. (2004, p. 111)

Uma das maneiras de manifestação do amor se dá na necessidade do outro. É uma relação, ainda que se fale do amor de si. Na relação com Deus, percebe-se pelos relatos bíblicos que Ele é quem busca o ser humano, desde o Gênesis até o Apocalipse. O desejo de Deus em estar com sua criação, com suas criaturas, se manifesta como revelação de sua identidade, de seu jeito de ser aquele que vem ao encontro do ser humano primeiro, que busca e quer ser Emanuel.

Para que o amor seja verdadeiramente distinto do egoísmo, é preciso que o outro exista, e me perceba por seu amor. Não há amor sem revelação do outro (...). Por conseguinte, a definição geral do amor supõe uma forma de generosidade: é preciso fazer-lhe crédito, e consentir que a ausência seja um modo essencial do ser. Essa confiança é a do amante, que pelo juramento dá um sentido infinito à finitude de seu sentimento, a do filósofo socrático, que deseja o pensamento no coração do não saber, e a do crente, que aceita ser amado por quem ele não vê. (LACOSTE, 2004, p.117)

Sendo relação, revelará paulatinamente a verdadeira face do outro. O encantamento inicial nos cega como cegou a Paulo em Damasco (At 9), e que após isso pode aproximar-se cada vez mais do Senhor através de sua missão na divulgação da Boa Nova. Paulo disse seu sim que foi sim. Assumiu tudo o que abarcou tal relação. Como Maria em Mateus (1,26-38), ele assumiu a relação, desejou entregar-se ao Amor, fruto do desejo de Deus que veio a eles, apresentou-se, dialogou e convidou-os à relação de amor que por consequência gerou as obras do Amor. Tanto Maria como Paulo, viviam sua fé e sua religiosidade de maneira intensa.

Dentro de sua cultura, isso era vital, mas, com certeza, não somente por ser cultural, pois o amante busca no amado a possibilidade da relação, a abertura para o diálogo inicial onde se torna possível conhecer-se melhor para melhor se aproximar. Quando Deus se revela a eles, mostra-se da maneira que cada um deles pode compreendê-lo melhor. Ou seja, na docilidade de Maria ou na busca ansiosa de Paulo, o Amor se identifica com as personagens. Cada um deles em suas vidas manteve uma relação dialogal amorosa com Deus.

Não se pode falar de Deus se não se fala com ele. Esta troca amorosa e afetiva, erótica em nível espiritual, mostra que a vontade de se unir ao outro é uma vontade de se perder no amado e poder ser encontrado somente nele. Num contexto social, podemos ressaltar a importância desta paixão pelo povo de Deus e por toda a humanidade, amada por Deus. Ser capaz de se envolver apaixonadamente pela causa da vida real de nossas comunidades e história, de se apaixonar pelo homem em sua humanidade, e que só nesta paixão descobrir um sentido para viver e lutar. É preciso que o Verbo se faça carne, pois é preciso que o amor afetivo de Deus se faça presente na história, pois nosso Deus é o Deus da história e não de uma manifestação na qual ele não se faça presente na vida real do homem. Só um Deus apaixonado poderia chegar ao extremo: Deu sua vida por nós, para podermos dar a vida pelos outros nossos irmãos. Resgatar Eros é resgatar a força de uma humanidade afetiva, do melhor em nós, isto é, o melhor de nossa humanidade. Pois como posso amar a humanidade (Ágape) se no concreto, no confronto real não amo o que é mais próximo? Por isso, sem Eros e Filia não se criam laços humanos. (TROPIA, 2006, p. 126)

6.3. CONSIDERAÇÕES

Ficou claro que falar de amor é falar de uma realidade polissêmica, que simultaneamente reporta ao Deus que é Amor – revelação central do Cristianismo – e ao convite dos seres humanos a amar. A relação entre sexualidade e amor precisa ser analisada neste âmbito maior, pois o amor não se reduz à sexualidade, mas também não se pode compreender a sexualidade totalmente à parte do amor.

Esta compreensão ampla do amar é fundamental para toda ação da Igreja, deste modo, a sexualidade humana assim como o amor e seus diversos significados, necessariamente devem fazer parte dos assuntos tratados na catequese, sendo esta, depois da família, o lugar onde o cristão poderá se reconhecer como tal, a partir de sua humanidade. Excluir tais temas do âmbito da catequese – ou de outras esferas de atuação da Igreja - possivelmente lograria num indesejável fracasso no sentido de incentivar a permanência dos catequizandos na vida comunitária.

Não se trata de relativizar os conceitos da Igreja para que esta receba maior aceitação por esforçar-se em agradar seu público, mas de possibilitar o reconhecimento de seus fiéis das evoluções dos próprios conceitos que esta Igreja tem construído ao longo dos tempos. Formar e informar devidamente os formadores revela-se como a melhor proposta diante das inquietantes mudanças de paradigmas, assim como dos modismos a que estão expostas as crianças e os jovens das comunidades, que frequentam a catequese.

Outro ambiente com grande demanda para os devidos esclarecimentos é o da família. É a partir dali que a criança será introduzida na cultura, na religião e na sociedade. Como foi possível observar no tema que se referiu aos agentes de pastoral, sua fonte de informação mais importante não tem sido o que a Igreja propõe e sim a realidade que enfrentam.

Contudo, deve-se ter clareza de que quando se refere à relação entre homem e mulher, incluindo nesta o amor, isto não será tratado de maneira objetiva pelos Padres da Igreja. Contudo, compreendendo as relações a partir da atualidade com os olhos na Patrística, será possível perceber que esse tema sempre inquietou a humanidade, mesmo em diferentes culturas.

A atualização que as pesquisas oferecem para o devido debate, só terá sentido se colocada a serviço das comunidades através de formadores capacitados e conscientes de que, a Pastoral nada mais é do que a ação evangelizadora da Igreja no mundo, a fim de situar seus fiéis como testemunhas do Evangelho, o qual nunca deverá perder seu fundamental significado de Boa Nova.

7. RELAÇÃO ENTRE ATO SEXUAL E MATRIMÔNIO

Este tema abordará a questão a respeito da relação sexual e matrimônio, no sentido de verificar como os casais entrevistados percebem a ligação entre matrimônio e geração de filhos, bem como quanto a seu estado civil quando da geração do primeiro filho.

No que diz respeito ao que dizem os Padres da Igreja, podemos verificar uma variedade de conceitos defendidos por eles, que vão desde a luta contra os

heréticos que mundanizaram o ato sexual, até os que defendem o ato sexual como fundamentalmente ligado à geração dos filhos, e ainda os que defendem ferrenhamente a castidade como caminho de santificação.

A partir do que revelam os dados, assim como com o que diz a Tradição, será possível refletir a respeito dos reais impactos na vida dos entrevistados causados pela religião e pela realidade vivida, quando da necessidade de decidir a respeito do tema aqui abordado.

7.1. RESULTADOS

Tabela 7 Relação entre casamento e ter filhos

	Frequência	Porcentagem
zero	242	11,0
1	86	3,9
2	184	8,4
3	246	11,2
4	1282	58,4
NR	156	7,1
Total	2196	100,0

Fonte: Autores 2020.

A tabela acima mostra que para 58,4% dos entrevistados, o casamento está diretamente ligado à geração de filhos. Ou seja, o casamento é naturalmente o lugar da geração dos filhos para 1282 pessoas entre os entrevistados, somando-se 246 entrevistados que dão nota três, o que significa que o casamento tem grande importância na geração de filhos, totalizando uma maioria de 1528 pessoas, ou seja, 69,6% dos entrevistados são favoráveis à ideia. Contudo, no outro extremo, temos 242 pessoas que não relacionam o casamento com a geração de filhos, além de 86 que dão nota um e mais 184 que dão nota dois, somando 23,3% dos entrevistados.

Faz-se importante lembrar que somente 45% das entrevistas foram realizadas em encontros no âmbito religioso, somando-se a 35% em encontros com pais de alunos em escolas e 20% em espaços sociais, como clubes de mães e associações de moradores. A importância disso se dá no sentido de que poderia se alegar que o espaço religioso causaria certa influência nas respostas, possibilidade essa que não podemos descartar.

Apesar das muitas mudanças de paradigmas que ocorrem ao longo da história, os dados nos revelam que para a maioria das pessoas, o casamento ainda é o lugar de se gerar filhos. A família continua sendo referencial para que um casal se una para gerar e educar seus filhos.

Tabela 8 – Cruzamento de dados: ‘Estado civil na gravidez do primeiro filho’ com ‘Relação entre casamento e ter filhos’.

Estado civil na gravidez do primeiro filho		Relação entre casamento e ter filhos						Total
		zero	1	2	3	4	NR	
Solteiro	N.	52	22	49	52	186	28	389
	%	13,4%	5,7%	12,6%	13,4%	47,8%	7,2%	100,0%
Casado	N.	141	47	106	162	960	97	1513
	%	9,3%	3,1%	7,0%	10,7%	63,5%	6,4%	100,0%
Divorciado	N.	4	0	1	2	16	2	25
	%	16,0%	0,0%	4,0%	8,0%	64,0%	8,0%	100,0%
Viúvo	N.	7	1	2	3	5	3	21
	%	33,3%	4,8%	9,5%	14,3%	23,8%	14,3%	100,0%
União Estável	N.	29	16	22	18	87	20	192
	%	15,1%	8,3%	11,5%	9,4%	45,3%	10,4%	100,0%
Separado Judicialmente	N.	3	0	0	1	8	2	14
	%	21,4%	0,0%	0,0%	7,1%	57,1%	14,3%	100,0%
NR	N.	6	0	4	8	20	4	42
	%	14,3%	0,0%	9,5%	19,0%	47,6%	9,5%	100,0%
Total	N	242	86	184	246	1282	156	2196
	%	11,0%	3,9%	8,4%	11,2%	58,4%	7,1%	100,0%

Fonte: Autores 2020.

A tabela 8 tem sua tendência confirmada pela tabela 7 onde 1513 entrevistados responderam que estavam casados quando ocorreu a gravidez do primeiro filho. 613 entrevistados divergem desta tendência, porém em grupos bem fragmentados. Apenas o grupo dos que estavam solteiros soma um total de 389 pessoas, formando o segundo maior grupo entre os entrevistados. Nas respostas da tabela 6 tivemos 1528 entrevistados respondendo que o casamento é o lugar ideal para a geração dos filhos e na tabela sete 1513 deles confirma que teve seu primeiro filho já casados.

7.2. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS À LUZ DA PATRÍSTICA

Cabe agora a exposição das reflexões feitas pelos Santos Padres da Igreja a respeito da importância da família e nela a geração dos filhos. Poderemos observar

uma diversidade de perspectivas devido às influências culturais que os cercavam. Para alguns deles a família é um problema onde a união carnal entre homem e mulher será fonte de queda e pecado, mas, para outros será fonte de inspiração para a devida analogia na relação entre Deus Pai e Filho, entre Cristo e a Igreja, seguindo não somente a inspiração paulina, mas outros textos da Bíblia.

Inácio de Antioquia, em suas sete cartas conhecidas, tem um apelo muito forte no que se refere à união da Igreja, bem como com o respeito à hierarquia. Em sua Carta aos Efésios (16,1) quando se refere a não se deixar seduzir pela heresia, ou seja, ao docetismo que negava a natureza humana de Cristo, bem como seu sofrimento, mostra a imagem da relação entre Jesus Cristo e o Pai, bem como da comunidade, tendo como referência de unidade a família. Inácio afirma: “Aqueles que corrompem uma família não herdarão o Reino de Deus” (Ef 16,1).

A Cristologia inaciana tem forte influência de São Paulo, tanto quanto fortemente influenciada pela teologia joanina. Com respeito à virgindade e ao matrimônio, o grande referencial é Paulo. Isto se manifesta claramente na carta de Inácio a Policarpo:

5. ¹Foge das profissões desonestas. Além disso, faze homilia contra elas. Dize às minhas irmãs que amem o Senhor e se contentem com seus maridos física e espiritualmente. Recomenda também aos meus irmãos, em nome de Jesus Cristo, que amem suas esposas, como o Senhor ama a Igreja. ²Se alguém pode permanecer na castidade em honra da carne do Senhor, que permaneça na humildade. Se ele se gloria disso está perdido, e considerando-se mais do que o bispo, está corrompido. Convém que os homens e as mulheres que se casam, contratem sua união com o parecer do bispo, a fim de que seu matrimônio seja feito segundo o Senhor e não segundo a concupiscência. Que tudo seja feito para a honra de Deus. (FRANGIOTTI, 1995, in PADRES APOSTÓLICOS, p.123)

Para Inácio, toda vida da comunidade cristã deve passar pelo crivo do bispo, mas também dos presbíteros e dos diáconos, o que demonstraria a plena união da Igreja em analogia à união entre Deus Pai e Jesus Cristo, que em sua inteireza revelou à humanidade a vontade divina dando testemunho verdadeiro. Isto se reflete nas relações matrimoniais e familiares, bem como na opção pelo celibato. Toda a existência da comunidade deve refletir sua união com Deus Pai e Filho assim como com a Igreja.

O matrimônio se torna objeto de interesse do bispo que pretende evitar que o matrimônio não seja assumido apenas por impulsos carnis, mas com referência à

vontade divina representada pela pessoa do próprio bispo. Ou seja, a opção pelo matrimônio, de acordo com Inácio de Antioquia, depende diretamente da opinião do bispo e não somente do casal. (FRANGIOTTI, 1995; BOGAZ, COUTO, HANSENS, 2008; QUASTEM, 2004; BERARDINO, FEDALTO, SIMONETTI, 2010).

Policarpo de Esmirna, diferente de Inácio de Antioquia, não dá primazia ao episcopado e sequer o menciona. Contudo, também tem um forte referencial paulino, principalmente em sua carta aos Filipenses, mais diretamente no número IV onde as exortações ali feitas tem base na carta de Paulo aos Efésios, como podemos observar em 4,2 de sua carta aos Filipenses onde fala a respeito dos deveres do casal, um para o outro, dando ênfase à fidelidade e à castidade na relação com os outros: “que as vossas esposas caminhem na fé que lhes foi dada, no amor e na pureza, tratando carinhosamente seus maridos com toda fidelidade, amando também os outros com toda castidade, e educando os filhos no temor de Deus”.

Ainda em 5, 3, Policarpo escreve aos jovens:

Do mesmo modo, que os jovens sejam irrepreensíveis em tudo, preservando antes de tudo a pureza, refreando todo mal que está dentro deles. De fato, é bom repelir os desejos neste mundo, porque todo desejo guerreia contra o Espírito. Nem os fornicadores, nem os efeminados, nem os sodomitas terão parte no Reino de Deus, nem aqueles que praticam coisas estranhas. Por isso, é preciso que eles se abstenham de todas essas coisas, e estejam submissos aos presbíteros e aos diáconos, como a Deus e a Cristo. (...) As virgens devem viver com consciência irrepreensível e pura. (FRANGIOTTI, 1995, p. 142)

O forte apelo à castidade e a absoluta exclusão de quem não se enquadra nos conceitos de pureza, revela uma limitada reflexão a respeito da misericórdia divina. Com cunho extremamente conservador, seu pensamento permeia até a atualidade a expressão de fé de muitos cristãos. (FRANGIOTTI, 1995; BOGAZ, COUTO, HANSENS, 2008; QUASTEM, 2004; BERARDINO, FEDALTO, SIMONETTI, 2010).

Hermas, em sua obra O Pastor, no Quarto Mandamento (29), faz severas afirmações a respeito do adultério, e de como deverá comportar-se quem estiver diante de tal situação, devendo sempre guardar a castidade evitando desejar outra mulher que não seja sua esposa, assim como fugir de outros vícios como a

fornicação. Para ele, o desejo, ou concupiscência, demonstra-se como um dos pecados mais graves.

Quanto aos que ficam viúvos, ele afirma que seria melhor se não se casassem novamente, pois isso lhe traria maior honra diante de Deus. Entretanto, não seria pecado como no caso de contrair outro casamento após separar-se de sua primeira esposa. Hermas comenta também a respeito do adultério cometido contra a comunidade de fé: “O adultério não é apenas macular o corpo. Quem vive como os pagãos também comete adultério” (in PADRES APOSTÓLICOS, p. 196).

Contudo, o centro da mensagem está voltado à possibilidade do perdão de pecados cometido depois do batismo, o que na época era novidade. Diante da expansão do Cristianismo surge a necessidade de rever alguns conceitos rigorosos a esse respeito.

É importante lembrar em que contexto Hermas escreve sua obra, como anteriormente referido. Trata-se de uma visão onde lhe são reveladas tais ideias. Hermas vive uma crise pessoal com os maus costumes de sua família. Preocupado com isso, escreve em sua obra o que afirma ter recebido em uma visão. (FRANGIOTTI, 1995; BOGAZ, COUTO, HANSENS, 2008; QUASTEM, 2004; BERARDINO, FEDALTO, SIMONETTI, 2010).

Taciano, o Sírio, assume uma tendência rigorista, a partir do Encratismo²⁸, heresia que assume após a morte de seu mestre Justino, de maneira a interpretar a humanidade de maneira extremamente pessimista, o que o leva a desprezar o matrimônio, os prazeres e a matéria. Ou seja, para ele, o que está ligado à matéria é pecaminoso e desprezível. Os efeitos dessa linha de pensamento para o matrimônio serão duríssimos, pois rebaixa a relação amorosa entre homem e mulher ao nível do pecado, da condenação, pois considera esta relação como coisa mundana.

A respeito dele, Irineu de Lião, Eusébio de Cesaréia, e Epifânio, fazem comentários que reprovam sua conduta após a morte de seu mestre. Frangiotti comenta que

²⁸ Encratismo vem do grego *enkrateia*, que segundo o Dicionário do Grego do novo testamento (2003, p. 144) significa : autocontrole, domínio de si, temperança, capacidade de suportar as adversidades. Ou seja, abstinentes.

Irineu de Lião, fornecendo simultaneamente dados pessoais sobre Taciano, descreve assim esta heresia: “Provindo de Saturnino e de Marcião, os que se chamam encratistas pregavam a abstinência do matrimônio, rejeitando a antiga criação de Deus e acusando tranquilamente aquele que fez o homem e a mulher para procriar os homens; eles introduziram a abstinência daquilo que, fora animado, na sua ingratidão para Deus que fez o universo”. (FRANGIOTTI, in PADRES APOLOGISTAS, 1995, p.58)

Apesar de ter sido profundamente educado na cultura grega, tendo também estudado várias religiões, por ser um pesquisador inquieto, em seu Discurso contra os Gregos, faz severas críticas às crenças gregas. De maneira especial para nós, destacamos o trecho do número 10, onde afirma:

O cisne é famoso por ter sido adúltero, famosos também são os Dióscuros, raptadores das filhas de Leucipo, que alternam um em cada dia da vida. Melhor é Helena, que abandonou Menelau, de cabelos loiros, e seguiu Páris, rico em ouro e mitrado; justo e discreto, foi ele que transportou essa prostituta para os Campos Elísios. Porém não, tampouco a filha de Tindaro foi tornada imortal, com razão Eurípedes encenou a morte de tal mulher, levada a cabo por Orestes. (FRANGIOTTI, 1995, p. 76)

Lançando mão de vários elementos da mitologia grega, bem como da *Ilíada*²⁹, Taciano não economiza na agressividade contra sua antiga cultura, ao mesmo tempo em que sua visão a respeito do ser humano, obra divina, se distorce a partir de sua nova perspectiva de fé embasada no Encratismo. Segundo Lenzenweguer, Taciano

(...) exigia rigorosamente a continência sexual de todos os fiéis. A grande Igreja desaprovou essa atitude convencida dos encratistas (os continentes); contudo, não soube se subtrair totalmente ao múltiplo fascínio dos ascéticos e, por exemplo, ao adotar as prescrições do Antigo Testamento referente à pureza ritual, já estava preparando a lei posterior do celibato. (LENZENWEGGER et al, 2006, p.46)

Segundo Quastem (2014, p.220) o discurso de Taciano “não é uma apologia destinada a defender o Cristianismo, nem justificar a conversão do autor, mas um discurso inaugural cujo objetivo era convidar os ouvintes a frequentar sua escola” que tinha fundado na Mesopotâmia (MORESCHINI, NORELLI, 2006, p. 233). Sendo assim uma apologia de si e de seus conceitos particulares. Conceitos estes que não passarão sem deixar suas marcas na formação do que posteriormente será reconhecido como modelo de família para o Cristianismo, bem como para a

²⁹ A respeito da mitologia grega, para melhores esclarecimentos, sugerimos a leitura da obra de Junito de Souza Brandão em três tomos, publicada pela Editora Vozes em 2011. Quanto à *Ilíada*, o leitor pode encontrara diversas publicações da obra de Homero que conta a respeito da Guerra de Tróia. Sugerimos aqui como fonte nossa, publicada pela editora Ediouro em 2009, contendo no mesmo *box* a *Odisséia*.

formação do pensamento que opta pelo celibato, assim como o que podemos chamar de mundanização do corpo a partir do ponto de vista maniqueísta.

Taciano deixa marcas importantes na história da Igreja, sejam positivas ou negativas. Merecedoras de severas críticas a partir de Irineu de Lião, revelam o momento e as questões que obsidiavam esta personagem importante no contexto dos Padres Apologistas. (BOGAZ, COUTO, HANSEN, 2008; FRANGIOTTI, 1995; NORELLI, 2016; QUASTEN, 2014; LENZENWEGER ET ALL, 2006; MORESCHINI, 2013; BERARDINO, FEDALTO, SIMONETTI, 2010; HOMERO, 2009; BRANDÃO, 2011).

Atenágoras de Atenas, pelo que afirma Frangiotti (1995, p.114), “escreveu, ao que se sabe uma Petição em favor dos cristãos e um tratado sobre a ressurreição dos mortos” dos quais aqui nos interessa a primeira, onde refuta as acusações de incesto, de antropofagia e defende a indissolubilidade do matrimônio, entre tantas outras afirmações em defesa dos cristãos. Segundo Moreschini (2013, p.223), Atenágoras, junto com Taciano, Clemente de Alexandria e Tertuliano depreciavam o matrimônio por considerá-lo “como momento principal da dissolução e da obra da carne”, como podemos observar no trecho abaixo:

De fato, superando a todos por vossa inteligência, sabeis que aqueles que tomam a Deus como regra de vida, para que cada um de nós esteja sem culpa e sem mancha em sua presença, não podem ter, em pensamento, o mais leve pecado, e acreditássemos que nada existe além desta vida presente, poder-se-ia suspeitar que pecássemos, submetendo-nos à servidão da carne e do sangue ou sendo dominados pelo lucro e pelo desejo. Sabendo, porém, como sabemos, que Deus vigia nossos pensamentos e nossas palavras, tanto de dia como de noite, e que ele é todo luz e vê até dentro do nosso coração; acreditamos, como cremos, que, ao sair desta vida, viveremos outra melhor, contando que permaneçamos com Deus e por Deus inquebrantáveis e superiores às paixões, com alma não carnal, mas com espírito celeste, embora na carne (...). (FRANGIOTTI, 1995, in PADRES APOLOGISTAS, p. 159-160)

Para Atenágoras, o matrimônio é indissolúvel e sua principal função está na geração dos filhos, tendo em vista que o casal cristão não se entrega aos desejos carnis, assim como: “Quem se separa de sua primeira mulher, mesmo quando morreu, é adúltero e dissimulado”. Sua defesa dos cristãos acaba assumindo uma radicalidade severa com relação aos costumes pagãos, condenando absolutamente tais costumes e afirmando a extrema diferença entre eles e os cristãos. No número 33, intitulado como Indissolubilidade do matrimônio ele afirma:

Como temos esperança na vida eterna, desprezamos as coisas da vida presente e até os prazeres da alma, tendo cada um de nós por mulher aquela que tomou conforme as leis estabelecidas por nós com a finalidade de procriar filhos. Assim como o lavrador, jogando a semente na terra, espera a colheita e não continua semeando, do mesmo modo, para nós, a medida do desejo é a procriação dos filhos. (FRANGIOTTI, 1995, p.161)

Seu forte apelo à continência e à castidade revela uma regra de vida voltada a um único objetivo, ou seja, a dignidade da vida eterna. Sua grande preocupação manifesta-se em comparar a pureza da vida cristã em relação à promiscuidade, segundo seu ponto de vista, comum na vida dos seus acusadores. Valoriza sobremaneira a virgindade e a continência como forma de intimidade com Deus.

E até é fácil encontrar muitos dentre nós, homens e mulheres, que chegaram celibatários à velhice, com a esperança de um relacionamento mais íntimo com Deus. Se viver na virgindade e castração aproxima mais de Deus e só o pensamento e o desejo separa, se fugirmos dos pensamentos, quanto mais não recusaremos as obras? (FRANGIOTTI, in PADRES APOLOGISTAS, 1995, p. 161)

Irineu de Lion, bispo de Lion (Lyon) e grande opositor das heresias, segundo a tradição, trata-se do primeiro grande teólogo dogmático dos Padres. Em *Contra as Heresias* seu primeiro livro (27,3) onde afirma: “Marcião diz que se salvam somente as almas que aprenderem a sua doutrina; os corpos não podem participar da salvação, porque foram tirados da terra” (IRINEU, 1995, p.110).

Irineu critica severamente a doutrina de Marcião, que, em seguida a este trecho acima citado, relativiza o mérito dos patriarcas em relação à salvação dos pecadores quando da morte e ressurreição de Cristo. Ainda em seu primeiro Livro (28,1), chama a atenção a respeito do surgimento de novas seitas e da maneira com que seus criadores impõem suas novidades.

Originando-se destes de quem falamos acima, já surgiram muitas ramificações das muitas heresias, pelo fato de muitos deles, ou melhor, de todos eles quererem ser mestres. Afastando-se da seita em que se encontravam, derivando uma teoria da outra e desta, outra; ensinando sempre algo novo, apresentam-se a si mesmos como inventores da teoria por eles arquitetada. (IRINEU, 1995, p.111)

A falta de credibilidade dos novos hereges, diante da importância dada à ortodoxia por Irineu, torna-se um dos principais argumentos para que sejam refutados. Quando fala a respeito do matrimônio, ainda em 28,1, seu tom é severo também contra Taciano o Sírio.

Assim, por exemplo, os que se chamam encratitas, que se inspiram em Saturnino e Marcião, proclamam a abstenção do casamento, condenando a primitiva instituição divina e acusando falsamente Aquele que fez o homem e a mulher ordenados à procriação. Introduziram o celibato dos chamados espirituais com gesto de ingratidão para com Deus, criador de todas as coisas, e negam também a salvação do primeiro homem. Esta é invenção original e atual, quando um Taciano qualquer introduziu, pela primeira vez, essa blasfêmia. Enquanto esteve na escola de Justino como ouvinte não manifestou nenhuma dessas teorias, mas depois do martírio dele se separou da Igreja ufanando-se da glória do mestre e julgando-se superior a todos deu nova característica à teoria. Como os discípulos de Valentim, conta a história dos Éões invisíveis, como Marcião e Saturnino, tacha o casamento de corrupção e fornicção, e no que lhe é próprio, nega a salvação de Adão. (IRINEU, 1995, p. 111)

Suas observações quanto à sacralidade do matrimônio são de grande importância para esta pesquisa, pois, diante de seus argumentos, abrem-se diversas perspectivas com respeito ao debate que abrange inclusive o celibato, que para Irineu é “ingratidão com Deus”, em relação com a ordem divina da procriação, tratada como corrupção e fornicção pelos hereges.

Ora, se a vontade divina se manifestou na criação do homem e da mulher, com o objetivo de juntos cuidarem da obra de Deus como casal, como pode ser possível afirmar alguma impureza no matrimônio? Como afirma Irineu, aqueles que condicionam o casamento a uma condição mundana e desprezível, acusam falsamente ao próprio Deus de um erro.

Mas, segundo Irineu, em 28,2 (1995, p.111), há outros que distorcem a pureza das relações quando não lhes dão o devido respeito. Segundo ele: “Outros ainda, inspirando-se em Basíledes e Carpócrates, introduzem o amor livre, a poligamia (...)” (1995, p.111). Portanto, para o esmirniota, o matrimônio não pode ser diminuído de maneira alguma diante de sua origem na vontade criadora de Deus (RIBEIRO, in IRINEU DE LYON, 1995). Em sua Demonstração da Pregação Apostólica (14), ao se referir ao casal ideal, chama a atenção para a pureza existente em Adão e Eva:

(...) estavam nus e sem vergonha, porque os seus pensamentos eram inocentes e infantis, e não tinham ideia ou imagem que são gerados na alma pelo mal, cúmplice da concupiscência, e pelas paixões. Viviam, de fato, na integridade, conservando o seu estado natural, porque o que foi insuflado no seu plasma era hálito vital. Ora, até quando durou e perseverou aquele sopro, com sua ordem e seu vigor, não imaginavam ou pensavam coisas ignóbeis. Por tal motivo, não se envergonhavam de beijar-se e abraçar-se com infantil inocência. (IRINEU, in IRINEU DE LYON, 2014, p. 80-81).

Irineu de Lião fecha aqui o grupo dos Padres Apologistas que se referem diretamente aos temas que dizem respeito à família e outras questões envolvidas no tema, e abre as portas para uma primeira reflexão a respeito de como, de fato, eram as relações familiares nesse período que até aqui estudamos.

Não seria adequado imaginar que nas comunidades cristãs reinasse a santidade e a castidade, conforme sugerem os apologistas, obviamente mais preocupados em isolar as comunidades atacadas pelas acusações de seus opositores. É possível afirmar isso, justamente pelos comentários dos mesmos quando se referem às suas comunidades. A necessidade de afirmar e reafirmar a pureza e a castidade como modelo a ser seguido pelos cristãos, acaba revelando, de certa maneira, os problemas enfrentados pelos Padres em suas comunidades de fé.

Paulo Apóstolo foi o grande referencial dos Padres e considerado “pai da Patrística” (BOGAZ, COUTO, HANSEN, 2008, p.37), cada carta ou documento se mostra inserido em um determinado ambiente e contexto histórico, de maneira a acudir imediatamente questões que desviavam e distorciam a fé das comunidades, e, a bem da verdade, isso ocorre em toda a Bíblia. Quando se refere aos apologistas, o uso das ferramentas da filosofia acentua mais ainda a perspectiva teológica dos autores a respeito dos temas que são por eles tratados, e atualizados conforme sua realidade e formação pessoal.

Com isso, é possível compreender que não se trata de uma comunidade de pessoas absolutamente perfeitas, mas que a busca pelo reto caminho em meio a tantas diferenças de pensamento, teve como referência o pensamento dos Padres que, mesmo em perspectiva, conflitaram com aquilo que a seu modo de perceber a realidade, não coadunava com a nova maneira de existir oferecida pelo Cristianismo e suas fontes escriturísticas.

O próximo passo será no sentido de buscar entre os padres do século IV e V, conhecidos como Padres de língua grega, os Padres Orientais, assim como os Padres de língua latina, os Padres Ocidentais, referências a respeito da família, bem como dos temas que a cercam. Trata-se, segundo Besen (2012, p.52) dos:

(...) grandes pastores, doutores na fé, santos, defenderão a doutrina sem nenhum medo, garantindo a unidade e a ortodoxia. São conhecidos como Pais (Padres) da Igreja, os Santos Pais. Sua autoridade é tamanha no seio da Igreja, que seus escritos quase são colocados ao lado dos textos da escritura: conservam a verdadeira doutrina, foram santos, foram sábios. Dividem-se em Pais latinos e Pais gregos, dependendo da língua utilizada.

Apesar do vasto material que se dispõe desse período e de seus escritores, da grande importância deles na história da Igreja, bem como de seu desenvolvimento, é necessário conter o entusiasmo e manter o foco com respeito ao objetivo deste trabalho. Não cabe aqui expor as grandes discussões desse período tão fértil e tão estudado da Patrística, mas, buscar-se-á nas grandes discussões temas referentes à família, bem como ao que afeta diretamente as relações familiares, como por exemplo, o conceito de virgindade, o celibato, as relações entre homens e mulheres, a educação dos filhos, a função do matrimônio na geração dos filhos, bem como temas de sexualidade que afetarão as relações familiares.

Para tanto, é importante referir à lista dos padres de língua grega ou orientais. Segundo Besen (2012, p.52), são eles: Atanásio de Alexandria (295-373), Basílio de Cesaréia (330-379), Gregório de Nazianzo (329/339- 390), Gregório de Nissa (335/340-394 e João Crisóstomo (345/349/354-407). Os temas que mais os ocupam são:

A Santíssima Trindade, a Bíblia, a vida cristã e a justiça social. Os Pais do Oriente eram movidos pelo desejo de contemplar a Deus e esclarecer seu grande mistério. Saídos do deserto, eram monges em meio ao tumulto da cidade dos homens. O amor a Deus fê-los possuir uma imensa compaixão pelos pobres, criando obras para socorrer os famintos e abandonados. (BESEN, 2012, p.55)

Atanásio de Alexandria (295-373) revela-se como figura polêmica na sua época e ainda hoje. Isto devido às discordâncias a respeito de detalhes de sua história. Apesar, como anteriormente citado, de sua carreira polêmica, o que lhe custou vários exílios, não se pode de pode abrir mão do que nos deixou o alexandrino.

Será dada aqui atenção especial a seu tratado intitulado *Contra os pagãos*, onde se refere aos temas de interesse desta pesquisa. Na primeira parte, *Refutação da Idolatria*, no capítulo 1, *Origens da Idolatria*, número 3 *O pecado do primeiro homem*, Nascimento das paixões, Atanásio afirma:

Pode-se constatar que tudo isso é verdadeiro segundo o que as santas Escrituras nos dizem do primeiro homem. Também durante muito tempo, efetivamente, em que ele conservou o espírito ligado a Deus e à contemplação de Deus, ele se desviava da contemplação do corpo; mas quando, pelo conselho da serpente, ele se afastou do pensamento de Deus e se pôs a considerar-se a si próprio, então foram tomados pelos desejos do corpo, “e conheceram que estavam nus” (Gn 3,7) e este conhecimento os encheu de vergonha. Eles conheceram que estavam nus, não porque não tinham roupa, mas porque tinham sido despojados da contemplação de Deus, e tinham voltado o pensamento para direção oposta. Afastando-se da consideração e do desejo do Um e do Ser, quero dizer, de Deus, se entregaram a diversidade e a multiplicidade dos desejos corporais. Seguidamente, como acontece em geral, tomados pelos desejos singulares e múltiplos, começaram a se manter habitual e mutuamente voltados para eles a ponto de temerem perde-los. Por este meio, nasceram na alma as covardias, os temores, as volúpias, o pensamento das coisas mortais. Não querendo renunciar aos seus desejos, ela teme a morte e a separação do corpo. Desejando ainda e não atingindo o objeto dos seus desejos, ela aprende o homicídio e a injustiça. (ATANÁSIO, 2002, p.49-50)

A partir da forte influência do platonismo, a muito incorporado na filosofia cristã de Alexandria (MORESCHINI, 2013, p.657), se torna inevitável reconhecer resquícios, nas afirmações de Atanásio, de um texto de Platão com o título de O Banquete, que se refere a um diálogo entre Sócrates e outros pensadores a respeito do tema do amor, quando Aristófanes contesta Erixímaco a respeito do tema, onde conta, segundo a mitologia, como Zeus castiga a humanidade por não adorá-lo devidamente.

Segundo o mito havia três gêneros humanos distintos, porém cada gênero unido num só corpo, Zeus, com a colaboração de Apolo, divide o ser humano que após isso passa desesperadamente a buscar sua metade perdida, sua cara metade, e com isso, afasta-se ainda mais da adoração divina a ponto de quando encontravam outra metade não mais a largavam até a morte de um deles por inércia e inanição, o que obriga a Zeus devolver a humanidade uma fração de sua antiga felicidade, e o retorno à rotina dos trabalhos e da divina adoração³⁰.

Obviamente não é possível afirmar que Atanásio tenha lido ou se refira diretamente ao Banquete, contudo, para os gregos o texto exerce com certeza forte influência por se tratar de uma das preciosidades da história da filosofia no que diz respeito às relações amorosas do ser humano. Atanásio segue ainda no número 4 afirmando:

³⁰ Para melhor conhecimento do texto, ver Platão – Diálogos – O Banquete. Utilizamos aqui o texto da coleção Os Pensadores da editora Abril Cultural (1972).

A alma se afastou, portanto, da contemplação dos inteligíveis e, abusando de suas faculdades corporais particulares, pôs seu prazer na contemplação do corpo; e vendo que o prazer era um bem para ela, no seu erro abusou do nome do bem, e pensou que o prazer era o bem absoluto e verdadeiro: tal como um homem que, tomado pela demência, pedisse uma espada para ferir aqueles que encontrasse e acreditaria que isto seria sabedoria. Embriagada pelo prazer, a alma se lançou a procura-lo de muitas maneiras. (ATANÁSIO, 2002, p.50)

Seguindo seu raciocínio no sentido de que somente cabe ao ser humano a devida contemplação divina, Atanásio acusa de insanidade aqueles que se desviam do que segundo seu pensamento, seria o único objetivo da existência humana. De maneira a desprezar absolutamente o prazer das relações humanas, afirma que a alma afasta-se de sua finalidade original e inclina-se para a desobediência.

Assim ela pôs em movimento as mãos para a finalidade oposta, fazendo-lhe cometer o homicídio; ela desviou os ouvidos para a desobediência, e os outros membros para o adultério em lugar da procriação legítima; (...) o olfato, o desviou para toda a variedade de perfumes eróticos; (...). (ATANÁSIO, 2002, p.51).

Está claro no texto o conceito de relação sexual do casal apenas para a procriação dos filhos, tema este que terá sua sequência mais adiante e com forte apelo de Agostinho para o conceito de matrimônio. Atanásio segue sua crítica na obra *Contra os Pagãos*, e no nº9 (2002, p.58), faz severas críticas às divindades gregas e egípcias em sua refutação da idolatria. Entretanto, parece comungar com a misoginia quando afirma:

Assim as mulheres, que não é mesmo sem perigo convocá-las às assembleias para fazer deliberar os negócios públicos, recebem as honras divinas do culto e da veneração: por exemplo, aquelas que Teseu mandou adorar, e de que já falei acima, entre os egípcios, Ísis, Core, Neotera e entre outras Afrodite. (ATANÁSIO, 2002, p.61).

A veemência de suas acusações à idolatria dos pagãos segue de maneira contundente. Nos números 25 e 26, critica os rituais religiosos e a maneira com que homens e mulheres destruíam sua natureza em função da idolatria. Apesar de termos clareza a respeito do contexto que envolve o pensamento de Atanásio, se faz importante verificar o quanto sua linha de pensamento se torna marcante para o desenvolvimento da identidade da família cristã.

Atanásio, assim como os apologistas acima citados, ao defender a pureza cristã, condena veementemente a cultura pagã. Entretanto, sua preocupação com o combate ao arianismo e aos costumes pagãos, Atanásio deixou marcas no

Cristianismo de maneira a afetar o conceito de família, no que se refere à relação amorosa do casal, assim como o celibato. (QUASTEM, 2004; BERARDINO FEDALTO, SIMONETTI, 2010, MORESCHINI, 2013)

Basílio de Cesaréia (330-379), nascido na chamada idade de ouro da Patrística, também conhecido como São Basílio Magno, pai do monaquismo, faz parte dos chamados Padres capadócijs, que, segundo Frangiotti (in BASÍLIO DE CESAREIA, 1998, p. 9) são as referências mais elevadas da “patrologia grega oriental”, junto com seu irmão Gregório de Nissa e Gregório de Nazianzo. Tendo sua origem na alta aristocracia, abriram mão dos confortos e dedicaram-se à vida religiosa e ao cuidado com os mais necessitados.

Como Bispo combateu o arianismo, e uniu-se ao povo, com quem viveu muito próximo na miséria, pois abriu mão dos seus bens materiais que foram vendidos e o dinheiro distribuído entre os pobres. Defendeu a consubstancialidade do Espírito Santo com o Pai e o Filho e dedicou-se a ação social em defesa do povo empobrecido pelos altos impostos que lhes eram impostos, defendendo a igualdade de todos os homens diante de Deus e condenando a avareza e o luxo.

Construiu um hospital para atender os pobres e estrangeiros, vítimas de doenças e epidemias. Em sua Homilia do Evangelho segundo Lucas, falando do sofrimento do pobre, relata a absurda realidade de um pai de família que sofre a agonia de decidir se vende ou não um de seus filhos para poder comprar comida para os outros, mostrando como viviam os pobres de seu tempo. Em sua Segunda Homilia, no número 5 de A Origem do Homem, faz um interessante comentário a respeito da ordem divina de encher a terra:

5. “Deus os abençoou e lhes disse: ‘Crescei e multiplicai-vos, enchei a terra’” (Gn 1,28). Duplo crescimento: um, o do corpo, outro, o da alma. (...) Trilhando o caminho desta forma, o justo atinge as culminâncias do bem. “Crescei”, portanto, com o crescimento segundo Deus, crescimento segundo o homem interior. “Multiplicai-vos”. Esta bênção pertence à Igreja. A palavra de Deus não é circunscrita a um só lugar, mas seja anunciado o evangelho da salvação na terra inteira. “Multiplicai-vos”. A quem se refere a palavra? Aos nascidos segundo o evangelho. “Enchei a terra” (Gn 1,28). Enchei de boas obras o corpo que recebestes para estar a serviço. Os olhos se encham da visão dos deveres. A mão esteja repleta de boas obras. Os pés sirvam para visitar os doentes, prontos a partir para o cumprimento do dever. Todos os nossos membros, em seu conjunto, estejam repletos da prática das obras prescritas. Tal é o significado da ordem: “Enchei a terra”. Desta sorte, estas palavras se referem aos irracionais em geral; mas adquirem significado particular

quando são empregadas para os seres que foram criados à imagem de Deus, como temos a honra de ter sido. Os animais, de fato crescem corporalmente; quanto a nós, porém, crescemos espiritualmente; os animais enchem a terra pelo número, nós, contudo, fazemos crescer por atividades boas a terra a nós associada, quer dizer, os nossos serviços corporais. (BASÍLIO, 1998, pp. 65-66).

João Crisóstomo (345/349/354-407), vindo de família abastada, nascido em Antioquia na Síria, filho de um funcionário da administração civil do governo militar da Síria que morreria pouco tempo depois de seu nascimento. Sua mãe, Antusa, mesmo ainda jovem, aos vinte anos de idade, não casou-se novamente. Foi aluno do famoso retórico Libânio, foi também ouvinte do filósofo Andrágico. Contudo:

Rebelou-se contra quem bebia ensinamentos palavrosos, foi atraído pelos textos sagrados e frequentou a escola de Deodoro de Tarso. Batizado na época de Melécio, bispo de Antioquia, recebeu o encargo de leitor. Depois da morte da mãe, entregou-se à ascese por alguns anos nos arredores de Antioquia, primeiro sob a direção de um velho eremita, depois dedicando-se à vida solitária; a rudeza e as privações dessa experiência minaram-lhe a saúde, pelo que foi preciso retornar para a cidade.

Foi ordenado diácono em 381 e presbítero em 386 durante o episcopado de Flaviano, que lhe confiou a pregação. Nesse período em que exerceu o ministério sacerdotal a serviço da Igreja antioquena, até sua eleição para o episcopado de Constantinopla 397, João deu provas de suas grandes qualidades oratórias e compôs a maior parte de suas homilias, pelas quais se tornou justamente famoso. (BERARDINO, FEDALTO, SIMONETTI, 2010, p.1121)

Como Agostinho, oferece grande conteúdo escrito. Trata-se de alguém que recebe a alcunha de Boca de Ouro (Crisóstomo) por sua eloquência nas homilias. A base fundamental de suas pregações são as Sagradas Escrituras (SPANNEUT, 2013). Quanto à grandeza de sua obra literária, em nossa pesquisa pudemos revisar mais de três mil páginas. Para ser mais preciso, referindo-se somente aos volumes da Coleção Patrística da Editora Paulus, foram 3.452 páginas, onde foi possível verificar o olhar daquele que defende a perfeição da criação divina e, nela, a instituição do matrimônio com sua devida valorização.

Conforme Michel Spanneut (2002, p. 105): “Ele alimentava as almas, mas defendia também os corpos”. Era uma pessoa comprometida com os pobres e migrantes e “sustentado pela diaconisa Olímpia, cria casas de acolhimento para pobres, doentes estrangeiros” (SPANNEUT, 2002, p. 106), pois era “uma alma sensível devorada pelo amor a Deus e aos homens” (SPANNEUT, 2013, p. 108).

De fato, a melhor parte da herança literária do Boca de Ouro versa sobre as Escrituras, na tentativa de elucidar o sentido espiritual precedendo-o de atenta análise formal. João Crisóstomo utiliza o método da escola

antioquena de investigação exegética, que prioriza o sentido material do texto a fim de não iludir o ouvinte com interpretações alegóricas sem vínculo com a divina revelação. (RODRIGUES in JOÃO CRISÓSTOMO, 2007, p. 11)

Na contramão daqueles que defendiam o sofrimento como vontade divina, o antioqueno critica severamente as estruturas injustas da sociedade abastada de seu tempo que vivia sua luxúria em detrimento do cuidado com os pobres: “Em momento algum João Crisóstomo coloca a dor, a miséria ou o sofrimento como desejados por Deus: é a perseguição por causa da justiça a motivação da suprema bem-aventurança, pelos benefícios morais que proporciona” (RODRIGUES in JOÃO CRISÓSTOMO, 2007, p. 13). Em sua percepção abrangente do sentido de santificação, não tratou o laicato com desprezo:

João está longe de reservar a santidade aos solitários e às virgens que ele tanto exaltou. O ideal evangélico dirige-se a todos, em sua integridade: “É um erro monstruoso”, diz ele, “acreditar que o monge deve levar uma vida mais perfeita, ao passo que os outros não precisam se incomodar (...). Tanto as pessoas do mundo como os monges têm o dever de procurar atingir o cume da perfeição”. O estado matrimonial distingue os leigos, mas eles não são menos chamados às “bem aventuranças pregadas por Cristo”, “caso contrário isso seria a ruína do universo”. (SPANNEUT, in JOÃO CRISÓSTOMO, 2013, p.118)

Diferente da visão pessimista de muitos dos seus contemporâneos e antecessores com respeito ao matrimônio, João revela a grandiosidade e a abrangência de sua visão e interpretação das Sagradas Escrituras. As Bem Aventuranças (Mt 5,1-12; Lc 6,20-23) não excluem ninguém, na verdade dirigem-se ao excluídos.

Crisóstomo, por ter sua perspectiva embasada nas Sagradas Escrituras, percebe com clareza que para Deus não há diferenças entre os seres humanos e, que também os leigos devem buscar a leitura da Escritura: “estando mais expostos que os monges, eles têm mais necessidade dela; que preparem de modo especial a página do Evangelho que será comentada na assembleia. E que não venha alguém dizer que não tem tempo para isso” (SPANNEUT, 2013, p. 118).

Segundo Moreschini e Norelli (2007, p. 181), João Crisóstomo, enquanto exegeta lê o Antigo Testamento com viés mais cristológico e dá mais atenção ao Novo Testamento buscando nele mais os temas morais do que os espirituais. Para ele “Paulo é o modelo do perfeito Cristão, bem como do bispo ideal” (MORESCHINI, NORELLI, 2007, p. 181). Ou seja, sua visão de Igreja revela a preocupação e o

cuidado com os excluídos da sociedade. Como Paulo vai aos gentios, inicialmente excluídos da comunidade dos que seguem o Senhor.

O antioqueno também busca no Evangelho o mesmo cuidado com os excluídos pela sociedade e que foram acolhidos por Jesus. Cabe então uma questão importante: quem são os dignos de fazer parte do Reino de Deus? Para Crisóstomo em seu “Comentário às Cartas de São Paulo” (vol. 1), todos tem esse direito, desde que tenham em conta que para Deus todos são dignos.

Uma consulta às obras de São João Crisóstomo mostra não somente o seu apreço estupendo pelas epístolas paulinas, mas também que a *synkatábasis* (condescendência) está presente na ação criadora, nas teofanias, na *kenosis* (esvaziamento) da Encarnação, nos milagres, nos sacramentos e, particularmente no batismo e na Eucaristia. Em direção à Encarnação, expressão máxima da condescendência, eram orientadas as várias expressões que a própria condescendência teve ao longo da história da salvação, porque Deus não faz todas as coisas de uma só vez, mas se serve de sua condescendência em virtude da sua grande filantropia. No que tange à Encarnação, notemos a estreita relação da *synkatábasis* com a *kénosis* de Fl 2,6-8. Comentando o hino cristológico, S. João Crisóstomo afirma que o Filho de Deus, não recusando tomar a forma de servo, não recebeu perder a própria dignidade como fazem os homens e, com uma imagem, explica que o Filho não se apegou ciosamente à sua dignidade como um tirano, mas agiu como um bom rei que se mistura com os seus soldados. (SANTOS in JOÃO CRISOSTOMO, 2010 p. 17-18)

Sua visão a respeito da misericórdia divina mostra a face de um Deus que reconhece a precariedade da condição humana e, como pai e mãe quer estar com seus filhos o mais próximo possível para assim poder com eles relacionar-se e comunicar-se de acordo com suas limitações: “O conceito de condescendência implica uma descida ao nível inferior, uma adaptação à capacidade do outro” (SANTOS in JOÃO CRISOSTOMO, 2010, p. 21).

Ou seja, um ato de misericórdia que quer alcançar a todos: “Como um mestre com seus alunos, como os genitores que imitam o balbuciar de seus filhos, Deus desce ao nosso alcance” (SANTOS in JOÃO CRISOSTOMO, 2010, p. 22). Em meio a uma sociedade que esbanjava luxo e ostentação, não economizava críticas aos seus contemporâneos que de muitas maneiras exibiam suas posses, contudo, desprezando os necessitados:

E critica os cristãos que se entregam a inquéritos sobre os indigentes: “Eles são trapaceiros e ingratos? – Tu serás mais que recompensado recebendo-os em nome de Cristo”. Todos os miseráveis são o Cristo errante e nu. Em vez de ficar enfeitando suas mulas e seus cavalos, ou mesmo a igreja, é melhor ocupar-se do Cristo sofredor. “Este templo é mais augusto que

aquele”. E as páginas contundentes desfilam por dezenas: “Enquanto teu cão é empanturrado, Cristo morre de fome”. “Há sempre um lugar reservado aos carros e às carroças; mas para Cristo errante, nenhum”. (SPANNEUT, 2013, p. 126).

Os comentários aqui citados revelam-se sobremaneira atuais. Sem entrar em discussões a respeito com o devido cuidado com toda a criação, queremos observar nas críticas de São João Crisóstomo, algo que ainda carece de atenção, apesar de tanto tempo decorrente de sua fala.

A preocupação com demonstrações de status social, e ainda a preocupação excessiva em gastos com a construção de templos, não deixam lugar para que o ser humano empobrecido, ou que o “Cristo errante”³¹ possa fazer parte da assembleia que vai à igreja participar da Eucaristia.

Entretanto, cabe agora maior atenção nos comentários dele a respeito da dignidade das relações entre homem e mulher, da dignidade da família, bem como da dignidade de toda criação divina, como afirma seu comentário sobre o Da Providência Divina:

Diferentemente, dentre os maniqueus e outros hereges, uns disseram que a criação não é obra de um deus bom; outros, depois de ter-lhe tirado uma parte, atribuíram-na a uma matéria gerada espontaneamente e declararam-na indigna da ação criadora de Deus. Assim, apresso-me a asseverar, se empregar alguém raciocínios e reflexões irrefletidas, há de condenar muitas coisas evidentemente boas. (...).

(...) “Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom”. Por conseguinte, são inteiramente boas e úteis aquelas que acabo de enumerar. Desde então, conforme afirmei antes, devemos voltar incessantemente a esta palavra e repetir: Todas as coisas criadas por Deus são inteiramente boas. (JOÃO CRISÓSTOMO, 2007, p. 120-121).

O que deveria ser óbvio para todo cristão que, por origem deveria ter como alicerce de se sua fé a Escritura, precisa ser lembrado por ele para compreender que os conceitos utilizados por seus opositores, além de excluírem Deus de sua absoluta sabedoria, desmerecem também a consequência desta. Ao criador cabe a decisão do que é digno ou não. Se Deus cria, é impossível que crie para o mal. Ou então cairemos no dilema de Epicuro que, ao referir-se à questão da existência dos males, questiona:

Deus, ou quer impedir os males e não pode, ou pode e não quer, ou não quer nem pode, quer e pode. Se quer e não pode, é impotente: o que é impossível em Deus. Se pode e não quer, é invejoso: o que, do mesmo

³¹ Grifo nosso.

modo, é contrário a Deus. Se nem quer nem pode, é invejoso e impotente: portanto, nem sequer é Deus. Se pode e quer, o que é a única coisa compatível com Deus, donde provém então a existência dos males? Por que razão é que não os impede? (EPICURO, 1973, p. 28).

Parece que os opositores desconsideram o Deus que Jesus Cristo quer revelar no Evangelho. Quanto à pergunta deixada por Epicuro, João Crisóstomo, em suas homilias, se refere ao livre arbítrio como principal motivo da existência dos males. O mal, que não é opção divina, é resultado do egoísmo humano que, de maneira geral quer uma felicidade pessoal, declinando do cuidado com o outro. Para o egoísta, até Deus deve atender-lhe pessoalmente. Se seu ego está feliz com Deus, ele então será uma pessoa de fé. Nessa relação utilitarista com a divindade, o importante é a relação pessoal com Deus em detrimento do restante da humanidade e de toda criação. Se necessitamos de uma experiência pessoal com Deus, esta só terá sentido se nos conduzir ao serviço da humanidade.

A bondade de Deus é absoluta, assim como sua sabedoria. Relativizar isso seria relativizar tudo no que acreditamos, ou seja, entender que nossa fé teria sido construída sobre conceitos com referencial que exclui a mensagem das Sagradas Escrituras, o que colocaria em xeque o próprio conceito de religião revelada dado ao Cristianismo.

Para João Crisóstomo parece evidente que não se pode permitir isso. O reflexo da bondade e sabedoria divina será perceptível em suas criaturas. Para referir-se ao amor e o cuidado de Deus com sua criação, busca referência na relação amorosa entre mãe e filho:

No intuito de no-lo apresentar, a Sagrada Escritura propõe comparações extraídas das ações humanas, propõe numerosos exemplos de amor, de providência e de solicitude. Não quer que nos detenhamos nisso, mas que superemos esses exemplos pelo raciocínio. Mas são fatos bem conhecidos dos ouvintes e mais capazes do que os outros de demonstra-la. Quero dizer o seguinte. A alguns que certa vez se afligiam e lastimavam dizendo: “O Senhor me abandonou; o Deus de Israel se esqueceu de mim”, o profeta responde: “Por acaso uma mulher se esquecerá de sua criancinha de peito? Não se compadecerá ela do filho de seu ventre?” – isto é, se uma mulher não esquece de seus filhinhos, tampouco Deus se esquecerá do gênero humano. (JOÃO CRISÓSTOMO, 2007, p. 123).

Fazendo referência ao livro do Profeta Isaías 49, 14-15, ele quer mostrar que não somos filhos do acaso, ou coitados no meio da criação divina. Quer mostrar a humanidade em suas relações como referência ao amor do criador por suas

criaturas. Trata-se de um amor tido de maneira especial que supera inclusive o amor de mãe, aquele que entre nós humanos é referência de doação absoluta. Contudo, Deus nos ama muito mais, não pelo que temos, mas pelo que somos. Mesmo porque tudo lhe pertence. Também nas relações entre os noivos podemos encontrar a face apaixonada de Deus:

Foi novamente mais longe, apresentando exemplo profundamente expressivo, nestes termos: “Como a alegria do noivo pela sua noiva, tal será a alegria que Deus terá em ti”. Com efeito, é sobretudo no começo que estão cheios de ardor os que se amam. Assim se exprime, não a fim de pensares em algo humano – não me cansarei de repetir – mas para que, por meio destas palavras, notes o ardor, a autenticidade, a superabundância, a chama de seu amor. (JOÃO CRISOSTOMO, 2007, p. 126).

Pela reflexão a partir de Isaías 62,5, o autor faz analogia ao meio em que vive, pelas experiências imediatas, pelas relações existenciais, se torna possível compreender como Deus ama o ser humano que: “Foi unicamente por amor que nos chamou à existência e tudo isso, ele o fez por nossa causa” (JOÃO CRISOSTOMO, 2007, p.138). Interessante perceber que para Crisóstomo, o desejo de um pelo outro, ou o Eros não é tratado com preconceito, como também o Papa Bento XVI em seu Deus é Amor, número 10 reflete:

10. O eros (sic) de Deus pelo homem – como dissemos – é ao mesmo tempo totalmente ágape. E não só porque é dado de maneira totalmente gratuita, sem mérito algum precedente (...). O amor apaixonado de Deus pelo seu povo – pelo homem – é ao mesmo tempo um amor que perdoa. É tão grande, que chega a virar Deus contra Si próprio, o seu amor contra a sua justiça. (...) Deus é absolutamente a fonte originária de todo ser; mas este princípio criador de todas as coisas – o Logos, a razão primordial – é, ao mesmo tempo, um amante com toda paixão de um verdadeiro amor. Deste modo, o eros (sic) é enobrecido ao máximo, mas simultaneamente tão purificado que se funde com a ágape. (BENTO XVI, 2005, p. 10-11).

Em seu comentário à Carta de Paulo aos Romanos, na décima segunda homilia, procura esclarecer como o apóstolo faz analogias a partir do ser humano para fazer compreender as relações com a Lei e o Evangelho. Para Crisóstomo, o ser humano é o ponto de partida para compreender a vontade do Criador.

É a partir das relações humanas que teremos condições de compreender a relação com Deus, ou seja, pela analogia que, segundo Clodovis Boff “indica as comparações e as imagens que se tiram da natureza para representar os mistérios da fé” (BOFF, 2009, p.309) Para João Crisóstomo o elemento natural se revela no

ser humano como pressuposto para a analogia, como podemos ver a seguir no número 23:

(...) Suavizando as palavras, emprega um exemplo humano a fim de esclarecer. Aparentemente fala de um só argumento, mas propõe dois: um que, morto o marido, a mulher não está sujeita por lei ao marido, nem pode ser impedida de contrair outro casamento; o segundo, que não só morreu o marido, mas também, enquanto cônjuge, ela não existe mais, de sorte que a liberdade é dupla. Pois, morto o marido, ela fica liberada de seu poder, mas se ela de certo modo deixou de existir, está muito mais livre. Com efeito, pelo primeiro fato se libertou; mais ainda quando ambos concorrem (...). Mas em lugar do marido, põe a Lei, e no lugar da mulher o conjunto dos fiéis. (JOÃO CRISÓSTOMO, 2010, p.215-216)

Crisóstomo procura esclarecer a partir das relações humanas, como o cristão batizado, morto para a lei pode viver a liberdade que lhe é dada pelo batismo, ou seja, é a utilização da liberdade e da dignidade humana que serve de referencial para sua homilia.

É pela exegese bíblica que ele reflete as questões que o cercam, não buscando razões em seres mitológicos em suas perfeições, mas, na realidade humana e principalmente, neste caso, na relação entre marido e esposa. Em sua décima terceira homilia, ainda sobre a Carta aos Romanos afirma:

O corpo que se tornou mortal, necessariamente contraiu a concupiscência, a ira, a dor etc. e fazia-se mister grande sabedoria para não superabundarem em nós, e submergirem a mente no abismo do pecado. Aquelas paixões, no entanto, não eram pecado; e sim a imoderação, se fossem incontidas. Por exemplo (aduzindo a um deles), a concupiscência não é pecado; se, porém, é imoderada, e não se contiver dentro dos limites das leis matrimoniais, mas desejar a mulher do próximo, então será cometido um adultério, não devido à concupiscência, mas à imoderação. (JOÃO CRISÓSTOMO, 2010, p. 235).

A evidente preocupação com a desumanização e o respeito com os sentimentos humanos que devem ser mantidos nos limites do respeito ao outro, dão sentido mais profundo à relação entre os esposos. O desejo de um pelo outro no matrimônio não será pecado por estar no lugar certo. Sendo este lugar o matrimônio, o amor entre os esposos não pode ser considerado pecado, assim como o desejo de um pelo outro. Crisóstomo respeita os sentimentos humanos dando clareza de que o erro estará sempre no excesso, no abuso deles, ou seja, fora de seu estreito limite. Esse limite será ditado pela parcimônia, fruto da lei espiritual, o amor.

Sendo o amor a grande motivação para uma existência repleta de sentido, viver a humanidade com suas naturais sensações e sentimentos, tendo como

referência e baliza o amor, as relações humanas terão sua dignidade respeitada e vivenciada. Como seria possível considerar pecado aquilo que o Criador nos deu? Isto é, que não se generalize os frutos da criação divina de maneira negativa, como se fosse possível pensar que Deus errou de alguma forma em seu projeto criador. Isso só seria possível se tomar como referência as metafóricas divindades pagãs sujeitas à cobiça desenfreada e aos abusos por ela motivados. Mas, ao se referir a Deus, melhor seria o silêncio reverente diante do mistério divino. Em seu Amor, Deus nos cria para o amor e para amar.

Revela-se inadequado insistir na ideia de um matrimônio onde a esposa seria apenas um receptáculo da semente masculina, com a função de devolver-lhe um ser gerado sem desejo e apego. Sendo assim, a esposa estaria sendo menos respeitada que aquela que recebe dinheiro do cliente para dar-lhe um momento de prazer. Se alguém merece ser desejada e amada na relação, este serão sempre os esposos.

Toda a reflexão de João Crisóstomo a respeito da Carta aos Romanos evidencia-se pela perspectiva de defesa da humanidade criada por Deus a partir da Lei do Amor em detrimento da Lei humana criticada aí por Paulo, em virtude de ter como seu resultado a morte.

O ser espiritual e o ser carnal referem-se, para Crisóstomo, aqueles que vivem segundo a lei dos homens e aqueles que batizados devem viver segundo a lei do Amor de Deus. Ao comentar Romanos 8,13, Crisóstomo insiste que quando Paulo afirma que devemos fazer morrer as obras da carne, na verdade está se referindo às obras más e não as boas obras do corpo, aquela necessárias:

Observa que ele não trata da natureza do corpo, e sim das obras carnis? Não disse: Se, porém, pelo Espírito fizerdes morrer a natureza do corpo, vivereis, e sim: "As obras"; não, contudo, todas, e sim as más, o que é evidente pela sequência: Se o fizerdes, diz ele, vivereis. E como seria possível se fosse atinente às obras todas? Pois ver, ouvir, falar, andar são ações corporais; e se as extinguirmos, de modo algum viveremos, de sorte que sofreremos o castigo destinado aos homicídios. (JOÃO CRISÓSTOMO, 2010, p.263)

Fez-se necessário ao autor chamar atenção ao cuidado com a literalidade na interpretação do texto sagrado. Deve-se cuidar com todo tipo de fundamentalismo para que o texto bíblico não seja motivo de morte. A vida humana, conforme sua

integridade, a qual foi dada por Deus, merece o devido respeito. Comentando a Carta de São Paulo aos Gálatas, Crisóstomo faz severas críticas aos maniqueus:

Onde estão agora os que ousam se mutilar, e simultaneamente atraem para si a imprecação do apóstolo, condenando a obra de Deus, e aderem aos maniqueus? De fato, estes afirmam que o corpo é insidioso e de matéria má. Eles, de fato, por obras, oferecem pretexto àquelas opiniões perversas, empunhando um membro, qual insidioso inimigo. Por conseguinte, muito mais deviam cegar os olhos, porque através dos olhos penetra a concupiscência na alma. Mas, nem os olhos, nem membro algum é culpado, mas apenas a má intenção. (JOÃO CRISÓSTOMO, 2010, p.636)

Em sua vigésima homilia, no número 24, João Crisóstomo afirma que: “Nada tanto combina com nossa vida como o amor entre homem e mulher” (2010, p. 858). Apesar de estar inserido num mundo de cultura greco-romana, é nas Sagradas Escrituras que Crisóstomo busca base e inspiração para suas homilias. Em sua décima nona homilia, ao comentar a Primeira Carta de Paulo aos Coríntios, falando a respeito das questões que envolvem o matrimônio e a virgindade, refere-se ao necessário comum acordo entre marido e esposa quanto aos períodos de continência, onde não pode haver unilateralidade na decisão para tal opção (2010, p. 249-265), assim como a respeito de reconciliação do casal.

Sua visão revela-se na perspectiva da misericórdia divina e descarta a condenação quando afirma: “Porque há esperança que pelo matrimônio a parte perdida consiga a salvação” (2010, p. 255). Como também afirma que: “A impureza não se encontra no corpo dos casados, mas no livre arbítrio e nos pensamentos” (2010, p.256).

Para João Crisóstomo, a união entre homem e mulher, o matrimônio, a geração dos filhos e sua criação, são a confirmação ao mandado divino da criação e multiplicação. Os frutos do amor de um casal serão na vida deles, a presença abençoada do amor que gera e cuida.

Santo Agostinho, ou Aurélio Agostinho, nascido em Tagaste, na região africana da Numídia. Filho de Patrício, pequeno proprietário de terras, de origem pagã que só se converteu ao Cristianismo no fim de sua vida. Entretanto, sua mãe, Mônica era uma cristã fervorosa.

Agostinho, diferentemente de João Crisóstomo, trata o Matrimônio de certa maneira como se fosse um mal necessário à existência humana. Como

anteriormente citado, apesar de combater o Maniqueísmo, acaba trazendo em suas palavras alguns pontos que comungam com os maniqueus. Apesar disso, traça em seus textos muitas das mais belas expressões a respeito do tema. Entretanto, quase sempre finaliza seu raciocínio de maneira a menosprezar o Matrimônio em relação com o celibato.

Por mais que se esforce em buscar em Santo Agostinho (em *Dos Bens do Matrimônio*) um sentido constante que nos permita ler em suas palavras o discernimento a respeito da pureza do matrimônio e das relações entre esposo e esposa, ele logo nos surpreende afirmando que “O concúbito é necessário para a procriação, e só neste caso é verdadeiramente nupcial. Quando ultrapassa esta finalidade, não é um ato racional, é libidinoso” (AGOSTINHO, 2015, p. 43)³².

Em seu texto *A Graça e a Liberdade* (1999, p. 31-32), Agostinho voltará a se referir a respeito da castidade conjugal insistindo na regra da relação sexual entre esposa e esposo somente se tiver a intenção de gerar filhos e, ainda afirma que não basta o livre arbítrio para que o ser humano não caia em tentação, se “o Senhor não favorecer a vitória ao que ora” (AGOSTINHO, 1999, p. 33), já na obra *O Livre Arbítrio* 11,21c, afirma: “Portanto não há nenhuma outra realidade que torne a mente cúmplice da paixão a não ser a própria vontade” (AGOSTINHO, 2004, p. 52); temos aqui afirmações que apesar de pertencerem a textos diferentes, revelam seu cuidado com o pelagianismo³³. Mas, também mostram novamente um pessimismo com respeito ao ser humano; seria recaída ou a diferença do momento o torna mais radical? Não sabemos.

Todavia, quando se revela esta face de Agostinho, a opinião de Juliano ganha força. Se verificarmos em *O Livre Arbítrio*, nos parece paradoxal sua afirmação quando diz que “Deus não pode praticar o mal” (AGOSTINHO, 2004, p. 25). Se deus criou a natureza humana, como pode ser ela considerada má? Poderia Deus, ao

³² Segundo o Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais, Libidinoso vem da libido do latim *libet* que significa: agrado, prazer. Para a psicanálise é apenas o desejo ou energia sexual. Ou seja, está ligado ao desejo de prazer.

³³ Conforme referido anteriormente na página 65: “Pelágio desenvolve seu pensamento afirmando que “os homens se salvam primeiro pela natureza, depois pela lei, finalmente, por Cristo, como se aos homens das duas primeiras etapas (...) não fosse necessário o sangue de Cristo” (RUIZ DE LA PEÑA, 1997, p. 114).

criar o ser humano, introduzir nele uma armadilha de autodestruição ou de desgraça, como algo que daria a Deus o direito de castigá-lo? Como disse Epicuro, acima citado, sendo assim não seria Deus.

Na obra intitulada *A Continência* (II), Agostinho continua prevenindo seus fiéis com respeito à natureza humana quando exprime sua opinião a respeito da concupiscência que chama de má: “A continência não labutaria contra os desejos se não tivesse neles algo que impede que sejamos livres, e se não ganhasse nada para o nosso bem nessa luta contra a concupiscência má” (AGOSTINHO, 2013, p.192).

No mesmo texto, no número VIII, 19, reforçando o sentido de dualidade entre corpo e alma diz que: “A carne não deseja nada sem a mediação da alma; mas a carne luta contra o espírito quando a alma, através da concupiscência carnal, luta contra ele” (AGOSTINHO, 2013, p.214), e ainda na mesma obra (VIII,21), confirma seu pensamento dualista dizendo que: “Estamos certos de que a carne luta contra o espírito, porque nenhum bem habita em nossa carne e porque a lei dos nossos membros luta contra a lei de nossa mente” (AGOSTINHO, 2013, p.217).

Enfim, seus fundamentos e comentários são sempre os mesmos ao condenar os desejos e as paixões humanas. Na obra *A Santa Virgindade*, seu principal fundamento está na Primeira Carta aos Coríntios 7,28 onde o Apóstolo afirma: “Todavia, se te casares, não pecarás; e se a virgem se casar, não pecará. Mas essas pessoas terão tribulações na carne; eu vo-las desejaria poupar”. Segundo Agostinho, o que Paulo quer dizer com suas palavras se dá no sentido de “exortar à virgindade e à continência perpétua” (AGOSTINHO, 2013, p.116). Contudo Cothnet (1984, p. 73) afirma que:

Mas, dirá alguém, Paulo desvaloriza a sexualidade ao enaltecer inconsideradamente o celibato (1Cor 7). Para compreendermos este capítulo difícil, devemos levar em conta duas tendências que se defrontavam em Corinto: uma exaltava a virgindade e desprezava o matrimônio; a outra pensava que tudo era permitido. Que surpresa para o historiador constatar na Corinto de Afrodite este inesperado entusiasmo pela castidade! Reação suscitada pelo Espírito da Nova Aliança contra a escravidão dos sentidos. Na sua expectativa da parusia próxima, na sua experiência da vida consagrada inteiramente ao evangelho, Paulo fala com fervor da virgindade, mas reconhece plenamente a legitimidade do matrimônio, o qual será condenado, sim, mas por hereges.

Maurice Carrez, em seu trabalho sobre a Primeira Carta aos Coríntios (1993,p. 36), indica que há outros detalhes importantes a respeito das afirmações de Paulo em Coríntios 7,8.

Paulo não chega a dizer que há uma vocação ao matrimônio como há uma vocação para o celibato, mas é certamente seu pensamento. Os que vivem no matrimônio devem descobrir sua união como graça.

“Digo, pois, a todos os homens que são sem mulher que é bom ficarem como eu.” Em grego, *agamos* designa aquele que foi casado e está sem cônjuge: separado, divorciado, viúvo. O celibato é designado com o termo de virgem, *parthenos*, tanto o homem (7,25) como a mulher (7,28). A viúva é chamada *kheira*: “privada de (marido)”.

Para X. Léon-Dufour, sem dúvida nenhuma Paulo foi casado, uma vez que não se apresenta como exemplo para as pessoas virgens, mas para os que são sem mulher. Para P. H. Menoud, Paulo vivia separado de sua mulher, que tinha permanecido fiel à lei judaica. É a tese do privilégio paulino (7,12-12). Para J. Jeremias, Paulo se teria casado como todos os rabinos e teria enviuvado. A 1Cor 9,5 mostra que, como os outros apóstolos, Paulo poderia ter levado consigo sua mulher em suas peregrinações. Pensamos que ele era viúvo, do contrário nãoalaria como o faz em 7,10-14³⁴.

Para Norbert Baumert, em sua obra *Mulher e Homem em Paulo*, isso não procede. Para Baumert (1999, p. 88-89), o Apóstolo não faz afirmações isoladas da realidade, mas responde aos questionamentos dos membros convertidos de sua comunidade, cuja qual, antes de se tornarem cristãos adoravam a deusa Afrodite como todos os coríntios. Segundo o autor:

A restrição em 7,28c vai noutra direção. “Aflição pela carne” não significa que o casamento seja algo “carnal” (pecaminoso) (para os cristãos, ele surge de um carisma); “carne” também não significa algo como tentações sexuais, mas relaciona-se com o “estreitamento” no v. 26: a necessidade e a estranheza neste mundo, comum a todos os cristãos, é experimentada mais fortemente pelas pessoas casadas, porque elas mais fortemente defrontam as pressões do “mundo” ainda não redimido. (BAUMERT, 1999, p.89).

Nas mais de 400 páginas de sua obra Baumert reflete sobre o contexto das afirmações de São Paulo, de maneira a esclarecer que não se trata de afirmações que desumanizam o ser humano, mas, que, no seu ponto de vista, o apóstolo, em cada afirmação tenta responder às questões imediatas, trazidas por seus membros ainda novatos do Cristianismo. Trata-se de outros povos que não conheciam a cultura judaica e, que, de certa forma se inserem nela através do Apóstolo e seus ensinamentos.

³⁴ Apesar de Carrez citar alguns autores em seu texto, não há no livro, nº 56, que faz parte da coleção *Cadernos Bíblicos*, Edições Paulinas, o registro da bibliografia utilizada em sua escrita.

Em outro momento de A Santa Virgindade, capítulo 23, número 23, Agostinho lança mão de dois textos bíblicos para justificar seu pensamento, sendo eles o Evangelho segundo Mateus, 19,10-12 e o Livro do Profeta Isaías 56,5, onde se refere aos eunucos. São duas situações diferentes; no livro de Isaías, segundo a obra Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento (BROWN, FITZMYER, MURPHY, 2007, p. 690) o texto trata a respeito do acolhimento de estrangeiros no culto do templo, bem como dos próprios israelitas que, ao serem castrados para trabalharem nos haréns estabelecidos em Israel e fora dele, pois anteriormente a isso, a presença desses eunucos na assembleia seria impróprio pelo fato de serem privados do poder de transmitir a vida. Sendo assim, os eunucos na verdade, foram incluídos na comunidade, apesar de não se apresentarem como deveria ser um israelita. Trata-se da inclusão de quem anteriormente era excluído devido a ao fato de ser eunuco.

O texto de Mateus afirma: Com efeito, há eunucos que nasceram assim, do ventre materno. E há eunucos que foram feitos eunucos pelos homens. E há eunucos que se fizeram eunucos por causa do Reino dos Céus (Mt 19, 12). Segundo o Comentário do Novo Testamento da Editora Ave Maria que tem como comissão editorial Santiago Guijarro e Miguel Salvador Garcia, com tradução de Alceu Luiz Orso (2006,p. 86):

É provável que em sua origem essas palavras de Jesus responderiam a um insulto que seus adversários dirigiam a ele e aos seus discípulos. Eram chamados eunucos, porque não haviam formado uma família ou a haviam abandonado (cf. Mt 4,18-22; 8,21-22). Os eunucos eram pessoas incapazes de procriar e, portanto, incapazes de formar uma família. Utilizada como insulto, a palavra era ofensiva, porque ridicularizava uma carência muito notável naquela cultura. Jesus aceita o apelativo, mas lhe dá um sentido positivo e uma motivação: existem alguns que decidem não casar-se ou abandonam a família por causa do Reino. Na perspectiva de Mateus, é muito provável que essas palavras serviram para confirmar aqueles que haviam optado pelo celibato, a exemplo de Jesus.

Trata-se de outro texto com a intenção de incluir um grupo que era tratado com preconceito pelo judaísmo e não como referência de regra, pois, para os judeus um homem que não se casa é comparado a um ladrão e vagabundo, conforme o Livro de Eclesiástico 36,28 que afirma: “Quem confia num ágil ladrão que salta de cidade em cidade? Assim é o homem a quem falta ninho: repousa onde a noite o surpreende”. Provavelmente por esse motivo eram atacados Jesus e seus seguidores, como acima citado.

Pelo que foi possível verificar, o celibato do próprio Jesus se dá por seu compromisso com o Reino de Deus. Entretanto, ele não se manifesta de nenhuma forma contra o matrimônio; na verdade defende sua indissolubilidade. Ainda em Solilóquios, no Capítulo X, intitulado Amor as Coisas Corporais e Exteriores, Agostinho afirma: “decidi que nada devo evitar tanto como a coabitação conjugal” (AGOSTINHO, 1998, p. 37).

Em seu tratado sobre a Carta aos Romanos e também a Carta aos Gálatas, diversas vezes se manifesta com relação às paixões e desejos do corpo, como sendo pecaminosas, ainda que podendo serem purificadas por um matrimônio casto, assim como quando fala em seu trabalho a respeito da continência, ou seja, em cada trabalho de Agostinho poderemos encontrar alguma referência ao seu ponto de vista negativo com respeito ao matrimônio. Quanto à sua exegese, Roque Frangiotti, na introdução do primeiro tomo da tríplice obra Comentário aos Salmos, da Editora Paulus(nº 9/1) (2011, p.19), afirma que:

Sua exegese não é extraordinária. Não vai além dos moldes da exegese de seu tempo, carregada sempre da dupla influência de sua formação escriturísticas: do maniqueísmo e de Ambrósio. Seus comentários não são, por isso obra de especialista nem dirigidos a especialistas. Agostinho, portanto, não elabora obra de cientista bíblico, mas de pastor que visa diretamente alimentar o seu rebanho. Sua tarefa consistia em fazer ver, ao homem pecador, desesperançado, filho de um império que ruía, a possibilidade da salvação.

Para Júnior e Costa que fazem a introdução ao trabalho de Agostinho sobre A Continência, no tomo 32 da coleção Patrística da Editora Paulus (2013, p. 185), ele “estabelece uma estreita relação entre vida religiosa-sacerdotal e a continência (celibato)”. Ainda que seja assim, seria uma maneira de diminuir diante da misericórdia divina, o alcance da graça por parte daqueles que não fazem parte do clero.

Será possível verificar em suas Confissões muito dos motivos de seu ponto de vista a respeito do matrimônio. Ao converter-se, precisou abrir mão do que seria talvez a sua maior fraqueza, e a partir disso passa a desprezar a condição humana como se fosse algo que lhe fizesse inferior diante da graça divina.

Evidentemente, Agostinho deixou um legado imenso para a Igreja, e, nesse legado encontram-se as mais belas palavras e textos, que elevaram a cultura cristã

de maneira diferenciada. Contudo, como foi possível verificar neste necessariamente, curto espaço a respeito do que escreveu o Doutor da Igreja a respeito do matrimônio, uma visão pessimista e desacreditadora do valor da construção de uma família, berço da vida humana e instituição divina (Gn 2).

7.3. CONSIDERAÇÕES

Foi possível verificar a grande diversidade de pontos de vista que colaboraram com a formação de conceitos que fundamentam o pensamento da Igreja a respeito deste tema. Para alguns, a relação sexual do casal não pode ser banalizada, mas para outros, trata-se somente de um ato libidinoso.

Cada autor expôs aquilo que sua realidade e sua história de vida construíram em sua existência. Contudo, na atualidade os casais se compreendem de maneira diferente, mesmo em função de muitas mudanças culturais que ocorreram ao longo do tempo. A todo o momento os homens, mulheres e crianças estão expostos a um ambiente repleto de símbolos, sons, cheiros e outros tantos apelos sexuais que fazem parte do mundo capitalista. Tudo isso acaba influenciando sobremaneira as relações, e, no meio disso estão os casais que assumem o matrimônio.

As mudanças de paradigma são necessárias à evolução da humanidade. Contudo, delas não pode ocorrer uma desvalorização daquilo que é mais precioso e belo, isto não diz respeito a alguma espécie de conservadorismo, mas a respeito ao cuidado com aquilo que une um casal, assim como a dignidade deles na decisão da construção de sua família de maneira que não se gere alguém para dividir miséria e sim vida digna.

8. A CRIAÇÃO É BOA: O FILHO É UMA BENÇÃO

Neste tema será abordado a questão a respeito dos filhos serem bênção divina e a bondade da criação. A pesquisa bibliográfica mostra que para os Padres da Igreja os filhos são consequência direta do matrimônio e o bom fruto deste. A pesquisa de campo mostra resultados importantes para a atualização destes conceitos, diante da realidade vivida pela maior parte das famílias entrevistadas. Será possível verificar que o conceito de bênção permanece, apesar de que não

mais se referindo à quantidade de filhos devido às diferenças entre o período da Patrística e a atualidade das famílias.

A bênção enquanto concessão divina comunica os bens que favorecem a vida e a salvação, estando também ligada à paz, à felicidade, à vida e ao amor (LACOSTE, 2004). Sendo assim, se os filhos são uma bênção, estarão também carregados da responsabilidade por parte dos pais no que diz respeito ao cuidado com tão precioso presente. Para os entrevistados tal responsabilidade não se revela de maneira negligenciada, e sim seriamente envolvida com os problemas que sua realidade imediata lhes impõe.

8.1. RESULTADOS

Será possível verificar a partir das tabelas que este tema lança mão, dados interessantes que evidenciam a autonomia necessária destas pessoas na hora de decidir sobre a geração dos filhos ou não, mesmo que a maioria ainda considere os filhos como bênção de Deus. A tabela abaixo revela uma importante presença do entendimento dos filhos como bênção de deus com algumas variações.

Na tabela 9, apesar de ter a menor representatividade em termos de quantidade, percebe-se que do total dos entrevistados (2196), 10 deles consideram os filhos como um peso, ou seja, um incômodo, algo que dificulta sua vida. Somam-se a eles outros 22 entrevistados que consideram os filhos como um obstáculo, algo que cria dificuldades em sua vida. Isto revela que para 1,5% dos entrevistados, os filhos não são bem-vindos por serem considerados por eles como fatores que geram dificuldades em suas vidas.

Tabela 9 Compreende os filhos como

Valores	Frequência	Porcentagem
Peso	10	0,5
Obstáculo	22	1,0
Algo natural	160	7,3
Um privilégio	123	5,6
Bênção de Deus	1834	83,5
NR	47	2,1
Total	2196	100,0

Fonte: Autores 2020.

Para 160 entrevistados (7,3%), os filhos são considerados como algo natural. Os filhos seriam então o resultado natural da relação entre o casal, uma consequência normal da relação entre os esposos. Por um lado, é possível considerar que se trata de um planejamento prévio de um casal que quando decide se unir, compreende que naturalmente o resultado disso serão os filhos, o que poderia estar revelando uma identificação do casal com o que diz a Igreja a respeito do matrimônio. Por outro lado, pode estar revelando uma face conformada com a situação. Para dizer melhor, pode tratar-se de uma perspectiva que compreenda que está incluso na relação a consequente geração dos filhos.

Para outros 123 entrevistados (5,6%), os filhos são considerados um privilégio, algo que não é possível para todos. Isso pode estar revelando uma consciência a respeito das reais dificuldades de se gerar e criar filhos perante os diversos fatores que se impõem ao casal na atualidade, ou alguma frustração diante da impossibilidade de engravidar. De qualquer forma, os dados revelam que não se trata de algo corriqueiro, mas uma ocasião especial na vida do ser humano.

O resultado mais relevante da tabela 8 revela no reconhecimento dos filhos uma benção de Deus, onde 1834 pessoas (83,5%) concordam com esta opinião. A pergunta feita no questionário possibilitou verificar a forte influência religiosa na resposta dos entrevistados. Entretanto, pode-se considerar que uma benção divina traz implicitamente uma grande responsabilidade. Apesar de não poder supor que isto esteja claro para os entrevistados, pode-se compreender que trata-se de um presente vindo da vontade divina.

Contudo, com respeito à vontade divina, é possível considerar que o casal teria a possibilidade de decisão a respeito de sua aceitação? Isso dependerá do conceito que cada um tem a respeito da relação entre o Criador e a criatura. Porém, revela-se aí uma grande sintonia com o pensamento da Igreja com relação à função “procriativa” do matrimônio, ou seja, a geração dos filhos³⁵.

A próxima tabela faz um cruzamento de dados que permitirá avaliar se, apesar de se ter a consciência de bênção divina, como ocorre a opção por métodos contraceptivos.

³⁵ Conf. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* do Concílio Vaticano II.

Tabela 10 – Cruzamento de dados: ‘A religião influenciou na escolha do método contraceptivo’ como ‘Compreende os filhos como’

		<u>Compreende os filhos como:</u>						
VALORES		Peso	Obstáculo	Algo natural	Um privilégio	Bênção de Deus	NR	Total
zero	N	8	14	101	82	1169	24	1398
	%	0,6%	1,0%	7,2%	5,9%	83,6%	1,7%	100,0%
1	N	1	4	19	5	115	1	145
	%	0,7%	2,8%	13,1%	3,4%	79,3%	0,7%	100,0%
2	N	0	1	18	13	139	0	171
	%	0,0%	0,6%	10,5%	7,6%	81,3%	0,0%	100,0%
3	N	0	1	7	10	84	4	106
	%	0,0%	0,9%	6,6%	9,4%	79,2%	3,8%	100,0%
4	N	1	0	7	7	248	9	272
	%	0,4%	0,0%	2,6%	2,6%	91,2%	3,3%	100,0%
NR	N	0	2	8	6	79	9	104
	%	0,0%	1,9%	7,7%	5,8%	76,0%	8,7%	100,0%
Total	N	10	22	160	123	1834	47	2196
	%	0,5%	1,0%	7,3%	5,6%	83,5%	2,1%	100,0%

Fonte: Autores 2020.

Dos 2196 entrevistados, 1398 deles afirmou que a influência religiosa não interferiu absolutamente na escolha do método contraceptivo, mesmo que dentre eles 1169 considerem os filhos uma bênção de Deus. Entretanto, 694 pessoas assumem alguma influência da religião nessa escolha.

O contraste revelado pela pesquisa destaca de um lado a aceitação dos filhos como bênção e de outro a consciência autônoma no que diz respeito aos métodos de contracepção, o que de certa forma é preocupante no sentido de que a variedade de métodos contraceptivos pode incluir efeitos abortivos.

Obviamente que os dados não revelam a utilização do aborto como método contraceptivo, e muito menos é possível afirmar que eles ocorrem entre os entrevistados. Em virtude disso, a proposta de planejamento da parentalidade se revela como mais adequada por preocupar-se com a vida da criança desde antes dela ser gerada.

8.2. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS À LUZ DA PATRÍSTICA

Cabe agora verificar à luz da Patrística o reflexo do que revelam os dados da pesquisa. Foi a partir das reflexões dos Padres da Igreja que se formaram os

conceitos que chegam a nós na atualidade. Cada qual em seu tempo, em seu contexto histórico, procurou responder às questões que exigiam por parte deles uma resposta a partir do pensamento da Igreja. Como o tema é objetivo, não se encontram em um grande número de Padres reflexões referentes a ele. Contudo, a pesquisa traz importantes nomes que, direta ou indiretamente fazem alguma alusão ao tema, a começar com São Basílio.

Basílio de Cesaréia (330-379), Em sua Homilia do Evangelho segundo Lucas, falando do sofrimento do pobre, relata a absurda realidade de um pai de família que sofre a agonia de decidir se vende ou não um de seus filhos para poder comprar comida para os outros, mostrando como viviam os pobres de seu tempo. Em sua Segunda Homilia, no número 5 de A Origem do Homem, faz um interessante comentário a respeito da ordem divina de encher a terra:

5. “Deus os abençoou e lhes disse: ‘Crescei e multiplicai-vos, enchei a terra’” (Gn 1,28). Duplo crescimento: um, o do corpo, outro, o da alma. (...) Trilhando o caminho desta forma, o justo atinge as culminâncias do bem. “Crescei”, portanto, com o crescimento segundo Deus, crescimento segundo o homem interior. “Multiplicai-vos”. Esta benção pertence à Igreja. A palavra de Deus não é circunscrita a um só lugar, mas seja anunciado o evangelho da salvação na terra inteira. “Multiplicai-vos”. A quem se refere a palavra? Aos nascidos segundo o evangelho. “Enchei a terra” (Gn 1,28). Enchei de boas obras o corpo que recebestes para estar a serviço. Os olhos se enchem da visão dos deveres. A mão esteja repleta de boas obras. Os pés sirvam para visitar os doentes, prontos a partir para o cumprimento do dever. Todos os nossos membros, em seu conjunto, estejam repletos da prática das obras prescritas. Tal é o significado da ordem: “Enchei a terra”. Desta sorte, estas palavras se referem aos irracionais em geral; mas adquirem significado particular quando são empregadas para os seres que foram criados à imagem de Deus, como temos a honra de ter sido. Os animais, de fato crescem corporalmente; quanto a nós, porém, crescemos espiritualmente; os animais enchem a terra pelo número, nós, contudo, fazemos crescer por atividades boas a terra a nós associada, quer dizer, os nossos serviços corporais. (BASÍLIO, 1998, pp. 65-66).

Basílio evidencia a importância do cuidado com a criação a partir da dignidade dada por Deus ao ser humano, cuidador dela, de maneira a se perceber como semeadores de boas obras e de atividades que construam um mundo onde a criação divina não é objeto de consumo e sim o lugar onde o ser humano compre o mandado divino.

Quando dirige-se aos jovens, reforça a necessidade de aprofundar os estudos, porém com o devido cuidado para que aquilo que não faz parte das virtudes cristãs, não afete negativamente a mente dos jovens estudantes.

Entretanto, a liberdade na busca do conhecimento se faz necessária para o bom desenvolvimento dos estudantes.

O estudo dos escritores antigos pode ser proveitoso se for elaborada uma boa seleção das obras dos poetas, historiadores e retóricos, excluindo-se tudo que puder ser perigoso para as almas dos estudantes. Parece preocupar-se unicamente da vida moral dos leitores, mas não tem preocupações com sua fé. Nesta classe de literatura se deveria buscar o mel e evitar o veneno. Desta maneira, os jovens cristãos de Cesaréia podiam encontrar muitos exemplos de virtude em Homero, Hesíodo, Teognites, Sólon e Eurípedes: nos filósofos, sobretudo em Platão, a quem cita várias vezes. A exortação está escrita com um apreço extraordinário dos valores permanentes do saber helenístico; Sua atitude aberta tem exercido uma enorme influência na postura da Igreja ante a tradição clássica. Basílio está plenamente convencido das vantagens de uma erudição que combina a verdade cristã com a cultura tradicional: <<O fruto da alma é, primordialmente, a verdade; porém, revestida de sabedoria externa não deixa de ter mérito, dando ao fruto uma espécie de folhagem que o envolve dando-lhe um aspecto que não será feio de maneira alguma>> (175). (QUASTEN, 2004, p. 236)

Sua visão a respeito da filosofia grega não se distorce por preconceitos, ou excessivos cuidados com relação ao conteúdo, como possivelmente seria o caso de obras como O Banquete anteriormente citado. Entretanto, alerta para que os estudantes saibam discernir nas leituras aquilo que distorce a moral cristã. Quanto a não se preocupar com respeito aos efeitos de tais leituras na fé dos jovens, isto se dá muito provavelmente por sua proximidade com sua comunidade.

Basílio de Cesareia merece muitas páginas a mais do que neste trabalho cabem, devido ao necessário recorte. Contudo, o que se percebe nas suas preocupações com as famílias e suas dificuldades, bem como com o descuido dos ricos a respeito das virtudes cristãs, e sua atenção com a boa formação dos jovens, oferece muitas luzes a respeito do tema da família e o que lhe afeta. Ao se manifestar a respeito de temas como a dor dos pais que não tem condições de criar seus filhos, assim como os abusos das estruturas sociais injustas, Basílio mostra-se como um forte representante dentro das reflexões a que este trabalho se propõe. (QUASTEM, 2004; BASÍLIO, 1998; BOGAZ, COUTO, HANSEN, 2008; MORESCHINI, 2013; BERARDINO, FEDALTO, SIMONETTI, 2010; BOEHNER, GILSON, 2009; REALE, ANTISERI, 2003; LENZENWEGR ET ALL, 2006; BESEN, 2012; SPANNEUT, 2013; MORESCHINI, NORELLI, 2007)

João Crisóstomo (345/349/354-407), vindo de família abastada, nascido em Antioquia na Síria, filho de um funcionário da administração civil do governo militar

da Síria que morrera pouco tempo depois de seu nascimento. Sua mãe, Antusa, mesmo ainda jovem, aos vinte anos de idade, não se casou novamente. Foi aluno do famoso retórico Libânio, foi também ouvinte do filósofo Andrágico.

Crisostomo tem como fundamento de suas reflexões principalmente as Sagradas Escrituras. É a partir do relato bíblico que ele encontra razões para seu modo de viver e conduzir sua comunidade de fé, cuja qual era cercada da realidade contraditória que sempre afetou a humanidade assim como em seu tempo afetava gravemente a Igreja onde os ricos desfrutavam de seus luxos enquanto os pobres suportavam a miséria.

Crisóstomo chama a atenção para o fato de que no Antigo Testamento, a Bíblia revela, através do relato da vida dos patriarcas, como Deus se dirige ao ser humano também enquanto família desde o início com Adão e Eva e depois com Abraão e sua esposa Sara a partir de seu filho Isaac. As doze tribos de Israel são formadas pelos filhos de Jacó, que passa a se chamar Israel. Ou seja, diferente do mundo grego onde era comum o descarte de filhos por motivos diversos³⁶, para os patriarcas e conseqüentemente seus descendentes, a família com seus filhos, frutos da benção divina se manifesta com absoluta presença da benção de Deus.

O relato bíblico da vida dos patriarcas é uma narrativa brilhante tanto da família quanto da nação. Seu poder emocional advém do fato de ser um registro das batalhas profundamente humanas de pais, mães, maridos, esposas, filhas e filhos. De certa forma, trata-se de uma típica história de família, com todas as suas alegrias e tristezas, amor e ódio, engano e astúcia, tempos de fome e de prosperidade. Trata-se também de uma história universal, filosófica, sobre a relação entre Deus e a humanidade; sobre devoção e obediência; sobre certo e errado; sobre fé, piedade e imoralidade. É a narrativa de Deus elegendo uma nação; de Deus fazendo uma promessa eterna e terrena, prosperidade e crescimento. (FINKELSTEIN, SILBERMAN, 2018, p. 37).

Em defesa da criação divina, João Crisóstomo mostra que o pecado, a impureza, a imundice, não se encontra no matrimônio e na relação entre marido e esposa. Essas coisas fazem parte da má consciência humana e de sua visão distorcida que não lhe permite ver a pureza do que Deus criou. Essa atitude perversa que destrói o que é puro por pré-conceitos afasta o ser humano de Deus, como em Atos dos Apóstolos 10,9-16, onde Pedro em estase contemplava uma

³⁶ Ver História da Vida Privada: do Império Romano ao Ano mil, Or, Paul Veyne – Organizador. Companhia das Letras, 1985.

visão onde Deus lhe chama atenção por seu preconceito legalista dizendo-lhe: “Ao que Deus purificou, não chames tu de profano” (At 10,15), Crisóstomo quer chamar a atenção para o cuidado com essa mesma atitude diante do matrimônio.

Ao comentar a Primeira Carta a Timóteo, em sua nona homilia, João Crisóstomo aconselha que os filhos sejam conduzidos ao matrimônio ainda jovens, para que não cedam às tentações de sua idade (2013, p.79); quanto à preocupação com o futuro dos filhos, afirma:

Preocupamo-nos com deixar-lhes propriedades, não com eles próprios. Vês que coisa absurda? Exercita-lhe a alma, e o restante virá depois. Se a alma não estiver bem, para nada servirá o dinheiro; ao invés, se honesta, a pobreza não a lesará. Quer deixa-lo rico? Ensina-lhe a honestidade. (JOÃO CRISÓSTOMO, 2013, p. 80).

Com estes esclarecimentos, poderemos então adentrar nos conceitos agostinianos, para a devida análise criteriosa de sua obra no que se refere à família, ao matrimônio, as relações humanas e suas implicações.

Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho, ou Aurélio Agostinho, nascido em Tagaste, na região africana da Numídia. Filho de Patrício, pequeno proprietário de terras, de origem pagã que só se converteu ao Cristianismo no fim de sua vida. Agostinho: “Na adolescência abandonou-se a uma vida um tanto desenfreada e, aos 17 anos de uniu-se estavelmente a uma mulher, da qual teve um filho de nome Adeodato” (BERARDINI, FEDALTO, SIMONETTI, 2010, p. 67), o que certamente marcou seu pensamento quanto à seriedade da constituição de uma família. No capítulo 1 de Os bens do matrimônio, número 1, ele afirma:

Cada homem é uma parte do gênero humano, e a natureza humana é sociável e encerra em si um bem excelente e natural, que força à amizade. Assim, quis Deus que todos os homens procedessem de um só, a fim de que na sua sociedade estivessem ligados entre si, não só pela semelhança da natureza, mas também pelos laços do parentesco. A primeira sociedade foi constituída por um homem e uma mulher. Deus não os criou separadamente, unindo-os depois como dois estranhos. Do homem tirou a mulher, manifestando assim a força da união no lado, do qual foi extraída a forma da mulher (Gn 2,21). Pelos lados se unem dois que caminha juntos, e se dirigem ao mesmo ponto. Os filhos vêm estreitar os laços desta sociedade, e são fruto honesto, não da simples união, senão da união carnal do homem e da mulher. Ainda sem a união carnal, poderia dar-se entre os dois sexos uma união amical e fraterna, na qual o homem fosse o dirigente e a mulher obsequiosa e obediente. (AGOSTINHO, 2015, p. 29).

Percebe-se nas palavras de Agostinho em Os bens do matrimônio, a criação divina preenchida do espírito de amor mútuo, o que ele se refere como amizade. Ele

fala de uma união original e abençoada pelo criador, dando ênfase ao fato de que essa relação não se dá com um estranho e sim com quem por Deus foi criado para estarem sempre unidos, caminhando juntos, lado a lado com o mesmo objetivo, tendo como fruto a geração dos filhos, resultado da união carnal dos dois. Com clareza traduz o “sede fecundos, multiplicai-vos (Gn1,28). Agostinho é um homem de seu tempo e, ainda em seu Comentário do Gênesis contra os maniqueus (2,11,15), afirma:

E começa a exposição de como foi feita a mulher, e diz que foi feita como auxiliar do homem, de tal modo que da união espiritual nascesse uma prole espiritual, ou seja, boas obras de louvor a Deus; pois, quando aquele governa, esta obedece; aquele é dirigido pela sabedoria, esta pelo homem, e o homem é a cabeça da mulher. (AGOSTINHO, 2005, p.561)

Contra os maniqueus, Agostinho quer chamar a atenção para o fato de que, na sua interpretação, quando a mulher é gerada do homem como sua auxiliar, também o corpo assim é para a alma, e quando unidos em comum acordo, seus frutos serão sempre bons frutos, como os filhos gerados por um casal que se ama e se respeita. Para os maniqueus a matéria é má; para Agostinho, a matéria é companheira da alma e quando em sintonia, alma e corpo sempre produzirão frutos espirituais.

Por isso diz: Não é bom que o homem esteja só. Com efeito, faltava algo para ser feito, para que não apenas a alma dominasse o corpo, pois o corpo tem o papel de servir, mas também a razão viril submetesse a si sua parte animal e mediante a auxiliar dominasse o corpo. Para isso mostrar, foi feita a mulher, que pela ordem devida está submetida ao homem, a fim de que o que se mostra com evidência em dois seres humanos, ou seja, no homem e na mulher, também se possa considerar num só homem. Assim, a mente interior, como razão superior, mantenha sujeito o apetite da alma, por meio da qual agimos com os meios do corpo, e imponha por uma lei justa o modo de agir à sua auxiliar, assim como o homem deve governar a mulher e não lhe permitir que domine sobre o homem. Onde isso acontece, a casa se perverte e se torna infeliz. (AGOSTINHO, 2005, p. 561).

Sendo homem e mulher analogamente unidos como alma e corpo, o respeito à ordem de hierarquia ditada pela razão não permitirá que os apetites do corpo tirem a alma de seu caminho. O descontrole com o cuidado existencial que necessariamente passa pela razão em detrimento dos desejos, apetites e paixões desenfreadas, certamente prejudicará o todo do ser humano. Pois a alma sofre as dores do corpo assim como o corpo sofre as dores da alma. Na relação sexual entre homem e mulher, o amor entre os dois será necessariamente acompanhado da razão que sempre lhe lembrará das consequências do ato sexual. Os filhos serão

assim bons frutos, se antes de sua concepção já fizeram parte da história de vida do casal.

No capítulo 10 de “Os bens do matrimônio”, Agostinho revela certo pessimismo com respeito à existência terrena da humanidade, quando afirma:

Sei que alguns murmuram dizendo: se todos os homens quisessem abster-se de todo comércio carnal, como subsistiria o gênero humano? Oxalá todos quisessem isto, inspirados “pela caridade de um coração puro, pela consciência reta, e por uma fé não fingida” (1Tm 1,5), porque mais cedo se completaria a Cidade de Deus e se aceleraria o fim dos tempos. (AGOSTINHO, 2015, P.42)

A Cidade de Deus, o reino celeste se configura desde os primeiros seguidores de Jesus como o desejo de estar diante da presença beatificante do Criador e de seu Cristo. Aparentemente, Agostinho compartilha com Paulo a ansiedade do encontro definitivo (2 Tm 4,7-8) no Reino definitivo. Entretanto, consciente de sua função como religioso e homem de fé, segue sua luta na busca da construção deste Reino já aqui, a partir do esclarecimento a respeito das coisas santas.

Como anteriormente referido, Agostinho tem seu pensamento permeado por dois pontos marcantes: A perspectiva religiosa apegada ao celibato, e a ansiedade do encontro definitivo com Deus na cidade celeste. Também já foi anteriormente, a respeito das marcas deixadas em sua vida por sua história pregressa, contada em suas Confissões.

Sendo agradáveis ou não, as reflexões de Agostinho revelam principalmente sua sinceridade e paixão pelos assuntos da Igreja. Sua busca só teve resposta quando se encontrou com a fé. Como acontece com São Paulo, suas palavras acabam sendo generalizadas, sendo que, para que melhor se compreenda, necessitam da devida contextualização.

Agostinho revela-se como tema inesgotável de pesquisa para a teologia, assim como para a história da Igreja, entre outra tantas possíveis perspectivas que queiram encontrar em suas palavras questões a serem debatidas. Seu título de Santo se justifica principalmente pela profunda humanidade que sempre revelou em sua vida.

8.3. CONSIDERAÇÕES

Foi possível verificar neste tema a importância dada à geração dos filhos e suas consequências, tanto para os entrevistados, quanto para os Padres da Igreja. Quanto aos entrevistados, verificou-se uma grande preocupação com sua responsabilidade pessoal na geração dos filhos e uma consciência autônoma no que diz respeito aos métodos contraceptivos, apesar do posicionamento da Igreja quanto a estes métodos.

Como a responsabilidade pela geração e cuidados com a vida dos filhos está totalmente sobre seus ombros, eles também decidem assumir a responsabilidade quanto ao momento adequado para gerá-los, diante das grandes dificuldades socioeconômicas que a maior parte da população enfrenta. Diante do que a Igreja propõe do que culturalmente lhes é imposto como função do casal, eles decidem pela opção que se mostra preocupada com as consequências de seus atos.

Este ponto de vista encontra eco em São João Crisóstomo que, como foi possível observar, tinha uma grande preocupação com a situação dos pobres de sua comunidade de fé. Em seus escritos mostrou a crueldade da realidade que obrigava um pai a vender um dos seus filhos para poder alimentar os outros, o que, segundo ele, causava imensa tristeza ao pai que precisava decidir por tal opção.

Para São Basílio, o tema da dificuldade na criação dos filhos também merece relevância. Sendo a procriação uma ordem divina, esta deverá ser respeitada como tal, de maneira que a sociedade compreenda que cada ser humano é filho de Deus. As dificuldades que sempre cercaram a maior parte das famílias nunca fizeram parte da vontade divina, mas são consequência do egoísmo humano que se revela na concentração da maior parte dos bens nas mãos de poucos. Isto se dá na história da humanidade há muito tempo.

Para Santo Agostinho os filhos são o grande objetivo do matrimônio, proporcionando neste uma maior união do casal. Em seu pensamento encontramos a grande fundamentação da Igreja quanto a este tema. Entretanto, o Bispo de Hipona não deixa de mostrar sua visão pessimista, chegando a afirmar que seria preferível que a humanidade interrompesse a geração dos filhos para que o fim deste mundo favorecesse a vinda da Cidade de Deus.

Seus opositores lhe acusam de ser pessimista e obcecado com as questões do relacionamento entre homem e mulher, opinião esta que não será muito fácil de refutar diante das afirmações diretas de Agostinho. Sua vida pregressa certamente deixou marcas muito profundas e, conseqüentemente influenciaram seu ponto de vista, pois em muitos momentos, apesar começar elogiando o matrimônio, acaba por tecer um comentário pessimista logo em seguida.

Verificou-se que Agostinho fala para a Igreja, de maneira mais precisa para o clero onde o celibato deve ser respeitado de maneira diferenciada. Faz-se necessário que isso seja levado em consideração quando se busca nele fundamentos para o tema do matrimônio e dos filhos. Pois o que pode parecer contraditório nas respostas dadas pelos entrevistados, acaba revelando a grande diferença entre consagrados e não consagrados à vida religiosa, porém, consagrados ao matrimônio, lugar onde o casal humano que assume o sacramento se percebe responsável por todas as decisões por eles tomadas.

São pais e mães que terão sob sua responsabilidade o cuidado com toda a vida de seus filhos. Todos os custos pessoais e econômicos pertencem a eles, assim como as alegrias e sofrimentos que fazem parte da criação e educação dos filhos. Essas e tantas outras situações que envolvem a vida de um casal e seus filhos dão a eles o direito de agirem a partir de sua consciência. Da parte da Igreja e do Estado, o que estas famílias necessitam é de apoio, educação, formação e condições adequadas para que possam colaborar na construção de uma sociedade onde cada vida humana merece o devido respeito.

A devida atualização de conceitos por parte da Igreja se faz necessária, não por força de novas ideologias ou modismos que há muito tempo atingem a humanidade. Assim como para os Padres da Igreja, pois cada um em seu tempo, procurou responder às demandas de respostas adequadas ao contexto.

A Igreja de hoje, com os olhos no Evangelho e no exemplo dos Santos Padres, pode oferecer a seus fiéis uma perspectiva de fé que responda às questões atuais, pois como verificou-se nas respostas aos questionários, a fidelidade ao que diz a Igreja não passará por cima de suas responsabilidades com a geração de seus filhos. Faz-se necessário novamente lembrar de que na atualidade, os documentos

eclesiais trazem uma visão mais atualizada e adequada aos novos tempos. Tais documentos não são aqui citados por força do recorte desta pesquisa.

9. O ABORTO / O ABANDONO DOS FILHOS

O aborto continua sendo um tema polêmico. Neste contexto, a teologia tem o dever de aprofundar a questão, no sentido de verificar o pensamento da comunidade e refletir a partir da contribuição da Patrística sobre o assunto. Um olhar abrangente sobre o tema do aborto revela que há questões perenes a serem consideradas diante de aspectos diversos de contexto histórico e social.

No contexto mundial atual, o simples dado de que a mortalidade materna nos países ricos é muito mais baixa que em países pobres implica que a maioria das mortes maternas, causadas por aborto, poderia ser evitada, principalmente pela melhoria dos serviços pré-natal e de parto. Isto torna o tema do aborto complexo, pois, sua caracterização básica permanece ao longo dos séculos, mas o contexto em que ocorre varia de país para país bem como na diversidade cultural. Assim o aborto se relaciona hodiernamente com a condição que muitas mulheres enfrentam:

as causas responsáveis pelo aumento da fragilidade das mulheres durante o ciclo gravídico-puerperal, expondo-as a maior risco de morte, são: desinformação, baixa escolaridade, desnutrição, baixa renda, discriminação étnica, ausência de amparo familiar ou do parceiro e grau de exposição à violência doméstica. (MARSTON; CLELAND, 2004, p.7).

Por isso é necessário indicar alguns dos pontos relacionados com a realidade do aborto, que precisam ser mais bem compreendidos à luz da reflexão teológica nos nossos dias: altos índices de aborto no país; a maternidade no contexto da saúde da mulher e dos altos índices de morbidade e mortalidade materna; a violência institucionalizada contra a mulher; o papel da família e da comunidade cristã como espaço de acolhimento; a questão dos direitos sexuais e reprodutivos; a figura masculina nas relações familiares. Alguns destes desafios apontam para áreas onde a Igreja tem uma atuação histórica, a qual a teologia precisa aprender a valorizar mais e outros desafios são novos, justamente onde a presença da Igreja ainda é inusitada.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) estima que 25% das gravidezes acabam em aborto induzido, aproximadamente 50 milhões a cada ano. Destes

abortos, 20 milhões acontecem sob condições perigosas, por provedores destreinados ou por procedimentos inseguros ou por ambos (BERER, 2000, p. 14-19). Deste modo a preocupação com o aborto se mistura com a preocupação com o aborto que ocorre em condições inseguras. Relatórios mais recentes apresentam números maiores.

Em cada ano, no mundo todo, aproximadamente 210 milhões de mulheres engravidam e mais de 135 milhões dão à luz a bebês vivos. As outras 75 milhões de gravidezes terminam em interrupção do parto, por aborto espontâneo ou induzido. Estima-se que em 2003 aproximadamente 42 milhões de gravidezes foram terminadas voluntariamente: 22 milhões com segurança e 20 sem segurança (WHO, 2011, p.2).

Assim o tema do aborto se situa no contexto deste estudo com respeito ao Planejamento Familiar, pois a gestação indesejada é o principal fator relacionado à ocorrência de indução de abortos (SANDI; BRAZ, 2010, p. 138) o que aponta para a relevância do planejamento familiar. O impacto do planejamento familiar seria considerável, pois “estima-se que se toda mulher que diz não querer mais filho fosse capaz de parar de ter filhos, o número de nascimentos seria reduzido em 35% na América Latina, 33% na Ásia e 17% na África” (MAINE et al., 1986, Apud MARSTON; CLELAND, 2004, p.7). O planejamento familiar seria muito positivo na saúde da mulher e da criança visto “que a saúde materna e infantil é afetada adversamente quando as gravidezes são ‘muito cedo, muito tarde, muitas, e muito perto uma da outra’” (MARSTON; CLELAND, 2004, p.5).

Com esta breve exposição da problemática do aborto na atualidade, cabe agora observar os dados da pesquisa, para em seguida lançar mão da amplitude dos dados revelados na Patrística a respeito deste contínuo problema moral que atravessa os séculos.

9.1 RESULTADOS

Os resultados que apresentamos abaixo são extraídos do banco de dados do Projeto Parentalidade descrito acima. A própria inclusão do tema do aborto no instrumento de pesquisa se tornou problemática, pois indagar diretamente as pessoas a respeito desta prática seria bastante questionável.

Deste modo a abordagem sobre o aborto foi feita de maneira indireta, indagando sobre o desejo de abortar. Há ciência que ‘desejar’ abortar e ‘praticar’ o

aborto são situações diversas, mas, no contexto do planejamento da parentalidade, o desejo do aborto pode apontar para situações de menor planejamento familiar e de menor disposição a acolher o filho. As tabelas abaixo permitirão uma análise clara dos resultados da pesquisa.

Tabela 11 - Chegou a desejar, em algum momento, o aborto do primeiro filho?

	Frequência	Porcentagem
zero	1911	87,0
1	90	4,1
2	37	1,7
3	18	,8
4	103	4,7
NR	37	1,7
Total	2196	100,0

Fonte: Autores 2020.

Na tabela 11, o que se revela é uma imensa maioria dos entrevistados (1911= 87%) afirmando não ter desejado abortar o primeiro filho. Este resultado pode estar revelando uma alta quantidade de pessoas que já tinham um prévio planejamento, assumindo os filhos como consequência do matrimônio, ou planejando de fato a geração deles; ou ainda, um planejamento pós-fato, que seria o caso de assumir a criança concebida, ainda que não planejada.

Por outro lado, percebe-se a incidência de 11,3% dos entrevistados (248 entrevistados) que consideraram o aborto do primeiro filho entre pouca e muita possibilidade. Compreendendo que a cada entrevistado ocorreu um nascimento, verifica-se que, dos 2196 nascimentos, 1911 foram bem recebidos no momento em que a notícia da gravidez ocorre, enquanto que outros 248 não são bem recebidos no momento da notícia da gravidez. Apesar de parecer relativamente baixa, a porcentagem de 11,3% que mostra os que não foram bem aceitos, revela um grande número de pessoas que trazem em sua história de vida a possibilidade de terem sido abortados.

A tabela 12 mostra que apenas 1,5% dos entrevistados, ou seja, 32 pessoas consideram os filhos como algo indesejado (peso ou obstáculo). Outros 7,3%, ou 160 entrevistados consideram os filhos como algo natural. Contudo, 1834 pessoas consideram o filho como bênção de Deus.

Tabela 12 Compreende os filhos como

	Frequência	Porcentagem
Peso	10	0,5
Obstáculo	22	1,0
Algo natural	160	7,3
Um privilégio	123	5,6
Bênção de Deus	1834	83,5
NR	47	2,1
Total	2196	100,0

Fonte: Autores 2020.

Tabela 13 – Cruzamento de dados: ‘Compreende os filhos como’ com ‘Chegou a desejar, em algum momento, o aborto do primeiro filho’.

Compreende filhos como		Chegou a desejar, em algum momento, o aborto do os primeiro filho						Total
		zero	1	2	3	4	NR	
Peso	N	8	0	0	2	0	0	10
	%	80,0%	0,0%	0,0%	20,0%	0,0%	0,0%	100,0%
Obstáculo	N	14	3	1	1	1	2	22
	%	63,6%	13,6%	4,5%	4,5%	4,5%	9,1%	100,0%
Algo natural	N	106	13	10	4	25	2	160
	%	66,3%	8,1%	6,3%	2,5%	15,6%	1,3%	100,0%
Um privilégio	N	100	13	2	1	3	4	123
	%	81,3%	10,6%	1,6%	0,8%	2,4%	3,3%	100,0%
Bênção de Deus	N	1641	59	24	10	72	28	1834
	%	89,5%	3,2%	1,3%	0,5%	3,9%	1,5%	100,0%
NR	N	42	2	0	0	2	1	47
	%	89,4%	4,3%	0,0%	0,0%	4,3%	2,1%	100,0%
Total	N	1911	90	37	18	103	37	2196
	%	87,0%	4,1%	1,7%	0,8%	4,7%	1,7%	100,0%

Fonte: Autores 2020.

A tabela 13 traz informações a respeito do desejo de abortar o primeiro filho, cruzando com os dados a respeito de como considera os filhos. É possível observar que apesar de considerar os filhos como bênção de Deus, 72 entrevistados (3,9%) deram peso 4 na resposta afirmando que desejaram o aborto do primeiro filho, somando com os que deram peso menor, um total de 165 pessoas dentre os 1834 entrevistados que responderam a esta questão. Apesar de 1641 pessoas darem peso zero à referida questão, a possibilidade do aborto não é totalmente descartada, ainda que se considerem os filhos como bênção de Deus.

Para aqueles que consideram os filhos como obstáculo, somente uma pessoa deu peso 4 à questão, e outras cinco pessoas deram pesos menores, sendo que quatorze deram peso zero à possibilidade de aborto do primeiro filho. Ou seja, apesar de considerarem que os filhos são obstáculos, dentre eles o número de

peças que pensou na possibilidade de abortar o primeiro filho, é muito menor do que dentre aqueles que consideram os filhos como bênção de Deus.

Outro detalhe importante se mostra no caso das pessoas que consideram os filhos como algo natural. Dentre os 160 entrevistados, 52 deles deram algum peso ao desejo do aborto do primeiro filho, sendo que destes, 25 deram peso 4 à questão, ou seja, pessoas que consideraram seriamente a possibilidade de abortar o primeiro filho. Somando-se aos que deram peso menor, a porcentagem sobe para 32,5%, um índice considerável.

Tabela 14- Por identificação de gênero/desejo de abortar o primeiro filho.

Identificação de gênero: Chegou a desejar, em algum momento, o aborto do primeiro filho.

Peso		zero	1	2	3	4	NR	Total	
Identificação de gênero	Feminino	N	1430	77	27	13	82	33	1662
		%	86,0%	4,6%	1,6%	0,8%	4,9%	2,0%	100,0%
	Masculino	N	464	11	9	5	20	3	512
		%	90,6%	2,1%	1,8%	1,0%	3,9%	0,6%	100,0%
	Outro	N	4	0	1	0	0	1	6
		%	66,7%	0,0%	16,7%	0,0%	0,0%	16,7%	100,0%
	NR	N	13	2	0	0	1	0	16
		%	81,2%	12,5%	0,0%	0,0%	6,2%	0,0%	100,0%
Total	N	1911	90	37	18	103	37	2196	
	%	87,0%	4,1%	1,7%	0,8%	4,7%	1,7%	100,0%	

Fonte: Autores 2020.

A tabela 14 traz revelações importantes a respeito do cruzamento de dados com base nas respostas dos entrevistados, mostrando um número superior de mulheres que desejaram o aborto do primeiro filho em comparação com os homens. No caso dos entrevistados que deram maior peso à possibilidade do aborto (4), são 82 mulheres e 20 homens. Se somar-se a quantidade de pessoas que deram algum peso à possibilidade de aborto, serão 199 do gênero feminino e 45 do gênero masculino.

Na tabela 15, os dados coincidem com a tabela 13 no que diz respeito ao desejo de abortar o primeiro filho a partir do gênero dos entrevistados. Nela percebe-se que o aborto é mais desejado em casa chefiada por mulher. Dando peso 4 à questão são 8 homens para 16 mulheres. Se somar-se os homens que deram algum peso à possibilidade do aborto, serão 26 homens; somando-se as mulheres, o número será de 54 mulheres.

Tabela 15 - Com relação à chefia da família/desejo de aborto do primeiro filho.**Chefia da família: Chegou a desejar, em algum momento, o aborto do primeiro filho.****Tabulação cruzada**

		Chegou a desejar, em algum momento, o Total aborto do primeiro filho							
		zero	1	2	3	4	NR		
Chefia da família	o	Count	282	9	7	2	8	6	314
	homem	%	89,8%	2,9%	2,2 %	0,6 %	2,5%	1,9%	100,0%
	a	Count	279	24	6	8	16	9	342
	mulher	%	81,6%	7,0%	1,8 %	2,3 %	4,7%	2,6%	100,0%
	o casal	Count	1288	54	20	4	58	16	1440
		%	89,4%	3,8%	1,4 %	0,3 %	4,0%	1,1%	100,0%
	outro	Count	26	3	2	3	16	2	52
		%	50,0%	5,8%	3,8 %	5,8 %	30,8%	3,8%	100,0%
	NR	Count	36	0	2	1	5	4	48
		%	75,0%	0,0%	4,2 %	2,1 %	10,4%	8,3%	100,0%
	Total	Count	1911	90	37	18	103	37	2196
		%	87,0%	4,1%	1,7 %	0,8 %	4,7%	1,7%	100,0%

Fonte: Autores 2020.

9.2 DISCUSSÃO DOS DADOS À LUZ DA PATRÍSTICA

Carta a Diogneto. Apesar de ainda não haver possibilidade de afirmar a autoria deste documento, trata-se de um forte registro de defesa dos cristãos acusados de muitos absurdos³⁷. Apesar da inquestionável riqueza que o documento nos oferece, iremos nos restringir a 5, 6-8, por tratar objetivamente do que interessa à nossa pesquisa. Neste trecho o autor afirma: "Casam-se como todos e geram filhos, mas não abandonam os recém-nascidos. Põem a mesa em comum, mas não o leito; estão na carne, mas não vivem segundo a carne" (in PADRES APOLOGISTAS, 1995, p. 25).

O conceito de respeito ao matrimônio e à devida castidade para com os outros, fica tão evidente quanto ao cuidado com todo filho gerado. Quando o autor comenta a respeito de que os cristãos não abandonam os recém-nascidos, está se referindo a um costume comum na sociedade greco-romana, onde, quando do

³⁷ Para melhor conhecimento de detalhes a respeito da autoria e contexto, ver Padres Apologistas, coleção Patrística nº2; *Biblioteca de Autores Cristianos* (BAC) nº 83 e 206.

nascimento de uma criança, a parteira a colocava no chão, e cabia ao pai decidir se a recebia como seu filho, ou se a descartava, caso não fosse querido pelo pai, ou, como se diria hoje, se não fosse “a cara do pai” quando: “Um marido que suspeita da fidelidade da esposa enjeita a criança que considera adúlterina” (VEYNE, 1992, p.25), e ainda:

O nascimento de um romano não é apenas um fato biológico. Os recém-nascidos só vêm ao mundo, ou melhor, só são recebidos na sociedade em virtude de uma decisão do chefe de família; a contracepção, o aborto, o enjeitamento das crianças de nascimento livre e o infanticídio do filho de uma escrava são, portanto, práticas usuais e perfeitamente legais. Só serão malvistas e, depois, ilegais, ao se difundir a nova moral que, para resumir, chamamos de estoica. Em Roma um cidadão não “tem” um filho: ele o “toma”, “levanta” (*tolere*); o pai exerce a prerrogativa, tão logo nasce a criança, de levá-la do chão, onde a parteira a depositou, para tomá-la nos braços e assim manifestar que a reconhece e se recusa a enjeitá-la. A mulher acaba de dar à luz (sentada, numa poltrona especial, longe de qualquer olhar masculino) ou morreu durante o trabalho de parto, e o bebê foi extraído de seu útero incisado: isso não basta para decidir a vinda de um rebento ao mundo. (VEYNE, 1992, p. 23)

A esta realidade, que para a sociedade atual é absurda, os primeiros cristãos já se recusavam a fazer parte. Segundo Veyne (1992, p.23), os romanos e os gregos daquela época sabiam que não só os judeus, mas também os egípcios e os germanos não enjeitavam nenhuma de suas crianças, como afirma o trecho da Carta a Diogneto acima referenciado. Descartada como lixo reciclável, a criança era exposta na rua, de maneira que talvez alguém pudesse resgatá-la, possivelmente por um egípcio, um germano ou um judeu, e muito provavelmente um cristão.

Entre gregos e romanos havia diferenças quanto aos motivos que os levavam a descartá-las. Veyne (1992, p.23) mostra que na Grécia era mais comum rejeitar meninas do que meninos, o que não coincidia com o costume romano:

Mas não é certo que os romanos tivessem a mesma parcialidade. Enjeitavam ou afogavam as crianças malfadadas (nisso não havia raiva, e sim razão, diz Sêneca: “É preciso separar o que é bom do que não pode servir para nada”), ou ainda os filhos de uma filha que “cometeu uma falta”. (VEYNE, 1992, p. 23)

O que mais pesava na decisão de descarte de uma criança nesse período, estava relacionado com questões econômicas. Quando se tratava da precariedade de recursos, a preocupação se dava no sentido de dividir o pouco que se tinha. Mas, no caso das famílias mais ricas, o peso estava em relação à política patrimonial, a como se dividiria a herança.

Entretanto, o abandono de filhos legítimos tinha como causa a miséria de uns e a política patrimonial de outros. Os pobres abandonavam as crianças que não podiam alimentar; outros “pobres” (no sentido antigo do termo, que hoje traduziríamos por “classe média”) enjeitavam os filhos “para não vê-los corrompidos por uma educação medíocre que os torne inaptos à dignidade e à qualidade”, escreve Plutarco; a classe média, os simples notáveis, preferia, por ambição familiar, concentrar esforços e recursos num pequeno número de rebentos. Contudo, mesmo os mais ricos podiam rejeitar um filho indesejado cujo nascimento pudesse perturbar disposições testamentárias já estabelecidas. Dizia uma regra do direito: “O nascimento de um filho (ou filha) rompe o testamento” já selado anteriormente. (VEYNE, 1992, p.24)

Para os cristãos, surge o conceito de inviolabilidade da vida desde muito cedo na história do Cristianismo, sendo a Didaqué o primeiro exemplo disso quando já em seu início no número 1 afirma que: “Existem dois caminhos: um é o caminho da vida, e o outro, o da morte. A diferença entre os dois é grande” (FRANGIOTTI, in PADRES APOSTÓLICOS, 1995, p. 343). Ou seja, para o cristão será impossível seguir os dois caminhos, dada a diferença e a distância entre eles.

Em seguida no número 2, a Didaqué continua chamando a atenção para o cuidado com o próximo e afirma categoricamente: “Não mate a criança no seio de sua mãe, nem depois que ela tenha nascido” (FRANGIOTTI, in PADRES APOSTÓLICOS, 1995, p. 343). Ainda no número 5, chama a atenção da comunidade para o fato de que estes assassinos de crianças, com uma série de adjetivos que revelam sua maldade estão no caminho do mal.

A Carta a Diogneto está inserida diretamente neste contexto, pois segundo Frangiotti (1995, p. 14-15), há serias possibilidades que seu autor seja o já referido Quadrato, e seu destinatário o imperador Adriano, tendo em vista que Diogneto era um título soporífero dedicado aos príncipes, e principalmente a Adriano, tendo em vista seu caráter. Em sua terceira parte que tem como título “Os Cristãos não são Antropófagos”, diz: “Afirmamos que as mulheres que tentam o aborto cometem homicídio e terão que dar contas a Deus por ele” ((FRANGIOTTI, in PADRES APOSTÓLICOS, 1995, p. 163). Esta postura corajosa contradiz o direito romano, que como anteriormente citado, só reconhecia a criança como ser vivo após a aceitação do pai.

A importância da carta, bem como dos dados paralelos aqui referidos, está em esclarecer um pouco mais a respeito do contexto que envolvia as comunidades cristãs desse período, e como sua postura pôde influenciar muitos que se sentiram

encantados por essa novidade. O respeito à vida de crianças, como foi mostrado por Veyne, não era exclusividade dos cristãos, mas foi, por parte do Cristianismo, a grande influência para futuras mudanças de paradigma. (BOGAZ, COUTO, HANSEN, 2008; QUASTEN, 2004; ABBAGNANO, 2014; DI BERNARDINO, FEDALTO, SIMONETTI, 2010; MORESCHINI, 2008; BOEHNNER, GILSON, 2009; LENZENWEGER ET ALL, 2006).

Minúncio Félix em sua apologia aos cristãos faz severas acusações aos romanos por causa do costume comum de matar e expor crianças. Em seu texto *Octavius*, debate com o acusador que afirma que os cristãos sendo ignorantes adoram a cabeça de um jumento e comem criancinhas. Minúncio severamente afirma:

Vós expondes os vossos próprios filhos às aves e às bestas selvagens, vós os sufocais, vos estrangulais... e há mulheres que tomam drogas para fazer cessar no seu seio uma vida que começa, - cometendo o infanticídio antes mesmo do nascimento de seu filho (OCTÁVIUS, CUFr 30, 1-2. Op. Cit in LACOSTE, 2004, p. 51)

João Crisóstomo, em sua vigésima quarta Homilia sobre a Carta aos Romanos (2010, p. 439-440), no número 14, comenta a respeito da ação masculina na decisão do aborto:

Por que semeias onde a terra procura estragar o fruto? Onde muitas são as causas da esterilidade? Onde a morte antes da geração? Pois não deixas a meretriz continuar apenas meretriz, mas a transformas em homicida. Viste que da embriaguez se originou a fornicação, da fornicação o adultério, do adultério o assassinato? Ou antes algo de pior que o assassinato. Nem sei que nome lhe dar. Não só mata o que nasceu, mas o impede de nascer. E então? Ultrajas o dom de Deus, combate as suas leis, e procura obter como uma benção o que é maldição. Ao seio da geração transformas em cofre mortal, e à mulher, que te foi dada para a procriação da prole, instrui a cometer assassinato? (...) Embora ela cometa o crime, tu és a causa que o provoca.

João Crisóstomo faz importante referência a respeito da responsabilidade do ato cometido, que muitas vezes ocorre por influência masculina. Crisóstomo está escrevendo para sua comunidade de fé, e por isso pode-se compreender que está tratando de um problema que poderia ser frequente naquele contexto. O Boca de Ouro chama à responsabilidade aqueles que colocavam nas costas das mulheres a culpa pelo aborto, como se não tivessem responsabilidade nenhuma, mas que segundo Crisóstomo, eram a causa do crime.

Atenágoras de Atenas, cidadão ateniense do século II, convertido ao Cristianismo, “pode disputar com Justino a palma de verdadeiro filósofo cristão do século II” (MORESCHINI, 2013, p. 85). Seu pensamento é influenciado sobremaneira pelo estoicismo e pelo médio platonismo, que acabam dando sustentação para a defesa dos cristãos, cita como, injustamente, da mesma forma foram perseguidos importantes pensadores como Pitágoras, Heráclito, Demócrito e Sócrates que em seu tempo antecipam como seriam perseguidos os cristãos.

Para Atenágoras, o matrimônio é indissolúvel e sua principal função está na geração dos filhos, tendo em vista que o casal cristão não se entrega aos desejos carnis, assim como: “Quem se separa de sua primeira mulher, mesmo quando morreu, é adúltero e dissimulado”. Sua defesa dos cristãos acaba assumindo uma radicalidade severa com relação aos costumes pagãos, condenando absolutamente tais costumes e afirmando a extrema diferença entre eles e os cristãos. No número 33, intitulado como Indissolubilidade do Matrimônio, ele afirma:

Como temos esperança na vida eterna, desprezamos as coisas da vida presente e até os prazeres da alma, tendo cada um de nós por mulher aquela que tomou conforme as leis estabelecidas por nós com a finalidade de procriar filhos. Assim como o lavrador, jogando a semente na terra, espera a colheita e não continua semeando, do mesmo modo, para nós, a medida do desejo é a procriação dos filhos. (FRANGIOTTI, in PADRES APOLOGISTAS, 1995, p.161)

Seu forte apelo à continência e à castidade revela uma regra de vida voltada a um único objetivo, ou seja, a dignidade da vida eterna. Sua grande preocupação manifesta-se em comparar a pureza da vida cristã em relação à promiscuidade, segundo seu ponto de vista, comum na vida dos seus acusadores. Valoriza sobremaneira a virgindade e a continência como forma de intimidade com Deus.

E até é fácil encontrar muitos dentre nós, homens e mulheres, que chegaram celibatários à velhice, com a esperança de um relacionamento mais íntimo com Deus. Se viver na virgindade e castração aproxima mais de Deus e só o pensamento e o desejo separa, se fugirmos dos pensamentos, quanto mais não recusaremos as obras? (FRANGIOTTI, in PADRES APOLOGISTAS, 1995, p. 161)

Refutando a acusação de antropofagia, Atenágoras mostra como a consciência dos cristãos trata a respeito do cuidado com a vida, comentando que sequer se permitem assistir ao cumprimento de uma execução justa, quanto menos assistir aos espetáculos das feras dilacerando pessoas nas arenas, bem como aos dos gladiadores (FRANGIOTTI, in PADRES APOLOGISTAS, 1995, p. 163).

Entretanto, seu contundente comentário a respeito do cuidado com os filhos e da condenação do aborto já naquele momento, assim como contra o abandono, ou exposição dos filhos, acima comentado, revela seu grande respeito à vida.

Afirmamos que as mulheres que tentam o aborto cometem homicídio e terão que dar contas a Deus por ele; então, por que iríamos matar alguém? Não se pode pensar que aquele que a mulher leva no ventre é um ser vivente e objeto, conseqüentemente, da providência de Deus e em seguida matar aquele que tem anos de vida; não expor o nascido, crendo que expor os filhos equivale a mata-los, e tirar a vida ao que já foi criado. (FRANGIOTTI, in PADRES APOLOGISTAS, 1995, p.163)

O cuidado em proteger os indefesos, que não somente na cultura, mas no direito romano só receberiam *status* de dignidade de ser vivo se fossem aceitos pelo pai logo após seu nascimento, caso contrário seria abandonado na rua, até que morresse, mostra que os cristãos que além de não cometerem tais atos, ainda resgatavam os filhos daqueles que seriam seus acusadores e os criavam, tinham já naquele tempo uma consciência que não lhes permitia o descuido com a vida. (FRANGIOTTI, 1995; BERARDINO, FEDALTO, SIMONETTI, 2010; MORESCHINI, NORELLI, 2016; QUASTEN, 2014; MORESCHINI, 2013; BOGAZ, COUTO, HANSEN, 2008).

Tertuliano em seu *De anima*, combate a tese estoica que herdou de Pitágoras Platão e Empédocles que defendiam a tese da transmigração da alma, que por sua vez afirmava que esta, em determinado momento caía num corpo humano. Ou seja, isso aconteceria só após o nascimento. Para Tertuliano, corpo e alma passam a existir simultaneamente, pois se a morte será a separação da alma com o corpo, a vida será já em seu início a união dos dois.

Como é concebido um ser animado? As substâncias da alma e do corpo se formam simultaneamente, ou melhor, uma precede a outra em sua formação natural? Nós sustentamos que as duas são concebidas, formadas, aperfeiçoadas simultaneamente, da mesma maneira que nascem ao mesmo tempo. Em nossa opinião, nenhum intervalo separa a concepção dos dois, de sorte que se possa atribuir primazia de uma sobre a outra. Julguemos a origem do homem por seu fim. Se a morte não é outra coisa que a separação da alma e do corpo, a vida, que é oposta à morte, não se poderá definir melhor do que a união do corpo e da alma. Se a separação das duas substâncias se produz simultaneamente pela morte, a lei de sua união nos obriga a concluir que a vida chega simultaneamente às duas substâncias. Nós cremos, pois, que a vida inicia com a concepção, porque sustentamos que a alma existe desde este momento, e que a vida inicia sua existência no mesmo momento e lugar que a alma. (c. 27, Op. Cit. In QUASTEN, 2014, p.586)

Tertuliano procura corrigir o conceito utilizado pelo pensamento vigente de sua época que era utilizado com justificativa para o aborto acusando os defensores desta tese de matar da maneira mais rápida uma criança antes de seu nascimento (cf. *De anima* 37,2; CChr. SI II, 839. Op. Cit. In LACOSTE, 2004, p. 51).

Agostinho, em contradição a Tertuliano, apesar de considerar os filhos como principais bens do matrimônio, fundamenta seu pensamento a respeito do início da vida na biologia de Aristóteles, defende que somente depois de certo tempo de desenvolvimento do embrião é que começa a vida humana, o que lhes dava uma condenação menos severa por não ter sido batizada antes de morrer (LACOSTE, 2004, p. 51).

Justino de Roma, em sua primeira Apologia (29,1) também faz uma severa crítica ao abandono de crianças, assim como chama atenção para a decência e a castidade dos casais cristãos e opção de alguns pelo celibato e pela castidade.

Também evitamos a exposição das crianças, pois tememos que algumas delas, não sendo recolhidas, venham a morrer e sejamos réus de homicídio. Nós, ou nos casamos desde o princípio para a única finalidade de gerar filhos, ou renunciamos ao matrimônio, permanecendo absolutamente castos. (JUSTINO, 1995, p.45)

Em sua segunda Apologia (2), Justino comenta a respeito de uma mulher que se converteu ao Cristianismo, e, por isso não aceitava mais a promiscuidade do marido, o que a levou a separar-se dele, que por vingança a denunciou ao Imperador por ser cristã.

Nestes dois momentos de sua apologia, Justino revela os costumes vividos pelas famílias cristãs do segundo século. A conversão levava as pessoas ao desapego do modo de vida pagão, principalmente em relação à promiscuidade e ao descarte de crianças. Tal testemunho revela a realidade amorosa e cuidadosa do Cristianismo nascente, e confirma a mensagem do Evangelho no que tange ao respeito e cuidado com os pequeninos e desamparados (Mt 19,13-15; Mc 10,13-16; Lc 18, 15-17). Para Jesus Cristo, cada vida justifica sua missão. (QUASTEN, 2004; MORESCHINI, NORELLI, 2006; MORESCHINI, 2103; BOGAZ, COUTO, HANSEN, 2008; LOPES, 2014; FEDALTO, SIMONETTI, 2010; EUSÉBIO DE CESARÉIA, HE XII, 11-12; JUSTINO DE ROMA, APOLOGIAS I E II, DIÁLOGO COM TRIFÃO; BOEHNER, GILSON, 2009).

9.3. CONSIDERAÇÕES

O Salmo 127,3 diz que “os filhos são a herança de Iahweh, é um salário o fruto do ventre”. Isto fez parte da vida de todo judeu e, conseqüentemente, do Cristianismo desde seu início. Se os filhos são a herança de Deus à humanidade, assim como uma riqueza para a vida do casal, tamanho presente não deverá ser relativizado de modo algum.

Muitos conceitos judaicos ainda faziam parte da prática existencial do Cristianismo nascente (Cf. Atos dos Apóstolos 24, 10-21). Uma família com grande número de filhos era uma família abençoada por Deus, devido à realidade que lhes impunha a necessidade de continuidade da família, da possibilidade de mão de obra por parte dos filhos que favoreceria o enriquecimento da família por conta das atividades agrícolas e pastoris, bem como a própria proteção do grupo familiar diante os perigos oferecidos pelos saqueadores que sempre ameaçavam a existência destas famílias.

Para a esposa judia, a esterilidade se mostrava como desgraça, e a intervenção divina, que favorecia sua fertilidade revelavam-se como uma inigualável bênção, como no caso de Sara, esposa de Abraão e tantas outras mulheres que tem seu testemunho referenciado na Bíblia. A esposa fértil era para o esposo uma bênção e, por Deus, a mulher estéril se tornava ditosa mãe de família (SI 113,9).

Mesmo diante das dificuldades encontradas pelos primeiros cristãos, perseguidos e marginalizados, o cuidado com a vida dos filhos (ainda que não fossem legítimos, pois poderiam ter sido resgatados quando de seu descarte pela família de origem) não era minimizado. Pela Carta a Diogneto foi possível perceber a relação de cuidado que existia no Cristianismo nascente. Ainda após a influência grega no Cristianismo não há descuido com os filhos.

Diferente disso, para a sociedade romana daquela época, a possibilidade e a necessidade de gerar filhos, assim como a aceitação de um filho nascido passava pelo crivo de diversas questões a serem analisadas pelo pai de família, que poderia ou não aceitar a criança, que caso fosse rejeitada estaria fadada ao ocaso se ninguém a resgatasse. O descarte era tão comum que poderia acontecer se o

recém-nascido não tivesse a cara do pai, expressão esta que ainda hoje é abertamente pronunciada para celebrar o nascimento de um filho.

Contudo, importa verificar as mudanças de conceitos ocorridas. Diante do que disseram os Santos Padres, bem como o que revelou a pesquisa de campo, está a necessidade de perceber as distâncias temporais, históricas, geográficas e sociopolíticas, para citar algumas, entre a atualidade e o tempo da Patrística. Como citado anteriormente, a lei romana subsidiava as famílias com maior número de filhos devido à necessidade de manutenção da população romana diante das perdas causadas pelas guerras enfrentadas pelo Império.

Os dados da pesquisa de campo revelam que a experiência da parentalidade na atualidade, traz aos envolvidos novas questões a serem refletidas antes que se assumam tal responsabilidade. Certamente sempre houve grande interferência da capacidade de recursos de uma família para a geração e manutenção da prole, onde, em cada período histórico isto era provido conforme suas características e possibilidades.

A questão do aborto não pode ser tratada de maneira descuidada. Trata-se de um drama que de alguma forma sempre afetará os envolvidos em algum momento de sua vida, ou nela toda. Este tema não pode ser recheado de julgamento ou preconceito, pois nele, vidas são seriamente envolvidas. O drama de uma mãe que perdeu um filho, ou em algum momento de sua vida teve de optar pelo aborto por razões diversas, não pode ser diminuído diante das cicatrizes que foram deixadas. Como anteriormente visto, em determinado momento um pai tinha que escolher um dos filhos para vender e assim poder alimentar os outros. Para este pai, e com certeza para a mãe, essa perda seria muito parecida com a morte desse filho.

Diante da seriedade do tema do aborto, o planejamento da parentalidade se revela como importante meio de preservação e respeito pela vida. Dizer hoje que Deus envia cada criança a ser gerada de maneira despreocupada com a continuidade de sua existência, além de ser irresponsável e imoral, contradiz o texto bíblico (Gn 1-2) que quer mostrar também a responsabilidade do ser humano com a criação. A vida é consequência da vontade divina, mas, o cuidado com ela é responsabilidade de quem assume opção de se tornar co-criador com Deus, como é

o caso de cada casal que se une e se entrega à relação que poderá redundar na geração de uma nova vida.

Todas as estruturas governamentais, religiosas e sociais tem lugar na tarefa de oferecer informação e formação adequada e estrutura de apoio necessária para que a vida e a pessoa não sejam desrespeitadas. A realidade tem mostrado que simplesmente oferecer um método contraceptivo, não se mostra como resposta adequada para tamanha responsabilidade, diante dos diversos riscos que ainda existem, principalmente para a mulher e para a criança.

Para tanto, pesquisas como a que se refere este trabalho tem fundamental importância na construção do conhecimento, e conseqüentemente, de possíveis propostas de ação e intervenção no que diz respeito ao cuidado com a vida de todos os envolvidos naquilo que poderá ser uma alegria, mas também poderá se tornar um drama.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS DA TESE

O primeiro tema que se refere aos Agentes de Pastoral mostrou que as famílias envolvidas nas atividades pastorais da Igreja, apesar de conhecerem os preceitos eclesiais com relação à geração dos filhos, assumem a responsabilidade de decidir qual será a melhor maneira de tratar disso, segundo sua realidade e necessidade.

Tal consciência se faz cada vez mais necessária diante de tanta interferência vinda das mais diversas origens e intenções. Obviamente que a Igreja se preocupa sempre com a dignidade da vida inteira. Contudo, cada casal será sempre o único responsável pela consequência de seus atos, que no caso da geração dos filhos, abarca toda uma vida.

A beleza do amor e da sexualidade nos mostrou o quanto é possível distorcer algo tão belo quando não lhe é dado o devido respeito. A cultura ocidental acabou tratando de maneira genérica a palavra amor, reduzindo-a muitas vezes em relação utilitarista. Mesmo que numa relação sempre haverá troca, esta não deve ser seu único objetivo.

Quando se refere ao amor, depara-se com uma palavra polissêmica, que convoca a uma ação, que mesmo baseada no conceito de amor doação, poderá não ter bons resultados se o conceito for unilateral. Para os poetas sempre será mais fácil tratar dele, mas para Teologia, ao tratar do amor de Deus para com sua criação, estará também presente o desejo e a doação que necessitam sempre da presença.

Na relação entre ato sexual e matrimônio, percebeu-se que a necessidade da relação entre os corpos, tantas vezes mundanizada e desvalorizada quando atende simplesmente à porneia, amor que consome, não pode ser reduzida de maneira indigna e desrespeitosa, tendo em vista que surge também da vontade criadora de Deus.

Defender a ideia de que um casal não pode viver a intensidade do ato sexual como forma de expressar também o que sente pelo outro, seria tratar de maneira absolutamente utilitarista algo tão belo e importante para o casal. Tal atitude no passado assim como no presente, trouxe consequências terríveis para muitas crianças e mulheres. O amor entre o casal terá sempre uma amplitude muito maior do que se possa de maneira externa querer impor como regra ou limite.

Na bondade da criação e os filhos como bênção, evidenciou-se uma diversidade de conceitos que vão da absoluta beleza da criação ao desgosto de considerar que não se deveriam mais gerar filhos para que o mundo acabasse logo. Também verificou-se que governos subsidiavam famílias com grande número de filhos devido à necessidade de reposição populacional diante das perdas nas guerras em que se envolviam, ou seja, os filhos eram comprados para morrer nas guerras.

Com respeito ao aborto e abandonos dos filhos, revela-se um drama que exige o mais absoluto cuidado diante de tudo que cerca tal evento. Foi possível verificar que na antiguidade, a dureza de uma cultura que permitia ao pai de família descartar uma criança recém-nascida pelos motivos mais pífios que se possa considerar. Contudo, há também o exemplo de pessoas que recolhiam essas crianças largadas na rua antes de serem devoradas pelos cães ou pelas aves de rapina.

O que se espera a partir deste trabalho, se dá no sentido de que se perceba a perenidade dos problemas que envolvem a família, seus dramas, suas alegrias, suas tristezas e esperanças. Cabe ao casal a decisão a respeito da maneira que se relacionam, assim como a respeito dos filhos que querem e podem gerar, pois todo o ônus das decisões será sempre por conta deles.

Mesmo que seja função da Igreja conduzir os fiéis pelos caminhos da fé, esta não poderá custear as despesas de uma família; contudo, tem como seu dever iluminar a vida dos casais à luz do Evangelho. É importante perceber que não se pode confundir a necessária autonomia do casal nas decisões que lhes cabem, com uma independência egoísta.

Os Padres da Igreja dão um claro exemplo de como pode ser a ação da Igreja no que diz respeito aos problemas das famílias, pois cada um deles, em seu contexto histórico procurou tratar de problemas que surgiam, de maneira imediata, que por sua vez tiveram reflexões que ultrapassaram seus limites de tempo e espaço. Os atuais problemas que as famílias enfrentam não se distanciam dos problemas da antiguidade, apesar do contexto ser diverso daquele.

Respostas e sugestões engessadas em paradigmas ultrapassados já se comprovaram inócuos diante da velocidade das mudanças culturais há muito tempo. Esclarecer o grande valor e significado da vida em todas as suas perspectivas será sempre melhor do que buscar uma educação baseada no medo da culpa e do castigo.

Casais que decidem assumir o matrimônio necessitam de apoio real, principalmente no que se refere à preparação para o matrimônio, o que necessita de conteúdos que proponham consciência e autonomia diante dos desafios que enfrentarão. Colocar nos ombros de Deus as consequências de suas opções revelar-se como infantilização destes, além de impor-lhes aceitar como vontade divina os resultados de atos não pensados.

A falta do devido preparo de pais e mães de família a respeito de assuntos ligados à educação sexual e ao planejamento familiar, acaba favorecendo aos filhos a busca de informação em outros lugares. Ainda que na escola se disponha de aulas

a respeito do que o conteúdo científico disponibiliza, é na família que este tema pode ultrapassar o academicismo e ser tratado no âmbito do amor que acolhe e cuida.

Compreender que uma família, antes de ser formada também precisa ser planejada e reconhecida com a devida importância na existência do ser humano, poderá colaborar com a geração de indivíduos que certamente poderão construir uma humanidade mais equilibrada. Se é possível falar hoje da diversidade de modelos de família, não se deve desconsiderar que mesmo na diversidade a família, sendo o ponto inicial de uma existência, terá na vida do ser ali gerado responsabilidade direta sobre seu futuro.

Para tratar da família de maneira digna, se faz necessário ter em mente que as informações a respeito deste tema e da sua importância para a Igreja não podem conter-se aos grandes debates sinodais e acadêmicos, onde muitas vezes, distante da realidade dura de muitas famílias, a precocidade em relativizar, julgar e condenar toma o lugar da imersão na realidade onde o debate pode ocorrer diretamente com os protagonistas dela.

A riqueza dos documentos eclesiais raramente chega aos olhos e ouvidos de seus fiéis. Se a Igreja que tem como pressuposto o povo de Deus, o fluxo do debate necessita de uma conversão, pois, será a partir das dores que poderá propor o remédio, não de forma paliativa, mas, acima de tudo preventiva e, se necessário curativa.

Se o povo não tem pão, muito menos brioques, ou seja, a falta de envolvimento com a realidade das famílias será sempre um equívoco e redundará certamente em distanciamento e ruptura. Que as reflexões, produções acadêmicas e documentos eclesiais possam ir ao encontro da realidade das famílias, no sentido de, a partir delas construir caminhos que possam colaborar com respostas atuais e acolhedoras, sempre conscientes das responsabilidades que envolvem o tema da família.

Foi possível verificar na sequência do trabalho, a confirmação de nossa hipótese de que: “A Teologia da família na Patrística apresenta uma relação complexa com a família e as relações familiares nos nossos dias. Esta complexa relação será em alguns momentos de consonância e outros de ruptura”.

A consonância revela-se na participação das famílias nas atividades pastorais da Igreja, quando se trata de agentes de pastoral, e mesmo que não haja participação nas atividades da Igreja, a cultura gerada pelo pensamento dos Padres da Igreja, trouxe, de maneira geral, grande influência para nossos tempos. A ruptura se mostra quando cabe ao casal pensar e decidir a respeito de suas possibilidades e opções no que se refere à sua vida pessoal e íntima, assim como da possibilidade de gerar ou não seus filhos, com base na realidade que os cerca.

Sentimo-nos extremamente agraciados pelo percurso percorrido durante esta pesquisa e esperamos conscientes de nossos limites, que este trabalho possa contribuir de alguma forma na atualização do debate a respeito da família e seus desafios em meio à tamanha diversidade que a cerca, assim como na busca de uma conscientização que possa oferecer às famílias, a busca da maturidade e da consciência de suas responsabilidades para consigo e com seu testemunho cristão no mundo.

Se o cristianismo puder evidenciar que nele existe amor e respeito, poderá mostrar com isto um pouco do que pediu Jesus de Nazaré e, com a consciência da necessidade perene do amor que acolhe e cuida gerar seres humanos capazes de construir um mundo consciente de que não se nasce por acaso ou por imposição, mas a partir de uma decisão consciente e amorosa.

Esta tese de doutorado quis trazer uma indagação que se refere à influência do pensamento dos Padres da Igreja, do período chamado Patrística, no modo de ser cristão na atualidade. Após uma varredura por textos que revelam uma história que vai do século I ao século VIII, foi possível verificar que muito do que foi afirmado por eles tem seus ecos na atualidade.

Outro dado importante que a pesquisa revelou, foi o fato de que quando um autor trata as relações entre homem e mulher de maneira negativa, este teve maior influência da cultura greco-romana, em contraste com os autores que assumem mais a perspectiva bíblica e consideram a união entre o casal como mandado divino e fonte amorosa do desenvolvimento humano.

Desde as mais belas e acolhedoras afirmações, até as mais severas imputações, o pensamento dos Padres marca o pensamento da Igreja. Contudo, a

questão que merece relevância se dá no sentido da devida interpretação. A exegese e a hermenêutica serão as grandes ferramentas para que se possa compreender a mensagem eternizada pelos testemunhos registrados na história, porém, atualizando seu sentido de acordo com o contexto.

Para os evangelistas esse tipo de reflexão foi a principal ferramenta no intuito de formar e informar as comunidades de fé. Na sua comum expressão “naquele tempo...”, é possível encontrar um caminho adequado de diálogo entre o contexto da Patrística e a realidade atual, de maneira que, a partir do exemplo dos Padres, a Igreja possa dialogar de maneira mais próxima com seus fiéis.

A importância do testemunho destes Pais da Igreja é imprescindível diante das dificuldades que o cristianismo sempre enfrentará na sua missão evangelizadora. Em seu tempo, cada um deles posicionou-se de maneira profética, ainda que em muitos casos possam ter ocorrido equívocos e exageros, não se calaram nem se omitiram ante os perigos que os cercaram. A mensagem do Evangelho ainda soa como novidade e absurdo diante de um sistema tão cruel como o que o capitalismo impõe à humanidade.

O reconhecimento da Tradição como referencial ao lado das Sagradas Escrituras, revela-se também como um convite aos fiéis, no sentido de que possam visitar, sempre que possível, estes referenciais na busca de conceitos que permitam uma reflexão balizada por testemunhas de uma história que pretende revelar algo sempre maior do que a humanidade em sua precariedade poderá compreender.

11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona, 354-430. **A Trindade**. Coleção Patrística nº7. São Paulo: Paulus, 1995.

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona, 354-430. **Confissões**. Coleção Patrística nº 10. São Paulo: Paulus, 1997.

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona, 354-430. **Solilóquios; A vida feliz**. Coleção Patrística nº 11. São Paulo: Paulus, 1998.

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona, 354-430. **A graça e a liberdade; A correção e a graça; A predestinação dos santos; O dom da perseverança**. Coleção Patrística nº 13. São Paulo: Paulus, 1999.

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona, 354-430. **Dos bens do Matrimônio; A santa virgindade; Dos bens da viuvez: Cartas a Proba e a Juliana**. Coleção Patrística nº 16. São Paulo: Paulus, 2000.

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona, 354-430. **Comentário aos Salmos**. Coleção Patrística nº 9/1. São Paulo: Paulus, 2011.

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona, 354-430. **A fé e o símbolo; Primeira catequese aos não cristãos; A disciplina cristã; A continência**. Coleção Patrística nº 32. São Paulo: Paulus, 2013.

ALBERIGO, G. **A Igreja na História**. São Paulo: Paulinas, 1999.

ANSELMO, Santo, 1033-1109. **Proslógio**. Coleção Os Pensadores nº VII. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1973.

ATANÁSIO, SANTO, 295–373. **Contra os pagãos; A encarnação do Verbo; Apologia ao imperador Constâncio; Apologia de sua fuga; Vida e conduta de S. Antão**. Coleção Patrística Paulus nº 18. São Paulo: Paulus, 2002.

BASÍLIO MAGNO, Santo, Bispo de Cesareia, 330-379. **Homilia sobre Lucas12; Homilias sobre a origem do homem; Tratado sobre o Espírito Santo.** Coleção Patrística nº 14. São Paulo: Paulus, 1998.

BAUMERT, N. **Mulher e Homen em Paulo.** Coleção Bíblica Loyola nº 26. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BENTO XVI, Santo Padre. **Deus é Amor: Carta Encíclica.** São Paulo: On Line Editora, 2005.

BENTO XVI, Santo Padre. **Caritas in Veritate: Sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade.** 2ª edição. São Paulo: Paulinas, 2009.

BERER, M. **Making abortion safe: a matter of good public health policy and practice.** Bulletin of the World Health Organization, 2000.

BESEN, J. A. **História da Igreja: da idade apostólica aos nossos tempos.** Florianópolis: Editora Mundo e Missão, 2012.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA SAGRADA edição de estudos. São Paulo: Editora Ave Maria.

BOAS, F. **A mente do ser humano primitivo.** Petrópolis: Vozes, 2010.

BOEHNER, P.; GILSON, E. **História da Filosofia Cristã.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009.

BOFF, C. **Teoria do Método Teológico.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 1998.

BOGAS. A.; COUTO. M. A.; HANSEN. J. H. **Patrística: caminhos da Tradição cristã.** São Paulo: Paulus, 2008.

BRANDÃO, J. S. **Mitologia Grega vol. I.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda., 2010.

BRAY, G.; ODEN, T.C., RODRIGUES, M.M. **La Bíblia Comentada por Los Padres De La Iglesia: Nuevo Testamento 6, Romanos.** Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 2011.

BROWN, R. E.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento**. São Paulo:Ed. Academia Cristã Ltda; Paulus, 2007.

BUENO, S. **Mini dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: FTD, 2007.

CÂMARA. H. **O deserto é fértil: Roteiro para as Minorias Abraâmicas**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira A.a. 1976.

CAPES. documento de área interdisciplinar disponível em https://www.capes.gov.br/images/Documento_de_%C3%A1rea_2019/INTERDISCIPLINAR.pdf.

CARREZ, M. **Primeira Epístola aos Coríntios**. São Paulo: Edições Paulinas, 1993.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. Promulgado pelo Papa João Paulo II. Notas e comentários: Pe. Jesus Hortal. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

CONCÍLIO VATICANO II. **Gaudium et Spes: constituição pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje**. 15. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Instrução Dignitas Personae: sobre algumas questões de Bioética**. São Paulo: Paulus Editora, Edições Loyola, 2008.

COTHNET, E. **São Paulo e seu tempo**. São Paulo: Edição Paulinas, 1984.

DI BERARDINO, A. **Patrologis IV: Del Concílio de Calcedonia (451) a Beda. Los Padres Latinos. B.A.C. 605**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2011.

DI BERARDINO, A.; FEDALTO, G.; SMONETTI, M. **Dicionário de Literatura Patrística**. São Paulo: Editora Ave Maria, 2010.

EUSÉBIO, Bispo de Cesareia, 265-340. **História eclesiástica**. Coleção Patristica nº 15. São Paulo: Paulus, 2000.

EPICURO. **Antologia de textos**. Coleção Os Pensadores nº V. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1973.

FINKELSTEIN, I.; SILBERMAN, N.A. **A Bíblia Desenterrada: A nova visão arqueológica do antigo Israel e das origens dos seus textos sagrados.**

Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

FRANCISCO, Santo Padre. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia*. Sobre o amor na família.** Brasília, Edições CNBB, 2016.

FRANCISCO, Santo Padre. ***Evangelii Gaudium*. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual.** São Paulo: Paulinas, 2014.

FRANGIOTTI, R. **História das Heresias, Séculos I – VIII: Conflitos ideológicos dentro do Cristianismo.** São Paulo: Paulus, 1995.

FRANGIOTTI, R. **Padres Apostólicos.** Coleção Patrística nº1. São Paulo: Paulus, 1995.

FRANGIOTTI, R. **Padres Apologistas.** Coleção Patrística nº 2. São Paulo: Paulus, 1995.

FRIGHETO, R. **A Antiguidade Tardia: Roma e as monarquias romano-bárbaras numa época de transformações (Séculos II – VIII).** Curitiba: Jururá, 2012.

GORDAY, P.; ODEN, T. C., RODRIGUES, M. M. ***La Biblia Comentada Por Los Padres De La Iglesia: Nuevo Testamento 9, Colosenses, 1-2 Tesalonicenses, 1-2 Timoteo, Tito, Filemón.*** Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 2002.

GREGÓRIO DE NISSA, SANTO ca.335 – ca. 394. **A criação do homem; A alma e a ressurreição; A grande catequese.** Coleção Patrística nº 29. São Paulo: Paulus, 2011.

HEFNER, Philip. *Imago Dei: The possibility and Necessity of the human person.* In:

GREGERSEN, N. H; DREES, W. B.; GORMAN, U., (eds). ***The human person in science and theology.*** Grand Rapids, Michigan: Willian B. Erdmans Publishing Company, 2000.

HEEN, E. M.; KREY, P. D.; ODEN, T. C.; RODRIGUES, M. M. **La Bíblia Comentada Por Los Padres De La Iglesia: Nuevo Testamento 10, Hebreos**. Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 2008.

HOMERO. **Ilíada**. (tradução Carlos Alberto Nunes) 2ªed.. São Paulo: Ediouro, 2009.

IBGE. Disponível em:

https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/box_popclock.php. Acesso em 23/05/2018.

IRINEU, Santo, Bispo de Lião. **Contra as Heresias**. Coleção Patrística nº 4. São Paulo: Paulus, 1995.

IRINEU, Santo, Bispo de Lyon, ca. 130-202. **Demonstração da pregação apostólica**. Coleção Patrística nº 33. São Paulo: Paulus, 2014.

JOÃO 23, Santo Padre. **Mater et Magistra: sobre a questão social à luz da doutrina cristã**. 12ª edição. São Paulo: Paulinas, 2004.

JOÃO CRISÓSTOMO, SANTO. Ca. 347–407. **Da incompreensibilidade de Deus; Da providência de Deus; Cartas a Olímpia**. Coleção Patrística nº 23. São Paulo: Paulus, 2007.

JOÃO CRISÓSTOMO, SANTO. Ca. 347–407. **Comentário às Cartas de São Paulo (vol 1)**. São Paulo: Paulus, 2010.

JOÃO CRISÓSTOMO, SANTO. Ca. 347–407. **Comentário às Cartas de São Paulo (vol 2)**. São Paulo: Paulus, 2010.

JOÃO CRISÓSTOMO, SANTO. Ca. 347–407. **Comentário às Cartas de São Paulo (vol 3)**. São Paulo: Paulus, 2013.

JOÃO PAULO II, Santo Padre. **Familiaris Consortio: sobre a função da família cristã no mundo de hoje**. 24ª edição, 2ª reimpressão. São Paulo: Paulinas, 2012.

JOÃO PAULO II, Santo Padre. ***Slavorum Apostoli: Para comemorar a obra de evangelização dos Santos Cirilo e Metódio no undécimo centenário.*** São Paulo: Paulinas, 1985.

LACOSTE, J, Y. **Dicionário Crítico de Teologia.** São Paulo: Paulinas, Edições Loyola, 2004.

LENZENWEGER, et al. **História da Igreja Católica.** São Paulo: Loyola, 2006.

LOPES, G. **Patrística pré-nicena.** São Paulo: Paulinas, 2014.

LÉVI-STRAUS, C. **As estruturas elementares dos parentesco.** Petrópolis, RJ: Vozes 2012.

[Marcelo Pio de Almeida](#). **O instrumento de avaliação de qualidade de vida da Organização Mundial da Saúde (WHOQOL-100): características e perspectivas.** *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2000, vol.5, n.1, pp.33-38. ISSN 1413-8123. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232000000100004>.

MARSTON, C.; CLELAND, J. **The effects of contraception on obstetric outcomes.** Geneva: World Health Organization, 2004.

MEEKS, W.A. **O mundo moral dos primeiros cristãos.** São Paulo: Paulus, 1996.

MOSER, A. **O pecado: do descrédito ao aprofundamento.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

MORESCHINI, C. **História da Filosofia Patrística.** Tradução Orlando Soares Moreira. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

MORESCHINI, C.; NORELLI, E. ***História de la literatura Cristiana antigua griega y latina (I): Desde Pablo hasta la edad constantiniana. B.A.C. maior nº83.*** Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2006.

MORESCHINI, C.; NORELLI, E. ***Historia de la literatura Cristiana antigua griega e latina (II): Desde el Concílio de Nicea hasta las comienzas de la Edad Média. B.A.C. maior nº86.*** Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2007.

OPORTO, S. G.; GARCIA, M. S. **Comentário ao Novo Testamento**. (Trad. Alceu Luiz Orso). São Paulo: Editora Ave Maria, 2006.

PASCAL, B. **Os pensamentos**. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1973.

PIERINI, P. **A Idade Antiga 1: Curso de história da Igreja**. São Paulo: Paulus, 1998.

PLATÃO. **O Banquete; Fédon; Sofista; Político. Coleção Os Pensadores nº III**. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1972.

PONTÍFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA. **Lexivon: Termos ambíguos e discutidos sobre a família, vida e questões éticas**. Brasília: Edições CNBB, 2014.

QUASTEN, J. **Patrologia I: Hasta el Concílio de Nicea**. B. A. C. 206. Madrid: Biblioteca de Autores Cristiannos, 2004.

RATZINGER, J. Cardeal. **A Natureza e a Missão da Teologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

REALE, G., ANTISERI, D. **História da Filosofia: Patrística e Escolástica v. 2**. São Paulo: Paulus, 2003.

RUIZ DE LAPEÑA, J. L. **O Dom de Deus: Antropologia Teológica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

SANCHES, M. A.; KRUM, J. C.; RIGONI, M. F.; SATO, E. S.; SANTOS, R. B. **Planejamento da Parentalidade no Contexto da Bioética: busca de uma nova abordagem para pesquisa**. 1. ed. Curitiba: PUCPRes, 2015. v. 1. 301p .

SANDI, Stella de Faro e BRAZ, Marlene. As mulheres brasileiras e o aborto: uma abordagem bioética na saúde pública. **Revista Bioética**, 2010; vol. 18 n.1, Brasília:

CFM, p. 131 -153. SCHNEIDER, T.; et al. **Manual de Dogmática**. Vol 1. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SPANNEUT, M. **Os Padres da Igreja (Séculos IV – VIII)**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

TROPIA, U.R.L.Pe. **A semântica de Eros no tempo patrístico**. Disponível em <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/482> Acesso em 29/09/2016.

UOL ECONOMIA. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao>. Acesso em 23/05/2018 às 11;20 h.

VEYNE, P. **História da Vida Privada I: Do Império Romano ao Ano Mil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Unsafe abortion-** Global and regional estimates of the incidence of unsafe abortion and associated mortality in 2008. Geneva, World Health Organization, 2011.

ANEXO A

INSTRUMENTO DE PESQUISA - PLANEJAMENTO DA PARENTALIDADE NO CONTEXTO DA BIOÉTICA

Só responde quem é maior de 18 anos e tenha ao menos 1 filho

As grávidas não devem responder.

1 – Gênero:

1Feminino 2Masculino 3Outro

2 – Idade atual do entrevistado

Entre 18 e 25 Entre 26 e 35 anos Entre 36 e 45 anos Entre 46 e 60 Acima de 60 anos

3 – Grau de sua escolaridade atual:

Não conclui o ensino fundamental Ensino fundamental completo Ensino médio completo
 Curso superior completo Pós-graduação completo

3 – Número de filhos

Consanguíneos	Adotivos	Por Reprodução Assistida
<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2
<input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> ≥4	<input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> ≥4	<input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> ≥4

4 – Religião

Católica Evangélica Afro-brasileira
 Judaica Islâmica Orientais
 Espírita Sem religião Outra. Qual? _____

5 Qual é o grau de sua participação na religião ?

Pouco participante Participante Ministro / Ministérios
 Agente / Obreiro Outro. A – não se aplica

6 – Qual era seu estado civil na gravidez do primeiro filho?

Solteiro Casado Divorciado
 Viúvo União Estável Separado Judicialmente

7 – Qual era seu grau de escolaridade na gravidez do primeiro filho?

Não havia concluído o ensino fundamental
 Já havia concluído o ensino fundamental
 Já havia concluído o ensino médio
 Já havia concluído curso superior

8 – Em que idade você iniciou um relacionamento sexual?

Menos de 15 anos Entre 16 e 18 anos Entre 19 e 21 anos Entre 22 e 25 Acima de 26 anos

9 – Em que idade você teve a primeira gravidez / ou engravidou alguém pela primeira vez?

Menos de 15 anos Entre 16 e 18 anos Entre 19 e 21 anos Entre 22 e 30 Acima de 31 anos

10 – Qual era a sua situação de emprego na gravidez do primeiro filho?

Empregado(a) Desempregado(a) Autônomo(a) Do lar Outro

11 – Com quem você morava quando soube da gravidez do primeiro filho?

Sozinha Com amigos Com os pais Com o(a) parceiro(a) Outro

12 – Você sentiu pressão para ter filhos?

De familiares De amigos Da escola De outros Não houve pressão externa

13 – Se houve pressão externa – a importância desta pressão foi:

Nula Fraca Regular Forte Muito forte

14 – De quem você recebeu mais informações sobre sexualidade?

Dos amigos De familiares Da escola
 De religiosos De profissionais de saúde Da internet Outros

15 – Qual foi a sua reação no anúncio da gravidez do primeiro filho?

Revolta Preocupação Surpresa Aceitação Alegria

16 – Você compreende os filhos como:

Peso Obstáculo Algo natural Um privilégio Bênção de Deus

17 – Quem exerce a chefia da família na tua casa

O homem A mulher O casal Outro

Responda as questões abaixo com notas de zero e quatro:

18 – Você planejou a gravidez do seu primeiro filho?

zero 1 2 3 4

19 – Você pensou nos riscos de saúde relacionados a ter filhos - antes da gravidez do primeiro filho?

zero 1 2 3 4

20 – Você avaliou as condições econômicas para cuidar do bebê - antes da gravidez do primeiro filho?

zero 1 2 3 4

21 – Você chegou a desejar, em algum momento, o aborto do primeiro filho?

zero 1 2 3 4

22 – A gravidez do seu primeiro filho foi um projeto de casal? Decisão dos dois?

zero 1 2 3 4

23 – Você dependeu do apoio da sua família para aceitar a gravidez do seu primeiro filho?

zero 1 2 3 4

24 – A sua atividade profissional (ou de sua companheira) influenciou na decisão de engravidar mais tarde?

zero 1 2 3 4

25 – A possibilidade de adquirir doença alterou a sua prática sexual?

zero 1 2 3 4

26 – A religião lhe influenciou na escolha do método contraceptivo?

zero 1 2 3 4

28 – O uso de preservativos lhe incentivou a ter relacionamento sexual com outra pessoa, além do parceiro?

zero 1 2 3 4

29 – Para você qual a relação entre casamento e ter filhos ?

zero 1 2 3 4

30 – Você teve acesso a serviços/orientações sobre planejamento familiar na gravidez do primeiro filho?

zero 1 2 3 4

31 – Você teve o acesso desejado ao serviço pré-natal na gravidez do primeiro filho?

zero 1 2 3 4

32 – A gravidez do seu primeiro filho ocorreu para segurar um relacionamento?

zero 1 2 3 4

33 – Você engravidou do primeiro filho para alcançar uma melhor situação econômica?

zero 1 2 3 4

34 – Ocorreu alguma dificuldade de se conseguir emprego por ter filho?

zero 1 2 3 4

Responda Sim ou Não

35 - Um dos parceiros não queria filho por já ter filho de outro relacionamento?

Sim Não Não se aplica

36 – Você já assumiu um filho/a sozinho/a?

Nunca Por morte do parceiro/a Por separação Por opção Por outra situação

37 – Você já se separou devido às dificuldades em ter filho? Sim Não

38 – Se você decidiu não ter mais filho, qual o motivo? Opção pessoal Já teve um filho doente Vive com HIV/AIDS Há enfermidades genética na família Casamento com consanguinidade Não se aplica

39 – Você já perdeu um filho menor de 5 anos? () Sim () Não

SÓ RESPONDE QUEM TEM MAIS DE UM FILHO (da 40 a 54)

40 – Qual seu estado civil na gravidez do último filho?

- () Solteiro () Casado () Divorciado
 () Viúvo () União Estável () Separado Judicialmente

41 – Qual era seu grau de escolaridade na gravidez do último filho?

- () Não havia estudado () Estava nas séries iniciais () Havia concluído a 4ª. Série
 () Estava entre a 5ª e 8ª. série () Estava no Ensino Médio () Havia concluído o EM.
 () Estava na Faculdade () Havia concluído a Faculdade

42 – Qual era a sua situação de emprego na gravidez do último filho?

- () Empregado(a) () Desempregado(a) () Autônomo(a) () Do lar

43 – Com quem você morava quando soube da gravidez do último filho?

- () Sozinha(o) () Com amigos () Com os pais () Com o(a) parceiro(a) () Outro

44 - Qual foi a sua reação no anúncio da gravidez do último filho?

- () Revolta () Preocupação () Surpresa () Aceitação () Alegria

Responda as questões abaixo com notas de zero e quatro:

45 – Você planejou a gravidez do teu último filho?

- () zero () 1 () 2 () 3 () 4

46 – Você pensou nos riscos de saúde relacionados a ter filhos - antes da gravidez do último filho?

- () zero () 1 () 2 () 3 () 4

47 – Você avaliou as condições econômicas para cuidar do bebê - antes da gravidez do último filho?

- () zero () 1 () 2 () 3 () 4

48 – Você chegou a desejar, em algum momento, o aborto do último filho?

- () zero () 1 () 2 () 3 () 4

49 – A gravidez do último filho foi um projeto de casal. Decisão dos dois. ?

- () zero () 1 () 2 () 3 () 4

50 – A sua família ajudou na aceitação da gravidez do seu último filho ?

- () zero () 1 () 2 () 3 () 4

51 – Você teve acesso a serviços/orientações sobre planejamento familiar na gravidez do último filho?

zero 1 2 3 4

52 – Você teve o acesso desejado ao serviço pré-natal na gravidez do último filho?

zero 1 2 3 4

53 – A gravidez do último filho ocorreu para segurar um relacionamento?

zero 1 2 3 4

54 – Você engravidou do último filho para alcançar uma melhor situação econômica?

zero 1 2 3 4

ANEXO B

PROJETO: PROPOSTA DE EDUCAÇÃO SEXUAL E REPRODUTIVA PARTICIPATIVA*

Perfil do participante da pesquisa

Sexo:	1 () Feminino	2 () Masculino	
Idade:	1 () Entre 18 e 25	2 () Entre 26 e 35 anos	3 () Entre 36 e 45 anos
	4 () Entre 46 e 60	5 () Acima de 60anos	
Grau de sua escolaridade:			
	1 () Não conclui o ensino fundamental	2 () Conclui Ensino fundamental	
	3 () Conclui Ensino médio	4 () Conclui Curso superior	
Situação de emprego:	1 () Empregado(a)	2 () Desempregado(a)	3 () Autônomo(a)
	4 () Do lar	5 () Outra	
A renda familiar total:	1 () Menos de 1.900 reais	2 () Entre 1.900 e 3.800	
	3 () Entre 3.800 e 9.500	4 () Entre 9.500 e 18.000	5 () Acima de 19.000 reais
Estado civil:	1 () Solteiro	2 () Casado	3 () Divorciado
	4 () Viúvo	5 () União Estável	6 () Separado Judicialmente
Você conversa sobre sexualidade com teu filho/a?			
1 () nunca 2 () raramente 3 () regularmente			
Para você, a sexualidade deve ser tema de estudo na catequese?			
1 () nunca 2 () raramente 3 () regularmente			
Teu filho(a) que está na catequese:			
<input type="checkbox"/> É menino <input type="checkbox"/> É menina <input type="checkbox"/> Tenho dois, de ambos os sexos			

Como você se posiciona quando o seu filho/a busca conviver (ter amizade):

Com pessoas de outro sexo.	1() incentivo	2() aceito	3() tolero	4() desaconselho	5() proíbo
Com pessoas de outra religião	1() incentivo	2() aceito	3() tolero	4() desaconselho	5() proíbo
Com pessoas de outras etnias/cores:	1() incentivo	2() aceito	3() tolero	4() desaconselho	5() proíbo
Com pessoas de outra classe social	1() incentivo	2() aceito	3() tolero	4() desaconselho	5() proíbo
Com pessoas com deficiência	1() incentivo	2() aceito	3() tolero	4() desaconselho	5() proíbo
Com pessoas homossexuais	1() incentivo	2() aceito	3() tolero	4() desaconselho	5() proíbo
Com filhos de pais separados	1() incentivo	2() aceito	3() tolero	4() desaconselho	5() proíbo
Com filhos de presidiários	1() incentivo	2() aceito	3() tolero	4() desaconselho	5() proíbo

Como você se posiciona frente às seguintes QUESTÕES POLÊMICAS: (assinale apenas uma opção)

- A pessoa que praticou o aborto, antes de mais nada:	1() precisa ser acolhida	2() precisa ser questionada
	3() precisa ser excluída do grupo	
- A diversidade de gênero (homens, mulheres, LGBTs) é uma realidade:	1() que deve ser respeitada	2() que deve ser negada
	3() deve ser combatida /perseguida.	
- A adoção de crianças por pessoas	1() deve ser aceita	2() deve ser respeitada

solteiras	3() deve ser proibida
- A adoção de crianças por casais homossexuais	1() deve ser aceita 3() deve ser proibida
	2() deve ser respeitada

***Obs:** Pesquisador responsável: Mário Antônio Sanches, projeto aprovado no Comitê de Ética da PUCPR, n. do parecer: 2.348.501, de 25 de outubro de 2017.

Como você se posiciona se o/a catequista falar dos seguintes assuntos ligados à SEXUALIDADE:

<i>Se o/a catequista falar que:</i> A sexualidade é uma parte importante e valorizada na vida cristã	<i>Você:</i> 1 () incentiva 2 () aceita 3 () tolera 4 () reprova 5 () se revolta
<i>Se o/a catequista falar que:</i> A amor é a força central da vida: que pode nos levar à alegria e prazer e/ou exigir sacrifícios	<i>Você:</i> 1 () incentiva 2 () aceita 3 () tolera 4 () reprova 5 () se revolta
<i>Se o/a catequista falar que:</i> O afeto e o relacionamento sexual não pode ser imposto, forçado ou violento	<i>Você:</i> 1 () incentiva 2 () aceita 3 () tolera 4 () reprova 5 () se revolta
<i>Se o/a catequista falar que:</i> O ato sexual só é recomendado no casamento.	<i>Você:</i> 1 () incentiva 2 () aceita 3 () tolera 4 () reprova 5 () se revolta
<i>Se o/a catequista falar que:</i> Em todas as situações o amor é a condição básica para que o ato sexual seja plenamente humano	<i>Você:</i> 1 () incentiva 2 () aceita 3 () tolera 4 () reprova 5 () se revolta
<i>Se o/a catequista falar que:</i> Homens e mulheres devem ter a mesma responsabilidade frente à sexualidade e o ato sexual	<i>Você:</i> 1 () incentiva 2 () aceita 3 () tolera 4 () reprova 5 () se revolta
<i>Se o/a catequista falar que:</i> É necessário combater a pedofilia e abuso sexual infantil	<i>Você:</i> 1 () incentiva 2 () aceita 3 () tolera 4 () reprova 5 () se revolta
<i>Se o/a catequista falar que:</i> É necessário alertar sobre a pornografia nos diferentes meios de comunicação	<i>Você:</i> 1 () incentiva 2 () aceita 3 () tolera 4 () reprova 5 () se revolta
<i>Se o/a catequista falar que:</i> A masturbação é uma etapa imatura do crescimento para o amor.	<i>Você:</i> 1 () incentiva 2 () aceita 3 () tolera 4 () reprova 5 () se revolta

Como você se posiciona se o/a catequista falar dos seguintes assuntos/temas ligados ao PLANEJAMENTO FAMILIAR:

<i>Se o/a catequista falar que:</i> O(a) filho(a) é dom de Deus e ao mesmo tempo fruto do amor humano	<i>Você:</i> 1 () incentiva 2 () aceita 3 () tolera 4 () reprova 5 () se revolta
<i>Se o/a catequista falar que:</i> Gerar filho(a) é uma responsabilidade humana e deve ser planejado	<i>Você:</i> 1 () incentiva 2 () aceita 3 () tolera 4 () reprova 5 () se revolta
<i>Se o/a catequista falar sobre:</i> O funcionamento do corpo humano em relação à concepção e gravidez	<i>Você:</i> 1 () incentiva 2 () aceita 3 () tolera 4 () reprova 5 () se revolta
<i>Se o/a catequista falar sobre:</i> Os métodos naturais de planejamento familiar	<i>Você:</i> 1 () incentiva 2 () aceita 3 () tolera

(tabelinha, Bilings...)	4 () reprova 5 () se revolta
<i>Se o/a catequista falar sobre:</i> A pílula como método artificial de contracepção e planejamento familiar	<i>Você:</i> 1 () incentiva 2 () aceita 3 () tolera 4 () reprova 5 () se revolta
<i>Se o/a catequista falar sobre:</i> A camisinha como método artificial de contracepção e planejamento familiar	<i>Você:</i> 1 () incentiva 2 () aceita 3 () tolera 4 () reprova 5 () se revolta
<i>Se o/a catequista falar sobre:</i> O DIU como método artificial de contracepção e planejamento familiar	<i>Você:</i> 1 () incentiva 2 () aceita 3 () tolera 4 () reprova 5 () se revolta